

No. 6 dezembro 2021



CONJUNTURA:

UMA LEITURA ALTERNATIVA



No. 6 dezembro 2021 ISSN 3085-6841
GRUPO DE ACOMPANHAMENTO E ANÁLISE DA
CONJUNTURA ECONÔMICA **GAACE - UFCG**

Conselho Editorial

Águida Cristina Santos Almeida
Karla Vanessa B. S. Leite

Organizadores

Águida Cristina Santos Almeida
Karla Vanessa B. S. Leite

GAACE - UFCG

Conjuntura: Uma Leitura Alternativa [recurso eletrônico] Karla Vanessa Batista da Silva Leite; Águida Cristina Santos Almeida (orgs. Do No.) No. 6; EDUFCG; Campina Grande; 2021; p 134.

Eletrônica Anual

Artigos de Opinião

ISSN 3085-6841

1. Economia - Periódico. 2. Ciências Humanas. I. Almeida, Águida Cristina Santos; Leite, Karla Vanessa Batista da Silva. Conjuntura: uma leitura alternativa.

Apresentação

Há onze anos o GAACE iniciou suas atividades e a revista Conjuntura: uma leitura alternativa compõe um dos legados do grupo, registrando a produção dos discentes que atuam no grupo, dando sua contribuição por meio da escrita de artigos de opinião. Os artigos de opinião redigidos contemplam os diversos temas da conjuntura econômica, social e política do Brasil e em menor medida da economia mundial. Ao longo desses onze anos, os discentes que passaram pelo GAACE vêm permitindo que a conjuntura seja ininterruptamente acompanhada, analisada, e registrada.

Ao longo de todo esse tempo assistiu-se ao mandato de diferentes presidentes, pôde-se acompanhar a trajetória de inclusão social e depois o processo que culminou no golpe parlamentar de 2016 e todas as consequências sociais, políticas, econômicas e institucionais decorrentes desse acordo político com vistas à viabilização da aprovação das (contra)reformas constantes no documento “Ponte para o Futuro”. Pudemos acompanhar e refletir acerca da vitória de Jair Bolsonaro em 2018, como consequência das crises em curso e do novo “acordão” político-jurídico-empresarial para manter Lula preso e impedi-lo de disputar as eleições em 2018.

Seguimos em nosso propósito e viemos acompanhando o (des)governo de Jair Bolsonaro, o aprofundamento das crises em curso e sua dramática piora com a chegada da pandemia do covid-19 em 2020. Conscientes da armadilha na qual o Brasil foi metido desde 2015, vamos seguir acompanhando e analisando a conjuntura, com a expectativa de que dias melhores possam vir, embora saibamos o quão difícil está sustentar expectativas otimistas, dado que bem dimensionamos a gravidade do quadro em seus diversos eixos: econômico, social, político, institucional, sanitário.

Contudo, é preciso e necessário seguir resistindo e, sobretudo, ESPERANÇANDO, como muito bem nos ensinou Paulo Freire, que seguirá sendo um gigante imortal da intelectualidade brasileira, registrando que nesse ano de 2021 estamos comemorando o seu centenário.

Com votos de boa leitura que consigamos seguir firmes na resistência e no esperar!

Professora Águia Almeida
Professora Karla Vanessa

Campina Grande, 16 de dezembro de 2021

SUMÁRIO

N.	Título do artigo	Escritor(a)	Pg
1	A indústria da doença: fábrica de covid no brasil	Yukimi Akami Evereux Viana Nascimento	6
2	O “risco Lula” bate em nossas portas?	Daniel César da Silva Patrocínio	9
3	Mudanças climáticas, racismo ambiental e a intensificação das desigualdades	Cíntia Riqueli Bezerra Silva	12
4	A contramão do Brasil, em termos de política emergencial na pandemia, em relação ao mundo	William Bezerra dos Santos	14
5	O Brasil e a sua nova política de abolição ao desenvolvimento econômico	João Victor Silva Barros	17
6	A corrida pela vida: a ópera do Brasil	Pedro Salviano Neto	19
7	O governo do atraso	Ray Raposo Teixeira	22
8	Brasil: quão fundo será esse poço?	Jonathas Nathan Ferreira Alves	25
9	A biopolítica no governo “bolsonaro”	Lucas Diego Souza Ramos	28
10	A pandemia e o prejuízo sobre a aprendizagem: o caso do brasil	Yukimi Akami Evereux Viana Nascimento	32
11	A volta à fome	Cíntia Riqueli Bezerra Silva	34
12	É verdade! Foi necessário fazer uma CPI da COVID-19 no Brasil	João Victor Silva Barros	36
13	O Brasil e o caso do Ministério do Desmatamento	Pedro Salviano Neto	38
14	As manifestações do dia 29	Ray Raposo Teixeira	40
15	Qualificação para nada	William Bezerra dos Santos	42
16	Os impactos causados pela pandemia na vida da mulher brasileira	Nicole Freitas Gois de Siqueira	44
17	A fuga de cérebros e o setor industrial no brasil	Jonathas Nathan Ferreira Alves	46
18	Estados Unidos apresenta sinais de recomeço enquanto Brasil ainda não vê a luz no fim do túnel	Rafael Tavares Requeijo	48
19	Crescimento do pib e a fome no Brasil	Daniel César da Silva Patrocínio	51
20	O vírus Bolsonaro	Daniel César da Silva Patrocínio	53
21	Brasil e meio ambiente durante a pandemia	Thyago Ezequiel de Melo	55
22	Renda basica universal no Brasil pós pandemia	Lucas Diego Souza Ramos	58
23	A privatização da Eletrobras	Cíntia Riqueli Bezerra Silva	61
24	Situação das comunidades indígenas em 2021	Lucas Diego Souza Ramos	63
25	Brasil: por que tão desigual?	Ray Raposo Teixeira	66
26	O turismo brasileiro e a pandemia da COVID-19	Arthur Felipe Vieira Ferreira	68

27	Direitos Humanos: uma reflexão sobre os impactos das minorias sociais afegãs	<i>William Bezerra dos Santos</i>	70
28	O dia em que o Brasil abriu a caixa de pandora	<i>Pedro Salviano Neto</i>	72
29	O crepúsculo democrático latino	<i>Diuary de Mélo Santos</i>	74
30	Insegurança alimentar: o caso brasileiro	<i>Nicole Freitas Gois de Siqueira</i>	76
31	Teimosia	<i>Emanuel Lucas Guerra Sobral</i>	78
32	Elevar os juros para conter inflação de custo?	<i>Nicolas de Macêdo Alves</i>	80
33	O enfraquecimento do antipetismo diante do fracasso do governo Bolsonaro	<i>Júlia Farias V. Caminha</i>	83
34	Crise energética: escassez de chuvas em um país refém das usinas hidrelétricas	<i>Nicole Freitas Gois de Siqueira</i>	85
35	O megazord de crises	<i>Rafael Tavares Requeijo</i>	87
36	Crise na evergrande	<i>Yukimi Akami Evereux Viana Nascimento</i>	90
37	Taxa selic e os seus impactos na economia	<i>Yukimi Akami Evereux Viana Nascimento Lucas Diego Souza Ramos</i>	93
38	O impacto da pandemia do COVID-19 nos gastos público com saúde no Brasil	<i>Arthur Felipe Vieira Ferreira</i>	96
39	O maior obstáculo da economia brasileira	<i>Dênisson Campos de Assis</i>	98
40	Os impactos da crise hídrica no Brasil	<i>Jonathas Nathan Ferreira Alves</i>	100
41	Negacionismo climático e seu perigo	<i>Ray Raposo Teixeira</i>	102
42	Ciência e força popular contra o negacionismo	<i>William Bezerra dos Santos</i>	104
43	Impactos sociais do auxílio (anti)brasil	<i>William Bezerra dos Santos</i>	106
44	O touro da B3	<i>Nícolas de Macêdo Alves</i>	108
45	As dificuldades da realização de políticas fiscal e monetária no Brasil	<i>Nícolas de Macêdo Alves</i>	110
46	Desindustrialização brasileira	<i>Nícolas de Macêdo Alves</i>	113
47	Inflação e a acentuação da desigualdade social	<i>Cíntia Riqueli Bezerra Silva</i>	116
48	Qual é a cara do governo bolsonaro?	<i>Nicole Freitas Gois de Siqueira</i>	119
49	Castigados pela sede	<i>José Thiago Borges da Silva</i>	121
50	NFTs, criptomoedas e o impacto que causam no meio ambiente	<i>Diuary de Mélo Santos Yukimi Akami Evereux Viana Nascimento</i>	124
51	Energia limpa e renovável e a posição do Brasil	<i>Arthur Felipe Vieira Ferreira</i>	128
52	O permanente crescimento das teorias conspiratórias	<i>Júlia Farias V. Caminha</i>	130
53	De fato, o Brasil não é para amadores	<i>Jonathas Nathan Ferreira Alves</i>	132

A INDÚSTRIA DA DOENÇA: FÁBRICA DE COVID NO BRASIL¹

Yukimi Akami Evereux Viana Nascimento²

Águida Cristina Santos Almeida³

Um ano se passou e a situação do covid-19 ao redor do mundo não parece ter se desenrolado bem, exceto para alguns países ricos que conseguiram garantir o acesso às vacinas relativamente mais cedo que a grande maioria dos países do mundo, dentre os quais o Brasil é parte. Apesar da falta de vacinas, o processo de vacinação contra covid-19 no Brasil já começou, mas num ritmo muito lento e parcela expressiva da população parece não entender a gravidade da situação, ou não se importar com a aceleração da taxa de contágio e de adoecimento, como vem acontecendo nos últimos meses. Na verdade, essa postura antecede em muito a chegada das vacinas.

Cientistas Britânicos envolvidos em pesquisas sobre as novas variantes do vírus avaliam o Brasil como uma “fábrica” de variantes capazes de escapar da eficácia das vacinas⁴. Pesquisadores da universidade Imperial College London e da Universidade de Leicester afirmam que lockdowns e outras medidas de contenção são particularmente necessárias durante a vacinação de uma população. Mas ora, precisamos mesmo que especialistas nos digam que o lockdown é a ferramenta mais necessária para o controle da situação? Infelizmente, parece que sim, quando se trata do Brasil, ainda tem pior, pois mesmo que os especialistas alertem sobre a urgência de um lockdown nacional para controlar a pandemia no Brasil, muito pouco vem sendo feito nessa direção. Na verdade, o governo federal se nega a aderir a qualquer tipo de campanha de isolamento e boa parte do empresariado e da população acompanha o governo federal nessa decisão insana.

Eles explicam que é justamente o contato entre vacinados e variantes que propicia o aparecimento de mutações "superpotentes", capazes de driblar totalmente a ação dos imunizantes. E, no Brasil, há uma combinação explosiva para que isso ocorra: vacinação ainda em ritmo lento, variante com a mutação E484k (que dribla anticorpos) e altas taxas de infecção. Para se ter uma ideia da

¹Artigo escrito em março de 2021

²Graduanda em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e integrante do Grupo de Acompanhamento e Análise da Conjuntura Econômica (GAACE) e o Programa de Educação Tutorial (PET – Economia). E-mail: miukiakamievereux@gmail.com

³Professora da Unidade Acadêmica de Economia da UFCG e Coordenadora do Grupo de Acompanhamento e Análise da Conjuntura Econômica – GAACE. No presente artigo foi revisora. Email: aguidasantosalmeida@gmail.com

⁴Link disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56255766?at_custom3=BBC+Brasil&at_medium=custom7&at_custom2=twitter&at_custom4=B23BE4BC-7DA6-11EB-8E4D-25454D484DA4&at_custom1=%5Bpost+type%5D&at_campaign=64

gravidade da pandemia no Brasil, muitos estados já estão entrando na fase vermelha, e pior ainda, outros que já saíram dessa fase, estão voltando, que é a fase crítica onde as transmissões e o número de óbitos estão exageradamente altos, como é o caso dos estados de São Paulo⁵ e Minas Gerais⁶.

O Rio Grande do Sul⁷ está classificado na bandeira preta e, 68,4% do estado está classificado com risco altíssimo de contágio do coronavírus. As cidades nas regiões de Canoas, Capão da Canoa, Caxias do Sul, Erechim, Lajeado, Novo Hamburgo, Palmeira das Missões, Passo Fundo, Porto Alegre, Santa Cruz do Sul e Taquara devem adotar medidas de segurança equivalentes à bandeira preta. A bandeira preta é o caso mais grave, de modo que tudo funciona apenas remotamente, enquanto na vermelha ainda há uma possibilidade de retorno. A educação funciona apenas por ensino remoto, o comércio só abre para a obtenção de itens essenciais, os restaurantes só atendem por entrega, todos os locais de lazer são proibidos, assim como academias.

O estado de Manaus também está em situação crítica, dado que foi o lugar onde começou a ter os primeiros casos da variação do vírus, nomeado de P.1, e que pode culminar numa mutação antivacina. Segundo o virologista Julian Tang, da Universidade de Leicester, no Reino Unido, ao entrar na célula humana e se deparar com uma quantidade ainda pequena de anticorpos da vacina, a variante, ao se replicar, pode promover mutações mais resistentes a esses anticorpos⁸.

Dessa forma, como explicado por Julian Tang, esse movimento em nível biológico e ocorrendo de modo generalizado entre a população, é parte do processo de evolução do vírus, que tenta se adaptar às "adversidades". A pessoa vacinada, porém infectada com a variante, pode passar o vírus mutante adiante se não houver medidas de controle em vigor, como quarentenas, fechamento de comércio e locais de lazer, e resultar num recrudescimento da pandemia, em um nível ainda mais severo.

Como se as medidas sociais de distanciamento que não estão sendo aplicadas e/ou aderidas não fossem o bastante, a mutação E484K, presente na variante de Manaus, afeta exatamente o principal ponto de ligação entre o vírus e as células, tornando o "encaixe" mais eficaz e reduzindo a eficácia dos chamados anticorpos neutralizantes. Pesquisas preliminares apontam redução da eficácia da vacina Oxford-astrazeneca contra a variante da África do Sul com a mutação E484K e o Instituto Butantan está pesquisando o impacto dessas variantes no percentual de proteção da vacina coronavac.

⁵Link disponível em: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/noticias-coronavirus/sp-volta-para-fase-vermelha-em-todas-as-regioes-com-piora-da-pandemia-2/>

⁶Link disponível em: <https://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2021/02/10/sul-de-mg-e-mantido-na-onda-vermelha-e-inicia-6a-semana-na-fase-mais-restritiva-do-minas-consciente.ghtml>

⁷Link disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2021/02/19/bandeira-preta-o-que-muda-com-a-classificacao-de-risco-altissimo-para-a-covid-19-no-rs.ghtml>

⁸Link disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56255766?at_custom3=BBC+Brasil&at_medium=custom7&at_custom2=twitter&at_custom4=B23BE4BC-7DA6-11EB-8E4D-25454D484DA4&at_custom1=%5Bpost+type%5D&at_campaign=64

A P.1 já circula em pelo menos 10 estados brasileiros, além de ser a principal responsável por grande parte das infecções na capital do Amazonas. Mas não fica por aí a situação, a variante de Manaus já foi detectada em 25 países, apesar de todas as medidas de cancelamento de voos para o Brasil, de modo que é bastante claro como o descontrole da doença no Brasil coloca em risco outras nações.

Então, frente a tudo isso que vem acontecendo fica a perplexidade do caos que o Brasil está mergulhado e do quanto a situação ainda pode se agravar. Simplesmente, a ausência de uma gestão minimamente adequada da crise sanitária no Brasil está levando o vírus a fazer seu processo de seleção natural de modo livre e pleno, colocando em risco a eficácia dos imunizantes e todo um esforço em termos de pesquisa e produção que vem sendo feito desde o ano de 2020. Até onde esse caos pode ir? Quantas vidas ainda serão ceifadas para que o entendimento mude e a gestão da pandemia tome um rumo mais acertado, de modo que as vidas passem a ser as variáveis mais importantes em todas as decisões tomadas?

O “RISCO LULA” BATE EM NOSSAS PORTAS?⁹

Daniel Cézar da Silva Patrocínio¹⁰

Ágida Cristina Santos Almeida¹¹

No dia 8 de março do corrente ano, o ministro do Supremo Tribunal Federal, Edson Fachin, anulou as condenações do ex-presidente Lula relacionadas à operação Lava-Jato e com isso devolveu seus direitos políticos. Esse foi o gatilho necessário para que, em questão de minutos, os principais veículos da imprensa tradicional brasileira transbordassem nossas redes com manchetes sobre o “risco Lula” para o Brasil, a sociedade e para a “frágil” instituição chamada de mercado.

Antes mesmo de seu discurso no dia 10, a Ibovespa tombou 4%, a cotação do dólar beirou R\$ 5,88 e a narrativa era a de recriar a ideia do risco Lula que tanto foi usado como ferramenta de manipulação dos humores políticos desde as eleições contra Fernando Collor, nos anos 1990. Ou seja, a estratégia é sempre a mesma, onde Lula estiver, haverá o tal risco Lula.

Mas o que seria o risco Lula? Bem, aos olhos do mercado, o risco Lula seria a presença de um presidente que emergiu na política de base dos sindicatos, que se fez presente na luta trabalhista em momentos muito árduos e que não aceita que a exploração neoliberal corra as bases sociais daqueles que lutavam todos os dias pelos direitos que humanizam a figura do trabalhador, que abre espaço para a luta política por direitos e garantias sociais e pelos direitos humanos. A direita brasileira, sempre alinhada aos interesses vis do mercado, também nunca aceitaria que o trabalhador não fosse escravizado nos moldes modernos do capitalismo industrial contemporâneo, um neoescravidão baseado na uberização do trabalho, o qual submete o trabalhador a uma brutal insegurança, rebaixamento de rendimento, condições degradantes de trabalho, perda parcial ou total de direitos e garantias sociais.

Aos olhos da classe média, a retórica do risco Lula seria o infortúnio de ter a presença de pobres ascendendo socialmente, ocupando espaços que sempre lhes foram negados, tendo a dignidade garantida pelas leis trabalhistas, pelo sistema único de saúde e pela educação pública, gratuita e de qualidade.

⁹ Artigo escrito em março de 2021.

¹⁰ Graduando em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), integrante do Grupo de Acompanhamento e Análise da Conjuntura Econômica (GAACE) e do Programa de Educação Tutorial em Economia (PET – Economia). Email: daniel.cezar@estudante.ufcg.edu.br

¹¹ Professora da Unidade Acadêmica de Economia da UFCG e Coordenadora do Grupo de Acompanhamento e Análise da Conjuntura Econômica – GAACE. No presente artigo foi revisora. Email: aguidasantosalmeida@gmail.com.

Imagine a tragédia de ver seus filhos concorrendo às vagas nas universidades com a filha da faxineira? Ou então, imagine só, o pobre tendo poder de compra para viajar lado a lado no avião com o rico. A classe média teria uma síncope pensando em todo esse “comunismo” que o risco Lula apresenta, que na verdade é apenas inclusão social, fundamental à manutenção e à consolidação de um estado democrático de direito legítimo.

A verdade é que Lula já foi presidente apesar do risco Lula nunca ter saído do ideário das classes dominantes brasileiras. E, para além de críticas pessoais em diversos pontos dos seus oito anos de mandato, ele entregou o país, mais do que muitos presidentes auditados e aprovados pelo mercado e pela classe média. E para não ficar apenas na abstração, vamos aos dados, começando pela educação. O investimento total em educação saltou de 4,3% de para 5,8%, criou-se 14 novas universidades públicas federais, expandindo de 109,2 mil vagas para 222,4 mil vagas(ou seja, mais que dobrou o número de vagas no ensino superior), 202 escolas técnicas federais, além da criação do PNAES (Programa Nacional de Assistência Estudantil) em 2007, com um orçamento de R\$ 125 milhões, que saltou para R\$ 304 milhões em 2010, o número de doutores titulados nos quadros das universidades federais teve um aumento exponencial de 140%¹²¹³.

Quanto aos dados sociais, nós podemos elencar a saída do Brasil do mapa da fome, que inclusive, infelizmente tragicamente os governos Temer e Bolsonaro nos colocaram novamente. A pobreza caiu do patamar de alarmantes 24,3% para 8,4%, a pobreza extrema de 14% para 3,5%, muito em razão do aumento expressivo da formalização no mercado de trabalho e da política de valorização do salário-mínimo, que fez saltar de R\$ 240 em 2003 para R\$ 510 em 2010. Associada à política de valorização do salário-mínimo, estabeleceu-se e ampliou-se os programas de transferência de renda, como os emblemáticos Bolsa Família e Bolsa Escola. E como resultado experimentou-se uma redução histórica do índice de Gini de 0,583 em 2003 para 0,531 em 2010 e, uma queda vertiginosa do desemprego da casa dos 12,3% no começo do seu primeiro mandato para 6,7% no último ano do segundo¹⁴.

Isso sem contar que durante os 8 anos dos mandatos de Lula, o PIB apresentou altas anuais acima dos 3,2% (2005), chegando a crescer em índices entre 5% e 7,6% com exceção do ano de 2009 que, devido à crise econômica internacional em função do estouro da bolha imobiliária norte-americana,

¹²<http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/212-educacao-superior-1690610854/16096-presidente-lula-entrega-campi-de-universidades-e-institutos-federais#:~:text=E%20com%20o%20Reuni%2C%20foram,federativas%20e%20no%20Distrito%20Federal>

¹³<https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2016-08/apos-13-anos-pt-deixa-o-poder-com-avancos-sociais-mas-economia-debilitada>

¹⁴<https://exame.com/brasil/sair-do-mapa-de-fome-da-onu-e-historico-diz-governo/>

o PIB retraiu 0,2%. Cabe registrar ainda do legado deixado por Lula, uma elevação nas reservas internacionais, que saltaram de US\$ 43 milhões, em 2003, para US\$ 249 milhões em 2010.

Comparando os dados que o governo Lula entregou aos de qualquer outro presidente eleito desde a redemocratização, ninguém foi capaz de trazer tão bons resultados à economia brasileira e a sociedade. Por mais que a elite do atraso tente vincular a imagem de Lula a esse tal risco que afundaria o Brasil numa perversão “comunista” ou “marxismo cultural”, como queiram batizar, num escárnio político corrupto e numa desgraça ao mercado, a realidade sempre foi outra. Lula tem uma reputação conciliadora que sempre garantiu avanços sociais significativos, atrelados a regalias ao senhor mercado, que garantiram a expansão da economia nacional.

no discurso de 10 de março recente, que marca o início da corrida eleitoral de 2022, a imagem foi a do Lula pai para o mercado e mãe para o povo. Ele alinhou ambos os interesses em uma imagem centralista que refletia a vontade de dar dignidade ao povo e uma imagem que garantia o balcão de negócios para o mercado. Firme na discussão de garantias social, luta contra o desemprego e combate à pandemia e convidativo na discussão economicista, deixando clara a mensagem de que os empresários lembrem do Brasil durante seus governos¹⁵.

Muita água ainda há de rolar nesse período que antecede as eleições de 2022, mas eu posso garantir que entre a fortemente provável recandidatura do atual presidente Jair Bolsonaro e o vislumbre de um Lula candidato à presidência, a não equivalência política do que ambos representam e o que os resultados de seus governos para o Brasil fazem o risco Lula ir de pesadelo pintado pela mídia tradicional ao sonho de um projeto de nação. Caso o risco Lula bata em vossas portas, eu aconselho que abram e o deixe entrar, afinal sonhar com um Brasil melhor é o que todos os brasileiros deveriam querer, é o que muitos brasileiros querem.

¹⁵ Discurso do ex-presidente Lula em 10 de março de 2021 - <https://www.youtube.com/watch?v=S7mBgWMdBI0>

MUDANÇAS CLIMÁTICAS, RACISMO AMBIENTAL E A INTENSIFICAÇÃO DAS DESIGUALDADES¹⁶

Cíntia Riquele Bezerra Silva¹⁷

Águida Cristina Santos Almeida¹⁸

O impacto das mudanças climáticas vem sendo apontado desde as últimas décadas do século passado e sua relação com fatores raciais, sociais e econômicos. Em um artigo publicado pelo movimento negro dos Estados Unidos em 1980, três em cada quatro aterros de resíduos tóxicos eram localizados em comunidades onde pessoas negras e abaixo da linha da pobreza somavam em torno de 60% dos moradores. Além disso, *The Commission for Racial Justice of the 1.7 million- member United Church of Christ*¹⁹, num estudo feito em 1987, analisou a presença de substâncias tóxicas em todo o país desde 1982. O estudo buscou analisar a relação entre tratamento de armazenamento e eliminação de resíduos tóxicos, usando como recorte a questão de raça, e comprovou que os aspectos raciais da comunidade eram fator determinante para a localização e eliminação de resíduos tóxicos.

Neste contexto, o racismo ambiental se refere a qualquer política, prática ou diretiva que afete ou prejudique, de formas diferentes, voluntária ou involuntariamente, pessoas, grupos ou comunidades por motivos de raça ou cor. Esta ideia se associa com políticas públicas e práticas industriais encaminhadas a favorecer as empresas impondo altos custos às pessoas de cor. [...] A questão de quem paga e quem se beneficia das políticas ambientais e industriais é fundamental na análise do racismo ambiental (BULLARD, 2005).

No Brasil, o desastre socioambiental causado pelo rompimento da barragem que pertencia à empresa Samarco, Vale e BHP na cidade de Mariana (MG), impactou sobretudo negros, dado que mais de 80% da população diretamente afetada era negra²⁰. Ou seja, o impacto ambiental não é democrático, e nem atinge de modo igualitário a todos. Mesmo em um contexto em que não ocorra eventos climáticos extremos ou crimes ambientais, a população negra, indígena e pobre, encontra-se

¹⁶Artigo produzido em março de 2021.

¹⁷ Graduanda do curso de Ciências Econômicas da UFCG, integrante do PET – Economia e do Grupo de Acompanhamento e Análise da Conjuntura Econômica (GAACE).

¹⁸ Professora da Unidade Acadêmica de Economia da UFCG, coordenadora do GAACE. No presente artigo foi revisora. Email: aguidasantosalmeida@gmail.com.

¹⁹ <https://www.nrc.gov/docs/ML1310/ML13109A339.pdf>.

²⁰ PoEMAS-2015-Antes-fosse-mais-leve-a-carga-versão-final.pdf (ufjf.br)

permanentemente sob maior exposição a riscos ambientais. Em São Paulo, por exemplo, Alves (2000)²¹ em seu estudo aponta que na cidade, cerca de 28% da população residente em regiões pobres vivem sob risco ambiental de enchentes ou deslizamentos. Em regiões de classe alta, apenas 9,9% da população está exposta ao mesmo risco.

Ou seja, a segregação do povo brasileiro também tem uma dimensão ambiental, tendo em vista que, o esgoto não tratado, a água não potável, o agrotóxico, os solos pobres e as condições insalubres de moradia e com risco de deslizamento cabem à classe baixa e majoritariamente negra. À classe alta e majoritariamente branca cabem áreas preservadas com ar limpo, água tratada, alimentos orgânicos e casas arejadas com iluminação natural e regulação térmica.

Sendo assim, é fundamental que a construção e a implementação de políticas públicas ambientais e de enfrentamento às mudanças climáticas devem ser idealizadas a partir de aspectos que pensem as singularidades raciais e econômicas. Além disso, pensar em políticas que também busquem promover o acesso, por exemplo, à moradia adequada, à sustentabilidade econômica, à segurança alimentar são caminhos para mitigar as abissais desigualdades que caracterizam o território brasileiro e possuem amplos recortes, como por exemplo, de gênero, raça, região, classe, e questões de ordem ambiental, como vimos nessa breve análise.

²¹Desigualdade ambiental no município de São Paulo: análise da exposição diferenciada de grupos sociais a situações de risco ambiental através do uso de metodologias de geoprocessamento (scielo.br).

A CONTRAMÃO DO BRASIL, EM TERMOS DE POLÍTICA EMERGENCIAL NA PANDEMIA, EM RELAÇÃO AO MUNDO²²

William Bezerra dos Santos²³

Ágida Cristina dos Santos Almeida²⁴

Pouco mais de um ano após os primeiros casos da Covid-19 no Brasil, o país ainda se encontra em uma luta sem fim contra o vírus e suas novas variantes. Nesta última semana, o número de mortes por Coronavírus apresentou recordes a cada dia, sendo ao todo cerca de 15 mil vidas perdidas²⁵ numa única semana. Segundo especialistas boa parte destas mortes é reflexo de políticas malsucedidas desde o início da pandemia. Assim, o Brasil caminha a passos largos para um colapso histórico do sistema de saúde nacional, nas esferas pública e privada.

Desde o início do decreto da emergência mundial para a contenção do vírus, vários países adotaram medidas de segurança em busca da contenção do contágio, das hospitalizações e das mortes. Os países que seguiram as medidas protetivas defendidas pela Organização Mundial da Saúde (OMS), difundindo o uso de máscaras, promovendo políticas de distanciamento social, comprovaram uma rápida diminuição nos números de novos casos e alguns até zeraram a taxa de contágio, a exemplo da Nova Zelândia²⁶.

No caso do Brasil, um estudo feito por pesquisadores da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) chegou à conclusão de que será necessário que o país vacine 2 milhões de pessoas todos os dias, para que o vírus seja contido em um ano. A pesquisa detalha que se mantido uma taxa de imunização da população entre 1 e 2 milhões por dia, cerca de 200 mil vidas podem ser salvas em um ano²⁷.

Frente ao grande número de novos casos e mortes, o sistema público chegou ao limite da capacidade de atendimento, onde em alguns estados, a exemplo de Santa Catarina, o limite de ocupação de leitos de UTI excedeu a lotação em 109%, ao mesmo tempo em que o número de leitos financiados pelo governo caiu em relação ao ano passado²⁸. Toda a tragédia presente é fruto do impacto de políticas

²² Artigo escrito em março de 2021.

²³ Graduando do curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e integrante do Grupo de Acompanhamento e Análise da Conjuntura Econômica (GAACE) e do Programa de Educação Tutorial PET-Economia. Email: william-98-2011@hotmail.com

²⁴ Professora da Unidade Acadêmica de Economia da UFCG, coordenadora do GAACE, e revisora do presente artigo. Email: aguidasantosalmeida@gmail.com.

²⁵ <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/03/19/brasil-registra-2730-mortes-por-covid-em-24-h-e-bate-15-mil-mortes-em-uma-semana-pela-primeira-vez.ghml>

²⁶ <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/10/05/nova-zelandia-afirma-que-venceu-novamente-o-coronavirus.ghml>

²⁷ <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56414769>

²⁸ <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56414769>

de cortes de gastos, que afetam os investimentos e gastos públicos em várias áreas, em especial a saúde que se mostra como a mais necessitada no momento.

Além disso, um estudo feito pela Folha de São Paulo, identificou que os países que reagiram mais rápido ao vírus tiveram quedas menores no Produto Interno Bruto (PIB). Esta pesquisa foi feita usando dados de 62 países, e no caso do Brasil sofreu um recuo de 4,1% (PIB) no ano de 2020 e uma taxa de mortalidade de 67,7 por 100 mil habitantes. Além do mais, dentro da amostra de países escolhida no estudo, o Brasil mantém a pior posição em número de mortes, registrando uma taxa de 130 por 100 mil, sendo maior que o dobro da mediana dos outros países analisados²⁹.

A pesquisa também revela que a rapidez com a qual os Estados reagem à crise sanitária, guarda uma relação direta na mitigação do número de óbitos e do impacto econômico, ou seja, a resposta em termos de ação estatal desponta como a melhor explicação para a contenção das vidas perdidas e dos danos econômicos. Ademais, a comunicação habitual e acessível dos chefes de Estado com a população, em relação aos riscos do vírus e suas formas de prevenção, é considerada instrumento crucial à contenção dos impactos da Covid-19.

Em seu último ano de mandato nos Estados Unidos, o ex-presidente Donald Trump administrou a situação pandêmica com baixa preocupação, adotando uma postura negacionista frente à pandemia, contribuindo para o grande número de casos de pessoas infectadas e mortas no país, colocando os Estados Unidos como país com o maior número de mortos até o presente. Contudo, com a vitória do atual presidente Joe Biden e sua atuação frente à condução da pandemia, adotando uma postura esclarecedora para a população, em relação as medidas tomadas contra o contágio do vírus e a aceleração da vacinação³⁰, reverteu a escalada de contágio e mortes pelo vírus e já vê uma grande redução do número de casos no país.

Em contrapartida, a situação da pandemia no Brasil é bastante desoladora, pois além de não haver apoio do poder executivo na administração da pandemia no país, vários representantes, entre governadores estaduais e prefeitos municipais, deixam-se levar pelas ideologias políticas negacionistas do Presidente e estendem a postura irresponsável e omissa do executivo federal na gestão da pandemia para as gestões nas unidades subnacionais. Ao passo que outros governadores, principalmente do Nordeste, buscam negociações com outras nações, na busca da aquisição de vacinas para os seus respectivos estados, frente à lentidão da vacinação conduzida pelo Ministério da Saúde³¹.

²⁹<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/03/pib-caiu-menos-em-paises-que-reagiram-rapido-a-pandemia.shtml>

³⁰<https://www.poder360.com.br/coronavirus/biden-diz-que-estados-unidos-terao-vacinas-para-todos-ate-fim-de-maio/>

³¹<https://www.redebrasilatual.com.br/politica/2021/03/governadores-se-unem-para-tentar-desmontar-sabotagem-de-bolsonaro-a-vacinas-e-combate-a-covid/>

Infelizmente, a situação atual persistirá sem um horizonte de melhora, como por exemplo, com a redução na taxa de contágio e no número de óbitos, pois as medidas que estão sendo tomadas no momento pelo governo federal, frente ao combate da Covid-19, persistem na negação da gravidade da situação, e a promoção de um duro isolamento social, apontado como única solução pelos especialistas, segue sendo afastada como ação política. E a troca do quarto Ministro da Saúde em meio ao ápice da crise sanitária, não figura como mudança na condução da crise, tendo em vista a postura do novo ministro, muito alinhada com a postura do presidente. Assim, o que resta a toda a população é apostar na ação de alguns governadores estaduais na deliberação de ações para lidar contra o vírus.

O BRASIL E A SUA NOVA POLÍTICA DE ABOLIÇÃO AO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO³²

*João Victor Silva Barros³³
Ágida Cristina Santos Almeida³⁴*

Desenvolvimento econômico, este é um termo da economia que exige avanço, progresso, mas que os brasileiros estão cada vez mais longe de conseguir usufruir. Só no começo de 2021, o Banco do Brasil anunciou o fechamento de 361 agências, o que levou a um corte de cerca de 5 mil empregos³⁵. Além desta notícia, a Ford anunciou o encerramento de sua produção no Brasil, o que inclui a demissão de cerca de 5 mil trabalhadores no Brasil e Argentina. Esta última notícia é terrível para a economia do país, visto que, “de acordo com a consultoria Bright, especializada no setor automotivo, 84,9% dos 138 mil carros vendidos pela Ford no Brasil em 2020 foram produzidos no país”³⁶. É possível que a decisão da Ford e de outras empresas tenha sido ocasionada pela brutal instabilidade política e institucional que vigora no Brasil, desde 2016, agravada pela vitória de Bolsonaro (em 2018) e pela pandemia (em 2020). As falas do Presidente da República são emblemáticas na ampliação das instabilidades, afirmando que o país está quebrado³⁷, além de o Ministro da Economia relatar que não possui um plano para reconstruir a economia brasileira no pós-pandemia. Ou seja, a visível noção de que o país não tem projeto de futuro, associada ao caos institucional e político, agravado pela pandemia, está expulsando o capital estrangeiro para fora do país³⁸.

Além disso, é sabido que desenvolver capacidade de inovar é um dos mais importantes degraus para o desenvolvimento econômico capitalista, visto que, sem inovação é quase impossível obter qualquer evolução tecnológica e industrial. Dito isso, segundo matéria do jornal Folha de São Paulo, o Brasil tem a pior nota em inovação dos últimos dez anos. Para a diretora da Confederação Nacional de Indústria (CNI), “faltam ao Brasil políticas públicas de inovação de longo prazo, uma marca dos países que lideram o ranking internacional de inovação”³⁹. “A inovação é o fator decisivo à competitividade

³² Artigo escrito em março de 2021.

³³ Graduando do curso de Ciências Econômicas da UFCG, integrante do PET – Economia e do Grupo de Acompanhamento e Análise da Conjuntura Econômica (GAACE). E-mail: barros.joaovictos@gmail.com;

³⁴ Professora da Unidade Acadêmica de Economia da UFCG, coordenadora do GAACE e revisora do presente artigo.

³⁵ <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/01/bb-vai-fechar-361-unidades-e-lancar-programa-de-demissao-para-5-mil-funcionarios.shtml>

³⁶ <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/01/ford-vai-fechar-todas-as-fabricas-no-brasil-e-encerrar-producao-no-pais.shtml>

³⁷ <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/01/brasil-esta-quebrado-e-eu-nao-posso-fazer-nada-diz-bolsonaro.shtml>

³⁸ <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/01/brasil-abandonou-toda-e-qualquer-politica-de-desenvolvimento.shtml>

³⁹ <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/09/brasil-sobe-quatro-posicoes-em-ranking-de-inovacao-mas-cni-diz-que-nao-ha-o-que-comemorar.shtml>

das empresas e dos países. Se não há investimento nessa área, como vamos superar as crises superpostas, de saúde, econômica e social?”, questiona a diretora. Com isso, fica evidenciado a falta de apoio por parte do Governo em incentivos que visem investimentos em pesquisas para inovações. Isto faz com que o Brasil regreda cada vez mais em sua busca por graus maiores de desenvolvimento econômico.

Para especialistas da área, uma reforma tributária e o marco legal de startups podem abrir as portas para que o Brasil possa progredir no quesito inovação, visto que, as barreiras em relação a isto vão de burocracia a mão de obra. “Sistemas tributário e regulatório complexos. Falta de estabilidade no financiamento de ciência e pesquisa. Competição frágil entre empresas. Carência de mão de obra qualificada. Essas são as quatro principais barreiras à inovação no país, segundo especialistas”⁴⁰.

Segundo a publicação do Jornal Folha de São Paulo, que realizou um diagnóstico na quinta-feira (25/03), no 4º seminário de inovação no Brasil, para transpor a primeira barreira, a aposta é a reforma tributária, a qual está em tramitação no Legislativo, além do marco legal das startups. Logo, caso a reforma ocorresse, seria possível simplificar o cipoal de impostos brasileiros, além de estimular a inovação. Já em relação ao marco legal, a previsão que está na mesa é que caso ela seja aprovada, ocorreria uma ajuda no estímulo ao investimento. Isso aconteceria devido a desburocratização dos processos de abertura e fechamento de negócios, além de prever regras e critérios para que as empresas sejam consideradas startups. Por seu turno, é importante destacar que a reforma tributária a ser aprovada não considera o caráter fortemente regressivo da estrutura tributária brasileira, e corrigir esse nível alarmante de regressividade também é fundamental à construção de instrumentos ao erguimento de um projeto nacional de desenvolvimento nacional. Além do mais, sem uma agenda de investimento público, num contexto de demanda deprimida, não há possibilidade de o investimento privado deslanchar, mesmo que haja mudanças no marco regulatório

Sendo assim, é importante entender que sem projetos de incentivos para investimentos nas áreas de inovação, é quase impossível alcançar um nível elevado de desenvolvimento econômico. Por isso, é imprescindível que o governo brasileiro crie essas possibilidades, para que um dia possamos usufruir dos benefícios de um país que venha a ter nível minimamente adequado de desenvolvimento humano, social e econômico. Além disso, indagações relatadas no início do texto, feitas por integrantes de altos cargos do governo precisam ser revistas, pois caso isso se torne recorrente, vamos ter cada vez mais investidores importantes retirando seus negócios do Brasil, dificultando ainda mais uma retomada mais consistente de crescimento econômico, contribuindo no alcance de avanços em termos de desenvolvimento econômico.

⁴⁰ <https://www1.folha.uol.com.br/seminariosfolha/2021/03/barreiras-a-inovacao-no-brasil-vao-de-burocracia-a-mao-de-obra.shtml>

A CORRIDA PELA VIDA: A ÓPERA DO BRASIL⁴¹

*Pedro Salviano Neto⁴²
Águida Cristina Santos Almeida⁴³*

Após todo o período de apreensão, medo e incertezas que perdurou pelo ano de 2020 em todo o planeta, em razão do surgimento da pandemia causada pelo COVID-19, as esperanças de toda a população passou a se concentrar em um único ponto, que era o desenvolvimento de uma vacina eficaz, com a finalidade de garantir o fim da pandemia.

O ano de 2020 entrou para a história, não apenas como o ano da pandemia ou da grande quantidade de pessoas que pereceram em decorrência direta da doença como também de forma indireta, devido à contundente ampliação do desemprego e a fome que voltou a assolar uma grande parcela da população. De fato, essas foram e continuam sendo as tristes marcas na saúde e economia globais. Mas outro ponto que pode destacar e que marcará de forma positiva a história da humanidade e o papel do conhecimento científico, foi o desenvolvimento de não apenas uma vacina e sim várias vacinas, que chegaram a ser desenvolvidas e aprovadas para uso em humanos, num período curto de tempo e sem precedentes na história, levando menos de um ano para termos atualmente sete vacinas contra a covid-19 sendo usadas em todo o mundo.

Tal conquista só foi possível graças às cooperações internacionais, as extensivas redes de cientistas de vários países, interagindo juntos e ao investimento massivo, sobretudo dos Estados, em ciência e tecnologia, guiados por protocolos estabelecidos pela OMS. Os países desenvolvedores conseguiram obter todo apoio para o desenvolvimento de vacinas e um ponto chave que pode ser destacado dentro da busca pela descoberta de vacinas, foram os consórcios firmados à distribuição de imunizantes em países menos desenvolvidos, com a finalidade de garantir que a vacina contra a COVID-19 seja um bem universal e acessível, garantindo a sobrevivência das pessoas em todos os países do globo, independentemente dos distintos graus de desenvolvimento exibidos pelos países da economia-mundo.

⁴¹ Artigo escrito em março de 2021.

⁴² Graduando em Ciências Econômicas – UAECN/UFCCG, integrante do PET/Economia/UFCCG e do GAACE/UFCCG. E-mail: pedrosalviano@outlook.com

⁴³ Professora revisora do presente artigo. É professora da Unidade Acadêmica de Economia da UFCCG e Coordenadora do Grupo de Acompanhamento e Análise da Conjuntura Econômica – GAACE.

Um contraponto que atrapalhou essa mesma desenvoltura de cooperação que estava sendo construída, como evidência da falta de apreço pelo bem de sua população, a gestão governamental do Brasil entrou totalmente na contramão de tudo aquilo que estava sendo desenvolvido por parcela majoritária dos países, mostrando o desprezo pela ciência, onde pessoas leigas na medicina colocavam em xeque pesquisas científicas e deturpavam falas de especialistas, colocando uma grande parcela da população contra a ciência. Um ponto de destaque que pode ser explorado no caso da “cooperação do mau” que a presidência da república do Brasil é a protagonista, foi a defesa de medicamentos que supostamente curariam os afetados pelo COVID-19, e assim não seria necessário adotar as medidas de prevenção ao contágio, nem intensificar investimentos ao combate à pandemia, e foi exatamente essa a narrativa que o Presidente utilizou por todo ano de 2020 e início de 2021. Contudo, os medicamentos que conformam o denominado “kit covid” que não possuem eficácia no combate à doença, e essa comprovação vêm de inúmeros estudos feitos, comprovados e publicados mundialmente.

Dentre os principais problemas do Brasil, destaca-se a péssima e irresponsável gestão do governo federal, manifestado no permanente confronto político e ideológico, travado pelo presidente Bolsonaro, numa postura negacionista que só se assevera à medida que a situação se agrava e o número de mortos cresce de modo desgovernado. Em um momento que exigia união e cooperação entre os poderes da república, o presidente e suas comissões passaram negar as vacinas, de maneira que o consórcio liderado pela Oxford chegou a oferecer uma compra antecipada de um lote de vacinas ainda em julho de 2020 e a proposta foi negada pelo presidente. Em seguida houve diversos ataques contra a vacina chinesa, por parte do presidente e o antigo ministro de relações internacionais, Ernesto Araújo. O governo também negou ofertas de compra das vacinas da Pfizer e da Jansen, entre julho e agosto de 2020. Dessa maneira, todas as narrativas negacionistas e conduções errôneas, fez com que o Brasil largasse muito atrasado na corrida pela vacinação da população.

Enquanto diversos países pelo mundo iniciaram seus programas de vacinação, como Estados Unidos, Israel, Inglaterra, Chile, China, dentre outros, o Brasil ainda discutia protocolos e formas de obter as vacinas, anteriormente contestadas e recusadas pelo presidente, e em meio a todo esse caos na lentidão com a qual avança a vacinação no Brasil, enfrenta-se uma nova onda de casos, em termos de contágios e mortes, agora com a presença de novas variantes do COVID-19, que são mais transmissíveis que o vírus original. Diante da piora descontrolada da pandemia, alguns estados voltaram a intensificar medidas de distanciamento social, a fim de evitar um caos nacional, semelhante ao que ocorreu em Manaus no início de 2021, que levou pessoas a morrerem por falta de oxigênio hospitalar.

Ainda como se estivéssemos em uma apresentação de ópera de tema trágico, sendo o Brasil como protagonista em roteiro e cenário, passou-se por quatro mudanças de ministros da saúde; as vacinas avançam em passos lentos, devido à falta de planejamento e ação diretiva; tem-se uma crise

econômica que cresce a cada discurso dado pelo presidente; o desemprego e subemprego massivos, também ascendência; disputas por poder dentro da câmara federal; os três poderes em pé de guerra; o presidente em conflito permanente com prefeitos e governadores; picuinhas e escândalos de corrupção gerados pelos familiares do presidente; e por fim, a vítima de toda essa ópera, é a nossa sociedade, que vem amargando diuturnamente os efeitos da pandemia, maximizados pelo desemprego, pela fome, pelos riscos crescentes de contágio com o coronavírus.

O GOVERNO DO ATRASO⁴⁴

*Ray Raposo Teixeira⁴⁵
Ágida Cristina Santos Almeida⁴⁶*

No dia 11 de março de 2021, completou-se um ano que a OMS decretou a pandemia do covid-19. Atualmente, enquanto alguns países se encontram com a vacinação avançada e já começaram a deixar o coronavírus para trás, o Brasil segue mergulhado na crise sanitária, que só se agrava e compõe a fila com as demais crises: social, econômica, institucional e política. Na verdade, a situação do Brasil em 2021 é pior que uma volta à estaca zero, considerando que as mortes em março de 2021 foram mais que o dobro do total visto em julho de 2020, que era, até então, o mês com mais vidas perdidas no país para a Covid-19. Em março de 2021, foram ao todo 66.868 pessoas que perderam a vida para o coronavírus no Brasil⁴⁷.

Em meio ao colapso do sistema nacional de saúde, é possível questionar: quantas vidas poderiam ter sido preservadas se o governo tivesse tomado as medidas certas, indicadas pela ciência? E quantas vidas ainda serão ceifadas, dada a persistência numa gestão negacionista, politizada e caótica da pandemia? Ao contrário de muitos países, o Brasil tinha uma arma vital para enfrentar essa guerra, que a administração Jair Bolsonaro conseguiu a façanha de desmontar: o Programa Nacional de Imunizações (PNI), criado em 1973 para combater a epidemia da meningite e que virou referência mundial de eficiência em campanhas de vacinação em massa.

Para que o PNI funcione é necessário o insumo principal, a vacina. E é aí que entra o maior problema, apesar de outrora o programa ter chegado a imunizar 10 milhões de crianças em um único dia contra a poliomielite no início dessa década⁴⁸. No caso da pandemia atual, o Brasil demorou para alcançar a marca de 10 milhões de vacinados contra a Covid-19, levando 46 dias para o país fazer o que fazia em apenas um. Atualmente, são pouco mais de 19 milhões de pessoas vacinadas, cerca de 9% da população brasileira. E isso decorre da escolha política de Bolsonaro de não ter comprado as vacinas em

⁴⁴ Artigo escrito em abril de 2021.

⁴⁵ Graduando em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), integrante do Grupo de Acompanhamento e Análise da Conjuntura Econômica (GAACE) e do Programa de Educação Tutorial em Economia (PET – Economia). E-mail: rayraposo@outlook.com.

⁴⁶ Professora da Unidade Acadêmica de Economia da UFCG, coordenadora do GAACE, e revisora do presente artigo. Email: aguidasantosalmeida@gmail.com.

⁴⁷ <https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2021/03/31/marco-de-2021-e-o-segundo-mes-mais-letal-da-pandemia-em-sergipe.ghml>

⁴⁸ <https://oglobo.globo.com/sociedade/vacina/o-brasil-dos-unicos-paises-que-conseguem-em-um-unico-dia-vacinar-10-milhoes-diz-ex-ministro-da-saude-24828648>

2020. Por exemplo, em agosto de 2020, o laboratório Pfizer fez a primeira proposta de venda de 70 milhões de doses para o Brasil. O CEO da farmacêutica chegou a enviar uma carta a Bolsonaro. Contudo, o governo recusou a oferta⁴⁹. Enquanto isso países como Chile, Colômbia, Reino Unido e integrantes da União Europeia negociavam a compra de vacinas, ainda na fase de testes.

Ainda em agosto do ano passado, o tema das vacinas começou a aparecer com mais intensidade nas falas de Bolsonaro, que em uma das falas afirmou: “ninguém pode obrigar ninguém a tomar a vacina⁵⁰”, reforçando uma campanha contra a vacinação. Com essa conduta Bolsonaro contraria uma lei que ele próprio assinou em fevereiro de 2020, que permite a vacinação compulsória como forma de enfrentar a pandemia da Covid-19.

Já em outubro de 2020, o então ministro da saúde Eduardo Pazuello anunciou a compra, pelo governo federal, de 46 milhões de doses da vacina Coronavac, da farmacêutica chinesa Sinovac, desenvolvida em parceria com o Instituto Butantan, ligado ao governo paulista, comandada por João Doria. No dia seguinte, Bolsonaro desautorizou o então ministro da saúde a concretizar a compra, e na oportunidade, referiu-se à Coronavac como “a vacina chinesa de João Doria” e afirmou: “não será comprada⁵¹”, referindo-se à vacina.

Bolsonaro disse ainda não poder fazer “um bilionário aporte financeiro num medicamento que sequer ultrapassou sua fase de testagem”. Chega a ser irônico ver Bolsonaro dizer-se contra o imunizante até que sua eficácia seja “comprovada cientificamente”, após ter passado meses defendendo tratamento precoce para a doença, com cloroquina e outros medicamentos descartados cientificamente como alternativas ao tratamento da Covid-19, após a publicação de sucessivas pesquisas.

Bolsonaro perguntou: “vão ficar chorando até quando?”⁵² e aí eu respondo o seguinte: Os brasileiros continuarão chorando enquanto o coronavírus seguir tirando vidas que poderiam ter sido salvas se os hospitais tivessem mais leitos e equipamentos, fazendo com que os médicos não tivessem que escolher qual paciente salvar, se não houvesse tantos irresponsáveis promovendo eventos de contaminação em massa, e se a cobertura vacinal já fosse maior. E para desafogar o sistema de saúde, cientistas e especialistas afirmam que há somente uma única receita, que um duro lockdown nacional, por mais de 15 dias, associado à aceleração da campanha de vacinação. E as duas saídas estão fora de questão no momento, porque o presidente e o ministro da saúde descartam a possibilidade da adoção de

⁴⁹<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/03/governo-negou-3-vezes-ofertas-da-pfizer-e-perdeu-ao-menos-3-milhoes-de-doses-de-vacina.shtml>

⁵⁰<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/09/02/bolsonaro-diz-que-ninguem-pode-obrigar-ninguem-a-tomar-vacina-especialistas-criticam.ghml>

⁵¹<https://oglobo.globo.com/sociedade/coronavirus/nao-sera-comprada-diz-bolsonaro-sobre-vacina-coronavac-24703879>

⁵²<https://www.poder360.com.br/governo/chega-de-frescura-vao-ficar-chorando-ate-quando-pergunta-bolsonaro/>

uma política rígida de isolamento social e não há doses previstas de vacinas para os meses mais próximos, que permitam um aumento expressivo da vacinação.

Já são mais de 330 mil vidas perdidas, o tempo é implacável na luta contra o coronavírus, que avança rápido num país que vacina tão pouco sua população, sem medidas nacionais para diminuir a circulação de pessoas e incentivar e permitir o distanciamento social e campanhas nacionais à promoção do uso de máscaras. Por isso a cada dia batemos recorde no número de mortes diárias e a expectativa é 100.000 mortos somente no mês de abril, se medidas duras e coordenadas nacionalmente não forem tomadas urgentemente. Enquanto você lê esse artigo mais 6 pessoas morreram de Covid-19 no Brasil. E o tempo continua passando e o número de mortos continua crescendo.

BRASIL: QUÃO FUNDO SERÁ ESSE POÇO?⁵³

Jonathas Nathan Ferreira Alves⁵⁴

Águida Cristina Santos Almeida⁵⁵

Desde março do ano passado, a humanidade enfrenta um dos momentos mais difíceis e críticos da história contemporânea. A pandemia do Covid-19 escancarou uma série de problemas estruturais nas diferentes nações ao redor do globo, independentemente do status econômico exibido. Entretanto, após um ano de pandemia, observa-se que os países desenvolvidos estão, progressivamente, tomando as rédeas da situação e contornando os efeitos nefastos gerados pelas crises econômica, política e social, vindas na esteira da crise sanitária. Saber lidar com esta situação atípica, vale ressaltar, não é tarefa fácil e exige muito foco, determinação e planejamento dos líderes de cada país, pois embora a crise tenha origem sanitária, impactando principalmente a área da saúde, ela afetou outras áreas importantes, sobretudo, a própria economia dos países.

No que concerne ao Brasil, os efeitos gerados pela crise tomaram proporções gigantescas e não apresentam nenhum sinal de melhoria, causando ainda forte instabilidade no país e anseio por mudanças na maioria da população. Inicialmente, a pandemia mostrou que a desigualdade brasileira não está relacionada apenas à renda, mas também ao acesso à saúde, educação⁵⁶, moradia e outras demais condições imprescindíveis a uma vida digna. Concomitantemente a isto, esperava-se que o atual governo tomasse uma postura diferente e adotasse políticas que pudessem contornar ou arrefecer o cenário de desigualdade. Todavia, a situação atual é bastante controversa, pois de um lado, a pandemia escancara a realidade vivida por milhões de brasileiros, de extrema vulnerabilidade social e econômica. Do outro lado, a pandemia revela as consequências que uma gestão imprudente e irresponsável pode causar ao país, seja pela falta de um planejamento público eficiente ou pela interrupção de algumas medidas econômicas tomadas em 2020 e retiradas de modo totalmente prematuro ainda no final de 2020, quando não havia nenhum sinal de que a pandemia estava superada.

⁵³ Artigo escrito em abril de 2021.

⁵⁴ Graduando em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), integrante do Grupo de Acompanhamento e Análise da Conjuntura Econômica (GAACE) e do Programa de Educação Tutorial em Economia (PET – Economia). E-mail: jonathasnathan15@gmail.com

⁵⁵ Professora da Unidade Acadêmica de Economia da UFCG e Coordenadora do Grupo de Acompanhamento e Análise da Conjuntura Econômica – GAACE. No presente artigo foi revisora. Email: aguidasantosalmeida@gmail.com.

⁵⁶ <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/03/pandemia-pode-levar-a-emergencia-de-outsiders-na-america-latina-avalia-cientista-politica.shtml>

De acordo com um estudo feito pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), o Brasil era classificado como o país da América Latina mais preparado para lidar com emergências de saúde pública⁵⁷. No entanto, desde o ano passado, o país vem demonstrando o contrário, com a nomeação de quatro ministros da saúde que mostraram total incapacidade no combate à pandemia.⁵⁸ Enquanto isto, a realidade vivida pelos brasileiros é desafiadora, frente a um cenário com filas enormes de espera nos hospitais, UTIs sobrecarregadas, falta de equipamentos e medicamentos, além da incessante espera pela vacinação, que avança num ritmo super lento. Em relação ao último quesito citado, o Ministério da Saúde disse que o fim da vacinação do grupo prioritário contra a Covid-19 deve ocorrer apenas em setembro⁵⁹. Dessa forma, pode-se inferir uma longa espera pelo restante da população, mantendo o Brasil numa posição péssima frente a vários outros países, no ranking mundial de vacinação.⁶⁰

No que tange aos aspectos econômicos, por sua vez, o rumo tomado pelo país é desafiador em um futuro próximo. Um estudo feito pelo Centro de Pesquisa em Macroeconomia das Desigualdades da Universidade de São Paulo (Made - USP) mostrou que, com o valor menor do auxílio emergencial este ano, o Brasil deve somar 61,1 milhões de pessoas vivendo na pobreza e 19,3 milhões na extrema pobreza⁶¹. Vale destacar que as mulheres e a população negra são as mais afetadas pela piora das condições de vida, que somado a um das maiores taxas de desemprego no mundo para o ano⁶², marcará o país na história do retrocesso social, fragilizando ainda mais a democracia brasileira, que já está restringida desde o golpe parlamentar de 2016. Para ter dimensão da gravidade que isso representa, um estudo feito pelo grupo da Universidade Livre de Berlim revelou que 125,6 milhões dos brasileiros (59,6% da população) não comeram em quantidade e qualidade ideais desde a chegada do novo coronavírus⁶³.

Por conseguinte, as informações aqui apresentadas evidenciam um cenário caótico sob o ponto de vista sanitário, econômico e, sobretudo, social. Entre cloroquina e kits de intubação, um governo totalmente despreparado, pessoas voltando à extrema pobreza e ao mapa da fome, somado a um cenário difícil para o mercado de trabalho. Ou seja, o Brasil está mergulhado numa crise sanitária sem controle, em estado de depressão econômica profunda sem precedentes na história e a indagação que resta para

⁵⁷ <https://www.cartacapital.com.br/saude/bolsonaro-atrapalhou-o-combate-a-pandemia-comprova-estudo/>

⁵⁸ <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2021/03/15/mandetta-teich-pazuello-e-queiroga-os-4-ministros-da-saude-da-pandemia.htm>

⁵⁹ <https://g1.globo.com/bemestar/vacina/noticia/2021/04/21/fim-da-vacinacao-do-grupo-prioritario-contr-a-covid-so-deve-ocorrer-em-setembro-diz-ministerio-da-saude.ghtml>

⁶⁰ <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2021/04/21/painel-da-vacina-entre-paises-do-g20-brasil-esta-em-9-na-aplicacao-de-doses>

⁶¹ <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56843399>

⁶² <https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/04/11/brasil-deve-ter-a-14a-maior-taxa-de-desemprego-do-mundo-em-2021-aponta-ranking-com-100-paises.ghtml>

⁶³ <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/04/mais-de-125-milhoes-de-brasileiros-sofreram-inseguranca-alimentar-na-pandemia-revela-estudo.shtml>

este circo de horrores é: afinal, quão fundo é esse poço? Infelizmente, as expectativas para a economia são desanimadoras, principalmente quando consideramos que o governo atual não reservou dinheiro para combater a pandemia em 2021⁶⁴. Além disso, a crise sanitária segue em 2021 num patamar de gravidade muito maior quando comparada a 2020, num contexto em que a vacinação já deveria estar avançada, caso o governo brasileiro tivesse comprado as vacinas ofertadas ainda em 2020, por diferentes laboratórios.

⁶⁴ <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/04/20/cpi-da-covid-tcu-coronavirus-covid-19-governo-bolsonaro.htm>

A BIOPOLÍTICA NO GOVERNO “BOLSONARO”⁶⁵

Lucas Diego Souza Ramos⁶⁶
Ágida Cristina Santos Almeida⁶⁷

O Brasil vem se tornando o epicentro da doença de Covid-19, alcançando o número de 3.119 mortes no dia 1º de abril de 2021⁶⁸. A causa desse cenário foi uma série de medidas políticas, tomadas pelos representantes políticos, que negligenciaram as medidas de prevenção da doença e agiram para implantar a ideia de “imunização de rebanho”. Contudo, essa ideia é duplamente falha, primeiro, pela perversidade de permitir que a população seja dividida entre fracos e fortes, determinando quem conseguiria viver, o que configura uma ideia “fascista” por excelência. E segundo, pois é falha, considerando que o aumento de contagiados levará a morte de grande parte da população, independente de qual fator seja, ao colapsar o sistema de saúde. Enquanto, o coronavírus se alastrar pelo mundo, causando a Covid-19, atuação desleixada dos governos resulta pôr em risco a vida da população. Para entender a situação da pandemia, é importante analisar o conceito de Biopolítica de Foucault⁶⁹, e o conceito de “Sindemia”.

A Biopolítica é um conceito construído por Michel Foucault, em seu livro “Microfísica do Poder”, utilizado para entender a mudança na dinâmica do Poder Político sobre os mecanismos da sociedade, sendo a ação da política que afeta a manutenção da vida na sociedade. Foucault conceitua essa visão de Poder na sociedade quando se trata da política moderna, após o século XIX, pois antes dessa época, as sociedades eram dominadas pela política ligada a uma autoridade absoluta, fixada em uma pessoa, o Rei, que possuía o poder de condenar uma pessoa à morte, indiscriminadamente, dessa forma, se portar diante do monarca podia significar uma sentença de morte.

A biopolítica faz parte de uma série de conceitos do filósofo Foucault para entender como funciona a atuação do jogo de forças na sociedade. De forma em que, a atuação do Estado é crucial para a proteção da vida e a manutenção do corpo, na sociedade moderna. Através de mecanismos e ferramentas como a gestão da saúde, por meio da construção de hospitais e o avanço dos estudos

⁶⁵Artigo escrito no mês de abril de 2021.

⁶⁶ Graduando do curso de Ciências Econômicas da UFCG, integrante do PET – Economia e do Grupo de Acompanhamento e Análise da Conjuntura Econômica (GAACE).

⁶⁷ Professora da Unidade Acadêmica de Economia da UFCG, coordenadora do GAACE. No presente artigo foi revisora. E-mail: aguidasantosalmeida@gmail.com.

⁶⁸<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2021/04/11/covid-19--coronavirus-caso-mortes-11-de-abril.htm>

⁶⁹Foucault, M. (1978). A governamentalidade. Em Michael Foucault, *Microfísica do poder* (pp. 277-293). Rio de Janeiro: Graal.

médicos, comotambém da fiscalização com a higiene das cidades e da segurança alimentar, assim como pelautilização de novos índices demográficos que averiguam mortalidade infantil e ocontrole da natalidade. São medidas políticas indispensáveis para prolongar a vida dos cidadãos nas cidades.

A biopolítica, portanto, se refere às políticas que afetam a vida dos cidadãos, denotando a atuação do Estado como reguladora da sociedade, permitindo que muitas pessoas convivam entre si. Se o Estado como instituição deixar de realizar suas funções, perde a autoridade para resolver os problemas que surgem na sociedade, e isto se torna um risco para a vida dos cidadãos.

A atuação da política do governo ‘Bolsonaro’ mostra que há a tentativa de adotar a “Imunização de Rebanho”⁷⁰ diante da pandemia, funcionando como catalizador do vírus, promovendo o aumento do número de contágios e mortes, principalmente ao banalizar o distanciamento social e o uso de máscaras. Com o intuito de não parar a economia e sair da pandemia gastando pouco, ao custo das vidas dos cidadãos, se apoiando na ideia racista de “darwinismo social”⁷¹, onde ocorreria a prevalência do indivíduo mais “forte” sobre o mais “fraco”.

E para piorar, o governo ‘Bolsonaro’ na gestão da pandemia gastou cerca de 90 milhões de reais⁷² no começo de 2020 para adquirir os remédios que não possuem comprovação científica para o tratamento da doença⁷³, e o mais repugnante, um remédio que tem se mostrado prejudicial à saúde dos pacientes do país, agravando o tratamento⁷⁴, caracterizando-se um caso de atentado à vida das pessoas. Os motivos para propagar o uso do medicamento ainda pode ser investigado, tendo em vista, que o presidente da república do Brasil tem aproveitado a oportunidade e sua influência para vender remédios, servindo de garoto propaganda da Hidroxi-Cloroquina⁷⁵. Ademais, o governo ‘Bolsonaro’ agiu de forma que sabotou em diversas vezes a vacinação nacional⁷⁶; ao não realizar as compras das vacinas em 2020⁷⁷ e não organizar a campanha de vacinação nacional em tempo hábil. Todas essas ações da biopolítica do Bolsonaro evidenciam seu desprezo pela população brasileira, fundamentando as acusações de “genocida” sob sua pessoa.

⁷⁰<https://congressoemfoco.uol.com.br/saude/deputado-denuncia-bolsonaro-ao-stf-por-opcao-pela-imunidade-de-rebanho/>

⁷¹Teoria da evolução das sociedades desenvolvida no século XIX por Herbert Spencer, deturpando as ideias de evolução de Charles Darwin para justificar teorias eugenistas e racistas.

⁷²<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55747043>

⁷³<https://noticias.uol.com.br/videos/2020/07/09/coronavirus-bolsonaro-recomenda-cloroquina-sem-comprovacao-cientifica.htm>

⁷⁴<http://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/1194-nota-publica-cns-alerta-sobre-os-riscos-do-uso-da-cloroquina-e-hidroxicloroquina-no-tratamento-da-covid-21>

⁷⁵<https://www.terra.com.br/noticias/coronavirus/bolsonaro-vira-garoto-propaganda-em-outdoor-de-cloroquina,c21943413e12ab51e6e1979e2e4c1f6c9mehdt7e.html>

⁷⁶<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/03/desprezo-a-pandemia-e-omissao-por-vacina-se-somam-a-possiveis-crimes-de-responsabilidade-de-bolsonaro-saiba-mais.shtml>

⁷⁷<https://www1.folha.uol.com.br/eqilibrioesaude/2021/03/governo-negou-3-vezes-ofertas-da-pfizer-e-perdeu-ao-menos-3-milhoes-de-doses-de-vacina.shtml>

Notícias como “o governo Bolsonaro reduz programa “Farmácia popular” durante a pandemia”⁷⁸, foram publicados no dia 1º de abril, mostram que a conduta de uma biopolítica que vem afetando a vida dos cidadãos brasileiros desde a vigência da Emenda Constitucional 95, o “Teto de Gastos”, inibindo os investimentos nas áreas de saúde e educação por 20 anos, um fator que tem contribuído para agravar a situação da saúde nacional⁷⁹.

A falta de ação do governo Bolsonaro, no combate a pandemia, é amenizada no pensamento comum da população por associarem as causas da morte como uma ação da força da natureza em consequência da ação do vírus, logo, não haveria culpa dos governantes nisso, negando o caráter político na doença Covid-19. Por acaso, os governantes seriam impotentes diante da ação da Covid-19? Para se entender a situação da pandemia, de modo abrangente, é preciso analisar o novo conceito, adotado pelos cientistas e médicos: a “Sindemia”.

A Sindemia é um conceito usado para abordar problemas mais complexos presentes numa situação de pandemia. A palavra é uma junção dos termos “Sinergia⁸⁰” e “Pandemia”. De modo que, existem muitos elementos presentes num cenário de pandemia que de forma sinérgica, esses elementos sociais se unem potencializando os efeitos da pandemia na sociedade. “Duas ou mais doenças interagem de tal forma que causam danos maiores do que a mera soma dessas duas doenças” (MERRILL SINGER, 1990).

A Sindemia enfrenta não somente a força da natureza pela atuação de um vírus, mas também, um cenário de problemas sociais e desigualdades estruturais que se atuam numa crise e que só podem ser resolvidos no âmbito político e das ações de forma social. A covid-19 é, portanto, uma doença política e sua forma de atuação de combate deve ser com medidas políticas. A evidência da Sindemia se encontra quando se atesta que as pessoas mais afetadas pela doença de Covid-19 são as que já possuem outros problemas de saúde, como diabetes, obesidade, hipertensão, doenças respiratórias crônicas, entre outros. Assim também, a doença tem afetado mais as pessoas mais negras⁸¹ em questão de raça, por estarem ligados também a população mais pobre no Brasil e no mundo.

As medidas recomendadas pela OMS⁸² para evitar o contágio e combater a doença consiste num conjunto de medidas que se potencializam, quando atuam juntas de forma sinérgica, conseguindo neutralizar os elementos negativos que se potencializam para atentar a vida das pessoas, também de forma sinérgica. O distanciamento social, é a medida principal de maneira a se evitar tornar mais lento

⁷⁸<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/04/na-pandemia-governo-reduz-farmacia-popular-que-trata-comorbidades-da-covid.shtml>

⁷⁹<http://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/1288-e-falsa-a-informacao-que-saude-ganhou-r-9-3-bilhoes-com-emenda-do-teto-de-gastos#:~:text=Em%20artigo%20publicado%20na%20Folha,modelo%20vigente%20antes%20do%20teto.>

⁸⁰ Sinergia: Ação simultânea; esforço coletivo; cooperação.

⁸¹<https://www.medicina.ufmg.br/negros-morrem-mais-pela-covid-19/>

⁸² Sistema Mundial de Saúde.

o contágio. Entretanto, o isolamento social, funciona somente, se todos tiverem condição financeira de respeitar o isolamento. Desse modo, o papel de uma ação como o auxílio emergencial constitui uma medida política fundamental e de ação eficaz, somente, se garantir o isolamento social e der sustento para as pessoas no período em que o vírus está circulando e a vacinação não está adiantada.

A fabricação de uma vacina certamente poderá combater o vírus diretamente, embora, se a campanha de vacinação não ocorrer de forma eficaz e rápida, as chances de uma nova cepa de coronavírus surgir aumentam, o que exigirá uma nova vacina e uma nova campanha de vacinação. Todas essas medidas surtem efeito somente com a atuação do Estado como agente da Biopolítica combatendo o vírus e as desigualdades que aceleram a propagação do vírus.

Devemos tratar a crise sanitária atual como uma Sindemia e combater de forma sindêmica os efeitos sociais, ambientais, sanitários e econômicos. Ademais é provável que enfrentemos sucessivas crises sanitárias, que poderão surgir no futuro da humanidade, ao não tratar os problemas de forma interligadas entre si. As sociedades que não abordam os problemas de forma integrada, não estarão a salvo dentro do raio de atuação da Biopolítica da Morte de políticos tipo “Bolsonaro”.

A PANDEMIA E O PREJUÍZO SOBRE A APRENDIZAGEM: O CASO DO BRASIL⁸³

*Yukimi Akami Evereux Viana Nascimento⁸⁴
Águida Cristina Santos Almeida⁸⁵*

Escrevi em março do corrente ano um artigo falando sobre a situação da pandemia do covid-19, após um ano de pandemia no Brasil. Dessa vez a abordagem se voltará para o impacto da pandemia sobre a educação no Brasil, com foco na educação básica, considerada o alicerce para os demais níveis de formação educacional.

Pesquisa⁸⁶ divulgada na terça-feira, dia 27/04 de 2021, pela gestão do Governo de São Paulo avaliou que 20,7 mil alunos do 5º e 9º anos do ensino fundamental e do 3º ano do ensino médio, todos da rede pública estadual de São Paulo, com o objetivo de medir o impacto do ensino remoto, buscando entender em qual magnitude os estudantes precisam avançar neste ano letivo para alcançar o mesmo resultado alcançando pelos alunos lotados nos mesmos níveis, dois anos atrás.

A pesquisa referida constatou uma queda geral no aprendizado dos alunos, tomando como referência a comparação entre o ano de 2019 com o ano de 2021 em curso, ou seja, avaliando o antes e o depois da pandemia. Os pesquisadores estimam com base no Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) que serão necessários vários anos para que os alunos recuperem a aprendizagem perdida devido à pandemia.

Segundo a pesquisa referente ao desempenho em matemática, os alunos do 5º ano tiveram um declínio na aprendizagem que alcançou os patamares de 2007, ou seja, patamar registrado há 14 anos. A piora é ainda maior quando se analisa o 3º ano do Ensino médio, alcançando médias equivalentes aos patamares registrados no ano de 2005, 16 anos atrás.

No mesmo dia em que foi divulgada a pesquisa, o secretário estadual de Educação, Rossieli Soares, apresentou diversas ações para mitigar os efeitos da pandemia sobre a aprendizagem, dentre elas o esforço de promoção de retorno às aulas presenciais, com investimentos em itens de segurança

⁸³Artigo escrito em maio de 2021

⁸⁴Graduanda em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e integrante do Grupo de Acompanhamento e Análise da Conjuntura Econômica (GAACE) e o Programa de Educação Tutorial (PET – Economia). E-mail: miukiakamievereux@gmail.com

⁸⁵Professora da Unidade Acadêmica de Economia da UFCG e Coordenadora do Grupo de Acompanhamento e Análise da Conjuntura Econômica – GAACE. No presente artigo foi revisora. Email: aguidasantosalmeida@gmail.com

⁸⁶Link disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/04/27/sp-estima-de-1-a-11-anos-o-tempo-para-recuperar-aprendizagem-de-lingua-portuguesa-e-matematica-perdida-por-alunos-na-pandemia.ghtml>

sanitária (álcool em gel e máscaras) e mudanças na distribuição de orçamento para as unidades escolares.

Contudo, a questão do retorno das aulas presenciais, com a reabertura das escolas, é uma decisão muito complexa de ser tomada, sobretudo com base em promessas políticas que conflitam com uma prática de desmonte que está acontecendo na educação.

Segundo a Campanha Nacional pelo Direito à Educação seria preciso investir R\$ 46 milhões para garantir o retorno seguro às salas de aula. Mas o orçamento do Ministério da Educação (MEC) teve redução de 27%, segundo a entidade. Além disso, sobre um montante reduzido de recursos, o governo ainda bloqueou R\$ 2,7 bilhões dos recursos da educação - o maior corte entre todos os ministérios. A redução ocorre em um momento em que seria preciso fazer obras para ampliar espaços, garantir maior ventilação, instalar pias para lavagem das mãos, por exemplo⁸⁷.

Sabendo que na prática a promessa se torna incompatível com a gestão fiscal que só subtrai recursos das áreas sociais e, também devidos aos desmontes ocorridos em diversos setores sociais do Brasil, incluindo-se o da educação, chega-se em um ponto também cultural e estrutural. Talvez seja rigoroso dizer isto, mas não adianta a ideia de reabrir as escolas arriscando a vida de inocentes em meio a esta pandemia, dadas condições insuficientes de biossegurança, apesar da centralidade da presencialidade nos processos de aprendizado, considerando o modelo educacional que está posto, histórica e estruturalmente, que é um modelo fortemente dependente da presencialidade.

⁸⁷Link disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2021/05/02/leitura-regrediu-escrita-tambem-maes-e-alunos-falam-do-retrocesso-na-aprendizagem-identificado-em-pesquisa.ghml>

A insegurança alimentar existe em vários graus, desde quando é necessário substituir um alimento por algo mais barato até quando as pessoas passam fome. O Brasil foi o país que deixou o mapa da fome em 2014, mas segundo os dados da pesquisa “Efeitos da pandemia na alimentação e na situação da segurança alimentar no Brasil⁹¹”, coordenada pelo do Grupo de Pesquisa Alimento para Justiça: Poder, Política e Desigualdades Alimentares na Bioeconomia, com sede na Universidade Livre de Berlim, dos domicílios brasileiros 59% apresentam insegurança alimentar. Isso equivale a mais de 125 milhões de brasileiros que não se alimentam de maneira adequada devido ao coronavírus. Cabe ressaltar que para muitos a escassez já ocorria antes mesmo da chegada do coronavírus. Segundo pesquisas do IBGE, a maioria dos domicílios em situação de IA consumia irregularmente (menos de cinco vezes na semana) alimentos saudáveis como carnes, legumes e frutas. Com a pandemia, esse índice subiu para mais de 85% e acelerou um processo que já havia sido identificado.

A pesquisa ainda avaliou os níveis de insegurança alimentar no país e destaca que o cenário ainda é pior para os beneficiários do Bolsa Família, que enfrentam os maiores níveis de insegurança alimentar no país, com 88,2%. Destes, 35% passam fome e outros 23,5% convivem com um nível moderado de insegurança alimentar. Em domicílios com crianças de até 4 anos os índices de insegurança alimentar são ainda mais críticos do que a média nacional: 29,3% destes domicílios comem em quantidade e qualidade ideal, enquanto 70,6% vivem algum nível de insegurança alimentar. Sendo 20,5% aqueles que passam fome.

Outro retrato da pesquisa é a situação apresentada para as mulheres: a fome está presente em 25,5% das casas chefiadas por mulheres, quase o dobro da encontrada em domicílios em que a pessoa de referência é um homem, que representa 13,3%. Quando a mulher é negra, a insegurança sobe para 67,5%.

Neste contexto, o auxílio emergencial contribuiu para atenuar os efeitos da insegurança alimentar: 63% das pessoas que o receberam admitiram usá-lo para comprar comida. Ainda assim, a IA era alta.

⁸⁸ Artigo escrito em Abril de 2021

⁸⁹ Graduanda do curso de Ciências Econômicas da UFCG, integrante do PET – Economia e do Grupo de Acompanhamento e Análise da Conjuntura Econômica (GAACE).

⁹⁰ Professora da Unidade Acadêmica de Economia da UFCG, coordenadora do GAACE. No presente artigo foi revisora. Email: aguidasantosalmeida@gmail.com.

⁹¹ <https://refubium.fu-berlin.de/handle/fub188/29813?show=full>

Os dados mostram as desigualdades alimentares não apenas como reflexo da renda, mas também de desigualdades de gênero, raça ou cor, regiões e entre áreas rurais e urbanas.

Em 2019, o governo extinguiu o Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, deixou de convocar a sociedade civil por meio da Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional e cortou o orçamento dos programas de aquisição de alimentos da agricultura familiar e de alimentação escolar. As políticas de incentivo a um modelo agro exportador de commodities têm se intensificado, sem mediações sobre seu impacto na oferta nacional de alimentos. Além disso, o teto de gastos, o fim da política de valorização do salário mínimo e fragilização dos direitos trabalhistas, os altos níveis de desemprego, a alta da inflação e dos preços de alimentos em 2020 pioraram o acesso da população aos alimentos.

É VERDADE! FOI NECESSÁRIO FAZER UMA CPI DA COVID-19 NO BRASIL⁹²

João Victor Silva Barros⁹³

Ágida Cristina Santos Almeida⁹⁴

Sim, é verdade, o Brasil que terminou abril de 2021 com cerca de 400 mil mortes pela COVID-19, iniciou uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI), no fim do referido mês, para que fossem apuradas as ações e omissões do governo Federal durante o período da atual Pandemia, que se iniciou em março de 2020. Me causa tristeza estar discutindo sobre isso, pois durante um período tão difícil, não só para o Brasil, mas sim para todo o mundo, foi necessária a abertura de uma CPI para investigar ações e omissões do atual governo.

Dito isso, me questiono, ilusório ou otimista quem pensou que estaríamos num ápice de vacinações em massa durante o ano de 2021? Difícil responder tal questão, e digo o porquê. O pensamento ilusório nos remeteria a uma situação em que saberíamos que estávamos enganados sobre uma vacinação em massa elaborada pelo atual governo Federal, ou seja, não acreditaríamos em tal acontecimento e só estaríamos vislumbrando um futuro utópico. Por outro lado, temos o otimismo. Este é um pensamento confiante, em que acreditamos no próximo e que tudo vai sair de acordo com a lógica, e o lógico é a vacinação em massa, certo? Pois bem, quando digo que tal questão levantada é difícil de ser respondida é porque estou me colocando no lugar das milhares de pessoas de perderam familiares, amigos, colegas. Além disso, se foram 400 mil mortes, no mínimo, o dobro de pessoas está triste e sentindo falta de alguém que perdeu para esta doença. Então, quando me colocando em seus lugares, digo que elas têm um certo otimismo quando perguntado se ela acredita numa vacinação que atingirá milhões de pessoas em pouquíssimo tempo, porque só este sentimento, para ter um pouco de esperança em um período tão difícil para elas. Logo, é compreensível que o otimismo seja um pensamento atual.

Porém, quando trazemos para a realidade, é ilusão, a vacinação em massa em pouco tempo, no Brasil. Trago este ponto da vacina, pois só ela quem consegue desacelerar e combater realmente esse vírus. Porque na CPI, que está ocorrendo agora no mês de maio, o que estamos vendo é a omissão por compras de vacinas, caso este comprovado na comissão, em relação as vacinas oferecidas pela Pfizer no

⁹²Artigo escrito em maio de 2021.

⁹³Graduando do curso de Ciências Econômicas da UFCG, integrante e bolsista do PET – Economia e do Grupo de Acompanhamento e Análise da Conjuntura Econômica (GAACE). E-mail: barros.joaovictos@gmail.com;

⁹⁴Professora da Unidade Acadêmica de Economia da UFCG, coordenadora do GAACE e revisora do presente artigo. E-mail: aguidasantosalmeida@gmail.com.

fim do ano passado, e que o governo brasileiro sequer respondeu a proposta oferecida pela mesma. Além disso, vimos a autointitulada “Capitã Cloroquina”, secretária do Ministério da Saúde, questionando o maior órgão de Saúde do mundo, a OMS, e os diversos estudos que comprovam que o medicamento Hidroxicloroquina não é eficaz no combate ao vírus da COVID-19. Este são dois pontos dos diversos que já foram discutidos na comissão.

Dito isso, sou totalmente a favor de uma CPI eficaz, pois é necessário que haja interesse, proatividade e comprometimento por parte dos senadores, para que as pessoas responsáveis pela omissão e más ações deste atual governo durante esta pandemia sejam punidos e que também percam seus cargos, se ainda continuam dentro das instituições. Para que assim, tenhamos justiça neste país, que perdeu centenas de milhares de pessoas por incompetência do atual governo em promover o negacionismo e a contestação da ciência num momento em que os brasileiros mais precisaram de apoio.

O BRASIL E O CASO DO MINISTÉRIO DO DESMATAMENTO⁹⁵

*Pedro Salviano Neto⁹⁶
Ágida Cristina Santos Almeida⁹⁷*

O Brasil desde seu princípio como “terra colonizada”, vem vivenciando suas matas sendo derrubadas de forma irresponsável por séculos e séculos, porém a partir dos anos 2000, a questão ambiental no Brasil passou a ter um enfoque em combater a degradação ambiental que por muitos anos não se tinha o menor cuidado.

Em um Brasil onde viu mais de a metade da mata atlântica ser derrubada, em um Brasil onde quilômetros e quilômetros de terras são devastados pela mineração ilegal, em um Brasil onde comunidades indígenas são destruídas e índios são mortos por degradadores ambientais, em um Brasil onde vivenciou a uma serra ser devastada em busca de ouro e por ele dezenas de garimpeiros foram mortos em um massacre, como foi no caso da serra pelada no estado do Pará. Não sendo apenas esses os casos ultrajantes que envolve nossas matas e nossos povos, mas nossa história como nação guarda inúmeros casos de desastres ambientais e humanos, causando pelos degradadores.

Com o advento dos anos 2000, e a questão ambiental se tornando um fator de interesse mundial, o Brasil nesse período passou a adotar políticas que visavam dificultar e reduzir o desmatamentos nas florestas ciliares, intensificando investimentos em fiscalização e proteção aos povos indígenas, como também, no ano de 2012 foi aprovado o código florestal no qual obrigava os produtores rurais a manter as florestas originais ou reflorestar, de 10% a 20% de suas propriedades, como também, foi dada autonomia aos órgãos fiscalizadores (IBAMA, ICMBio), e graças a essas ações o Brasil viu uma redução considerável no desmatamento entre os anos de 2005 até 2015, como mostra no portal do ministério do meio ambiente⁹⁸, logo após esse período os índices de desmatamento voltaram a crescer anos após ano.

O fator principal que evidencia essa mudança de postura ambiental no Brasil nos últimos anos, vem da gestão governamental, desde o governo Temer, que adotou uma postura de desmantelamento

⁹⁵ Artigo escrito em maio de 2021.

⁹⁶ Graduando em Ciências Econômicas – UAECN/UFCEG, integrante do PET/Economia/UFCEG e do GAACE/UFCEG. E-mail: pedrosalviano@outlook.com

⁹⁷ Professora revisora do presente artigo. É professora da Unidade Acadêmica de Economia da UFCEG e Coordenadora do Grupo de Acompanhamento e Análise da Conjuntura Econômica – GAACE.

⁹⁸ <http://educaclima.mma.gov.br/graficos-desmatamento-da-amazonia-e-do-cerrado-em-2019-e-mais-27-novos-graficos-da-sociedade-civil/>

das estruturas governamentais, principalmente na gestão ambiental, e com a entrada do governo Bolsonaro dando carta branca para o ministro Salles interferir como bem desejar na questão ambiental.

A partir do governo Bolsonaro, a gestão ambiental do Brasil entrou em uma situação de frangalhos, pois foi dada preferências aos interesses da bancada ruralista, o ministro do meio ambiente, passou a desaparelhar os órgãos fiscalizadores, como também a descredibilização dos dados de desmatamento do IMPER, a proteção direta por parte do ministro aos madeireiros. Como recentemente, foi aprovado no congresso uma pauta da bancada ruralista no qual, determinados empreendimentos passam a ter autonomia para definir o que é ou o que não é uma atividade de degradação ambiental.

Os pontos citados anteriormente são apenas uma fração das irregularidades vivenciada na gestão Salles dentro do ministério do meio ambiente, porem na última semana a Policia Federal realizou uma operação na qual visa investigar suspeitas de corrupção e interferência direta de membros do governo, no qual vinham a facilitar o contrabando de madeira e instalação de garimpos ilegais, sendo assim a PF cumpre 35 mandados de busca no Distrito Federal, São Paulo e Pará determinados pelo ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal.

AS MANIFESTAÇÕES DO DIA 29⁹⁹

*Ray Raposo Teixeira¹⁰⁰
Karla Vanessa B. S. Leite¹⁰¹*

O mundo inteiro está sendo afetado pela pandemia covid-19, mas, no Brasil, o vírus encontrou terreno fértil para transmissão. O fato é que a situação por aqui é muito pior e maior do que em outros lugares do planeta: dia após dia, fica evidente que o país foi o que mais resistiu a tomar medidas de combate ao coronavírus, que vão desde a aquisição de vacinas até as medidas de distanciamento social.

Infelizmente, no nosso país, a covid-19 já matou mais de 474.614 pessoas¹⁰². Por trás desses números, está a negação catastrófica que o governo Bolsonaro adotou como política de propagação da doença. Mais de 16 milhões de brasileiros já foram infectados. Esses números extremamente altos são os resultados da necropolítica, adotada pelo atual Presidente da república e endossada por parte considerável dos médicos, dos empresários e do exército.

Desde o início da pandemia, as ruas eram território quase que exclusivo de apoiadores e do próprio presidente. Agora não mais. No dia 29 de maio, entretanto, milhares de manifestantes foram às ruas em mais de 200 cidades do país, em todos os estados da federação e no DF, com grandes concentrações em São Paulo e no Rio de Janeiro, pois, em meio à uma pandemia, quando as ações do governo são mais perigosas que o vírus, o povo tem que e precisa ir para a rua.

Com pautas diversas, os protestos pediram o impeachment de Bolsonaro, a aceleração da vacinação contra a covid-19 e o aumento do valor e extensão por mais tempo do auxílio emergencial. A mobilização foi organizada por partidos de oposição ao governo, movimentos sociais, organizações sindicais e entidades estudantis. A recomendação para a utilização de máscaras teve ampla adesão de manifestantes, mas ainda houve algumas aglomerações em diversos locais, em descumprimento às regras de distanciamento social sugeridas por especialistas para conter a disseminação da Covid-19.

No Recife, após ação da tropa de choque da Polícia Militar, a vereadora Liana Cirne (PT) foi atacada com gás de pimenta ao tentar negociar com policiais que estavam em uma viatura. Além do

⁹⁹Artigo escrito em junho de 2021.

¹⁰⁰ Graduando em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), integrante do Grupo de Acompanhamento e Análise da Conjuntura Econômica (GAACE) e do Programa de Educação Tutorial em Economia (PET – Economia). E-mail: rayraposo@outlook.com.

¹⁰¹ Professora Adjunta IV da UAEF/UFCG, Tutora do PET – Economia e integrante do GACE. No presente artigo foi revisora. E-mail: kvanessaleite@gmail.com.

¹⁰² <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/06/07/brasil-completa-20-dias-de-estabilidade-em-patamar-elevado-de-mortes-por-covid-media-movel-e-de-1664-por-dia.ghtml>

mais, dois homens perderam parte da visão depois de serem atingidos por balas de borracha disparadas pela Polícia Militar durante a manifestação pacífica na área central do Recife¹⁰³, uma forma extremamente agressiva e despreparada de quem deveria dar assistência à população. Três dias depois da ação violenta o comandante da Polícia Militar de Pernambuco Vanildo Maranhão pediu a exoneração do cargo¹⁰⁴.

No dia 31 de maio, o presidente Jair Bolsonaro, ao falar para apoiadores na saída do Palácio da Alvorada, tentou minimizar as manifestações do dia 29 debochando delas: “Você sabe por que tem pouca gente nessa manifestação da esquerda, agora, no último fim de semana? Porque a PF e a PRF tão prendendo muita maconha pelo Brasil. Então, faltou erva, faltou erva, faltou erva para o movimento aí”¹⁰⁵. Mas, na verdade, as manifestações não foram pequenas e refletiram a insatisfação de parte considerável da população não apenas com a condução da pandemia, mas da agenda econômica e social, de uma forma geral.

Portanto, a razão pela qual nosso país tem uma posição tão triste se deve, em grande parte, ao desrespeito do governo Bolsonaro pela saúde das pessoas, incentiva a aglomeração, desestimulando o uso de medidas de proteção, negando-se, por diversas vezes, a adquirir vacinas e estimulando tratamentos que carecem do mínimo de evidência científica. Enquanto os governos de muitos países estão trabalhando para lutar contra esta doença, Bolsonaro está destruindo as medidas eficazes para combater a pandemia. É possível que o Brasil seja o único país no qual as pessoas precisam lutar, ao mesmo tempo, contra a covid-19 e um governo desastroso, nos mais diversos aspectos, que deixará sua marca na história por ter sido direta e indiretamente responsável pela maior tragédia humanitária desse país.

¹⁰³<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/05/homem-perde-visao-de-um-olho-apos-ser-atingido-por-bala-de-borracha-disparada-em-ato-contra-bolsonaro-no-recife.shtml>

¹⁰⁴ <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2021/06/01/pm-de-pernambuco-troca-de-comando-tres-dias-depois-de-acao-violenta-durante-protesto-no-recife.ghtml>

¹⁰⁵ <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2021/05/4928021-bolsonaro-minimiza-atos-contra-o-governo-teve-pouca-gente-e-faltou-erva.html>

QUALIFICAÇÃO PARA NADA¹⁰⁶

William Bezerra dos Santos¹⁰⁷

Karla Vanessa B. S. Leite¹⁰⁸

Os últimos anos, para os jovens brasileiros em busca da construção de suas carreiras, tem sido cada vez mais arrasadores e desanimadores. Grande parte dos profissionais formados nas diversas áreas das ciências, estão indo em busca dos seus objetivos profissionais em outros países. A que se deve esse fato? Quais as alternativas possíveis para os jovens que não veem possibilidades e não conseguem exercer seus conhecimentos adquiridos em suas áreas de formação, no Brasil?

Nos anos iniciais do século XXI, grande parte das políticas sociais implementadas na gestão do Partido Trabalhista contribuíram para a valorização dos trabalhadores brasileiros. Pela primeira vez na história, muitos jovens das camadas sociais mais baixas conseguiram adentrar o mundo trabalhista com profissões relativamente bem remuneradas. Programas de incentivo de incentivo à inserção em universidades públicas e privadas, como o sistema de cotas utilizado pelo Sistema de Seleção Unificada (SISU), Financiamento Estudantil (FIES), Prouni (Programa Universidade Para Todos) entre outros, permitiram que filhos de pedreiros, faxineiras, lixeiros fossem à universidade pública.

Contudo, após a recessão iniciada em 2015, políticas e reformas voltadas a redução de gastos em diversas áreas, especialmente as sociais como educação e também na área de ciência e tecnologia, estão tornando cada vez mais o ambiente para os jovens da atualidade um mar de desilusão. Grande parte destes jovens não estão sendo absorvidos pelo mercado de trabalho formal pela falta de oportunidades de trabalho qualificado. Além do mais, a Reforma Trabalhista de 2017 contribuiu para a flexibilização e perda dos direitos trabalhistas de pessoas qualificadas e não qualificadas¹⁰⁹.

Na área da pesquisa científica, grande parte dos pesquisadores estão saindo do país em busca de instituições que invistam em suas pesquisas potenciais. Recentemente, a folha de São Paulo¹¹⁰, apontou que 3,3 mil profissionais brasileiros entraram com pedidos de vistos para exercer trabalho nos Estados Unidos nos dois primeiros anos do atual presidente, Jair Bolsonaro. Além disso, muitas pessoas estão em busca de trabalhos em países como Portugal, Canadá e Inglaterra.

¹⁰⁶Artigo escrito em junho de 2021.

¹⁰⁷Graduando do curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e integrante do Grupo de Acompanhamento e Análise da Conjuntura Econômica (GAACE) e do Programa de Educação Tutorial PET-Economia. E-mail: william-98-2011@hotmail.com

¹⁰⁸Professora Adjunta IV da UAEF/UFCG, Tutora do PET – Economia e integrante do GACE. No presente artigo foi revisora. E-mail: kvanessaleite@gmail.com.

¹⁰⁹Após reforma, número de novos processos trabalhistas caiu pela metade - CartaCapital

¹¹⁰Sob Bolsonaro, mais trabalhadores qualificados tentam deixar o Brasil - 08/06/2021 - Mercado - Folha (uol.com.br)

Ainda não existem dados quantitativos exatos acerca do percentual de fuga dos jovens cientistas, pois estes saem com bolsas das instituições de ensino do exterior. Contudo, a BBC Brasil¹¹¹ aponta alguns números de outras fontes que podem dar base a quantidade de pessoas que saíram do país, entre cientistas e jovens em busca de emprego. A notícia aponta que, em 2019, o número de pessoas que confirmaram saída definitiva do país foi 22.549. Os dados para 2015, 2016 e 2017 foram 14.981, 21.203 e 23.309 pessoas, respectivamente.

Além de pesquisadores, estes jovens também trabalham a serviço do país. Mas infelizmente, a falta de investimento não permite que estes possam continuar os estudos. Notícias da UOL¹¹² apontam que os recursos discricionários para o Ministério da Ciência e Tecnologia (MCTI) este ano são de R\$2,8 bilhões; no ano anterior, os recursos para esta área somaram de R\$3,6 bilhões. Ou seja, a cada ano as verbas para setores essenciais para o desenvolvimento do país estão sendo cada vez mais reduzidos.

Ainda segundo a notícia da UOL, o orçamento para o Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) para 2021 é de R\$1,2 bilhões dependentes de créditos suplementares. Os recursos para esta área, se comparados com o ano de 2020, foram reduzidos em cerca de 8% do valor. Com a vigência da Emenda Constitucional (EC- 95), que instituiu o teto de gastos, a tendência é que os cortes para áreas como a ciência e tecnologia continuem a vigorar no país.

Com a pandemia, vimos o quão importante é a ciência e o papel dos cientistas e pesquisadores, pois é a partir do seu trabalho que se constroem tecnologias que permitem a criação de vacinas, por exemplo. Contudo, a coordenação política do poder executivo se faz contrária às necessidades deste setor. É possível que boa parte destes cientistas que partiram em busca de melhores condições de desenvolver suas pesquisas em outros países não retornem ao Brasil, já que em outros territórios encontram condições muito mais favoráveis.

Por fim, para deixar claro o quão grave é o quadro, dos profissionais qualificados que permanecem no país, grande parte exerce trabalho de maneira informal no setor de serviços, pois necessitam de meios de sobrevivência, trabalhando por doze horas consecutivas. Os jovens brasileiros estão se preparando para um mercado de trabalho e para um projeto de país que, no momento, não é mais animador sob nenhum prisma. Eis que surge a questão: estamos nos qualificando para “nada”?

¹¹¹Fuga de cérebros: os doutores que preferiram deixar o Brasil para continuar pesquisas em outro país - BBC News Brasil

¹¹²Pessoas recorrem a 'bicos' e família para fazer ciência no Brasil (uol.com.br)

OS IMPACTOS CAUSADOS PELA PANDEMIA NA VIDA DA MULHER BRASILEIRA¹¹³

Nicole Freitas Gois de Siqueira¹¹⁴
Karla Vanessa B. S. Leite¹¹⁵

A chegada da pandemia causada pelo COVID-19 escancarou as desigualdades que sempre existiram na sociedade brasileira. As rendas das famílias foram alteradas de forma abrupta, deixando em evidência a parcela da sociedade que está sendo mais afetada economicamente, para além da questão ligada ao vírus propriamente dito. São, especificamente, as mulheres mais pobres, negras, chefes de família e com filhos, que estão sendo fortemente atingidas e de várias formas, seja pela perda de renda, falta de creches e escolas onde os seus filhos possam ser deixados, para que então as mães possam trabalhar, além do aumento da violência doméstica¹¹⁶.

Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra Domiciliar Contínua - PNADC, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, no 1º trimestre de 2021, o número de pessoas fora da força de trabalho era de 76.483; desse total, 49.085 mil são mulheres¹¹⁷. Em percentuais, 64,18% dos trabalhadores fora da força de trabalho são mulheres, enquanto apenas 35,82% correspondem a trabalhadores homens.

Além disso, as mulheres ainda são vítimas de questões estruturais as quais atribuem total ou parcialmente a responsabilidade pelos afazeres domésticos e cuidado com os filhos¹¹⁸. Durante a pandemia, isso tem sido intensificado, dificultando ainda mais as possibilidades de uma mulher, quando empregada, praticar o *home office* (condição necessária para que se mantenha o distanciamento social).

Outro fato preocupante diz respeito ao aumento da violência doméstica praticada durante o período da pandemia. Segundo o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos - MMFDH, em 2020, mais de 105 mil denúncias de violência contra a mulher foram feitas através das plataformas Ligue 180 e do Disque 100. Deste total, 75,7 mil denúncias, em percentuais 72%, são referentes à

¹¹³Artigo escrito em junho de 2021.

¹¹⁴Graduada em Ciências Econômicas – UAECN/UFCEG, Integrante do PET/Economia e do GAACE/UFCEG. E-mail: nicolegfreitas6@gmail.com

¹¹⁵Professora Adjunta IV da UAECN/UFCEG, Tutora do PET – Economia e integrante do GACE. No presente artigo foi revisora. E-mail: kvanessaleite@gmail.com.

¹¹⁶<https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2020/09/16/os-efeitos-colaterais-da-pandemia-sobre-a-vida-das-mulheres.ghtml>

¹¹⁷<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/4093#resultado>

¹¹⁸<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/02/pandemia-deixa-mais-da-metade-das-mulheres-fora-do-mercado-de-trabalho.shtml?origin=folha>

violência doméstica e familiar contra a mulher¹¹⁹. Em contrapartida, há também mulheres que se veem confinadas com seus agressores e até mesmo perdem contato com sua rede de apoio que as ajudam na denúncia da violência cometida contra as mesmas. Neste caso, a invisibilidade dessas situações, que normalmente já são ocultadas, torna-se ainda maior¹²⁰.

Sendo assim, desde a queda abrupta na renda da mulher às dificuldades enfrentadas no mercado de trabalho e ao aumento da violência doméstica, a pandemia revelou, ainda mais, a necessidade de criação de políticas que garantam a segurança da mulher em seus mais diversos tipos de opressão e desigualdade. A problemática levantada no presente artigo não é resolvida apenas com um duplo benefício do Auxílio Emergencial¹²¹ para mães solteiras. São necessárias medidas governamentais direcionadas às carências da mulher brasileira, seja no mercado de trabalho ou até mesmo questões estruturais ligadas ao patriarcado na sociedade. Apenas assim os índices como o de desigualdade de gênero no mercado de trabalho e violência doméstica, podem ser diminuídos e, em uma utopia, quem sabe até sejam extintos da sociedade brasileira. Difícil vislumbrar esse cenário, mas, sem políticas públicas nesse sentido que tornem o Estado um agente promotor de igualdade, tal vislumbre se torna impossível.

¹¹⁹<https://www.gov.br/pt-br/noticias/assistencia-social/2021/03/canais-registram-mais-de-105-mil-denuncias-de-violencia-contramulher-em-2020>

¹²⁰<https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2020/09/16/os-efeitos-colaterais-da-pandemia-sobre-a-vida-das-mulheres.ghtml>

¹²¹ <https://www.caixa.gov.br/auxilio/auxilio2021/Paginas/default.aspx>

A FUGA DE CÉREBROS E O SETOR INDUSTRIAL NO BRASIL¹²²

*Jonathas Nathan Ferreira Alves¹²³
Karla Vanessa B. S. Leite¹²⁴*

O Brasil é um país que apresenta potencialidades em alguns setores estratégicos na economia. Entre eles, pode-se mencionar o setor industrial, responsável por 20,4% do Produto Interno Bruto (PIB) do país e pela maior dinamização da economia, de acordo com a Confederação Nacional da Indústria (CNI).¹²⁵ Ao considerar a crise econômica, política e social que estamos enfrentando desde o ano passado, promover políticas para fomentar esse setor deveria ser prioridade do Estado, dados seus efeitos multiplicadores na economia. No entanto, observa-se que o setor está perdendo sua participação na atividade econômica e, além disso, está incentivando outro fenômeno social no país conhecido com “fuga de cérebros”.

A expressão “fuga de cérebros” faz referência àqueles profissionais especializados em determinada área de trabalho, dotados em grande conhecimento, que migram de países pobres ou que apresentem poucas possibilidades laborais para aqueles países que apresentem mais alternativas e ofereçam melhores perspectivas para seu futuro.¹²⁶ Segundo os dados do Departamento de Imigração norte-americano, em 2019 e 2020, a busca pelo visto permanente dos tipos EB1 e EB2 por profissionais brasileiros aumentaram 40%, na comparação com os anos de 2017 e 2018.¹²⁷ Esse resultado é influenciado, sobretudo, pelo baixo desempenho do setor industrial na atividade econômica brasileira que faz com que os profissionais busquem melhores empregos, rendas e oportunidades em outros países.

Mas, afinal, por que o setor industrial influencia tanto assim a “fuga de cérebros”? De acordo com os dados da CNI, é na indústria que se encontram os melhores salários (R\$ 7.556 para profissionais com nível superior, contra uma média nacional de R\$ 5.887), sendo esse um setor que tem forte poder de gerar crescimento (a cada R\$ 1 produzido pelo setor, são gerados R\$ 2,43 adicionais na

¹²²Artigo escrito em junho de 2021.

¹²³ Graduando em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), integrante do Grupo de Acompanhamento e Análise da Conjuntura Econômica (GAACE) e do Programa de Educação Tutorial em Economia (PET – Economia). E-mail: jonathasnathan15@gmail.com

¹²⁴Professora Adjunta IV da UAEF/UFCG, Tutora do PET – Economia e integrante do GACE. No presente artigo foi revisora. E-mail: kvanessaleite@gmail.com.

¹²⁵<https://noticias.portaldaindustria.com.br/noticias/economia/cni-divulga-perfil-da-industria-nos-26-estados-e-no-distrito-federal/>

¹²⁶A ideia por trás deste termo pode ser associada também aos pesquisadores e cientistas dos países que apresentam tais características mencionadas.

¹²⁷<https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/fuga-de-cerebros-cresce-40-sob-o-governo-bolsonaro/>

economia)¹²⁸. Em 2020, conforme o CAGED (207.540 novos postos de trabalho)¹²⁹, a indústria foi a responsável pela maior parte da criação de empregos formais. Por conseguinte, se o setor apresenta sinais de retração ou baixo desempenho, as incertezas quanto ao futuro aumentam e os agentes econômicos tendem a baixar suas expectativas para a economia. Como resultado, aqueles que tem oportunidades, migram para outras nações em busca de melhores trabalho e remuneração, logo, há uma “fuga de cérebros”.

Para além das incertezas quanto ao futuro do Brasil, outro fator que está influenciando este fenômeno é a privatização das estatais como a CEITEC, empresa vinculada ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações,¹³⁰ e a Petrobrás¹³¹. Esses são alguns exemplos das muitas empresas que foram privatizadas no decorrer da gestão do presidente Jair Bolsonaro e que, vale ressaltar, eram alvos da maioria dos profissionais de maior qualificação no Brasil. Esse cenário de baixo desempenho do setor industrial, aumento das privatizações, saída de grandes multinacionais¹³² do país e a crise acentuada pela pandemia do COVID-19 são fatores que estão influenciando a saída de cérebros do país.

Diante do exposto, observa-se que o cenário para aqueles que almejam alguma estabilidade e boas oportunidades de trabalho é pessimista, dadas as condições atuais do Brasil. Infelizmente, esse resultado também desencoraja aqueles que buscam melhores qualificações profissionais, pois os anseios por um emprego melhor, que tenha melhores rendimentos e que exija maior especialização da mão de obra, são frustrados mediante tais expectativas em relação ao futuro da economia.

Logo, é importante fomentar este setor na economia capaz de trazer maior dinamização ao país e, considerando o momento atual, é peça fundamental para a saída da crise e retomada do crescimento. Promover políticas públicas voltadas para a reversão do quadro de desindustrialização do país é uma ação crucial, não só agora, mas para o médio e longo prazo. Como bem argumentou, certa vez, o economista Paulo Gala, não adianta ter uma mão de obra qualificada, se não há empregos suficientes para absorver tal demanda. Dito de outra forma, embora investir em educação seja fundamental e necessário, a qualificação profissional que não encontra oportunidades de emprego acaba se transformando em “fuga de cérebros”. A indústria assume, ou deveria assumir, portanto, um papel chave no processo de recuperação e dinamização da economia brasileira.

¹²⁸<https://noticias.portaldaindustria.com.br/noticias/economia/cni-divulga-perfil-da-industria-nos-26-estados-e-no-distrito-federal/>

¹²⁹<https://noticias.portaldaindustria.com.br/noticias/economia/emprego-industria-foi-o-setor-que-mais-abriu-vagas-formais-em-2020/>

¹³⁰<https://congressoemfoco.uol.com.br/salve-seus-dados/privatizacao-de-estatais-colabora-com-a-fuga-de-cerebros-do-brasil/>

¹³¹ Vale destacar que a privatização da Petrobras está sendo intensificada pelas políticas do atual governo, embora não seja de sua responsabilidade exclusiva.

¹³²<https://economia.uol.com.br/stories/empresas-que-tiraram-o-brasil-dos-planos/>

**ESTADOS UNIDOS APRESENTA SINAIS DE RECOMEÇO ENQUANTO BRASIL
AINDA NÃO VÊ A LUZ NO FIM DO TÚNEL¹³³**

Rafael Tavares Requeijo¹³⁴

Karla Vanessa B. S. Leite¹³⁵

Na obra cinematográfica *O Poderoso Chefão*, o enredo foca muito nos filhos do chefe da família Corleone, que também comandava uma máfia de Nova York. Um deles, Sonny, era o mais velho e também é extremamente impulsivo e violento, o que gerou vários problemas para a família. Também havia Michael, o filho mais novo, cauteloso e metódico que se tornou hábil para liderar a organização relacionada à família, mesmo em períodos de extrema dificuldade.

Na conjuntura da geopolítica atual, é possível constatar algumas semelhanças referente à característica de liderar, entre as personagens da obra e os presidentes Biden e Bolsonaro. Os Estados Unidos se encontram com uma vacinação bem avançada, com mais de 200 milhões de vacinados, e o governo já apresenta novas propostas para a recuperação da economia americana. Logo, Biden demonstra ter um nível de planejamento parecido com o de Michael.

Contudo, no Brasil, a situação é outra. Ainda não vacinamos nem 15% da população e o vírus está descontrolado. Mesmo assim, o presidente só perpetua algumas políticas que, embora sejam necessárias, como o auxílio emergencial, não conseguiram promover uma retomada da economia. O Brasil, portanto, encontra-se em um ambiente de total descontrole, pois sem vacinas e sem o distanciamento as mortes já somam quase 500.000, além das previsões que mostram que pode chegar em 900.000¹³⁶. Então, tudo sinaliza para uma crise ainda mais prolongada para 2021, sendo tudo isso gerado em grande parte por Bolsonaro e seu plano falido de imunização de rebanho, o que lembra muito a falta de planejamento de Sonny.

Após um ano de pandemia, com distanciamento social, lockdown e até com vários protestos ligados ao movimento “blacklivesmatter”, os Estados Unidos conseguiram provar como uma política bem planejada pode ser eficaz para o combate à pandemia: realização de ações para limitar as

¹³³Artigo escrito em junho de 2021.

¹³⁴Graduando no curso de Ciências Econômicas da UFCG, bolsista do PET – Economia e integrante do GAACE.

¹³⁵Professora Adjunta IV da UAEF/UFCG, Tutora do PET – Economia e integrante do GACE. No presente artigo foi revisora. E-mail: kvanessaleite@gmail.com.

¹³⁶<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/estado/2021/05/18/brasil-pode-registrar-973-mil-mortes-por-covid-19-ate-setembro-mostra-projecao.htm>

aglomerações, exercer testagens em massa e conseguir vacinar mais de 220 milhões de habitantes foram ações chave para frear o avanço da pandemia.

Como o governo americano conseguiu bons resultados para o controle da pandemia, o que deveria ser a prioridade de qualquer país, já se torna possível fazer propostas e planos para retomar os setores da economia. Isso pôde ser observado no discurso feito por Biden, do dia 28 de abril, no qual o presidente estadunidense afirmou: “os EUA estão se movimentando novamente”¹³⁷. Nessa mesma fala, o presidente apresentou seus planos de recuperação pautados em políticas de incentivo às bases, educação básica e trabalho. Além da medida de combate à pandemia de U\$ 1,9 trilhão, agora, as novas propostas são de investimento em infraestrutura e energia, que demandarão U\$ 2,3 trilhões de incentivo ao acesso à educação e auxílio à população pobre, que custará U\$ 1,8 trilhão.

Conforme o governo dos EUA, na figura do presidente Biden, foi atuando sempre pautado na ciência e assegurando que os indivíduos estivessem seguros contra o vírus, agora, a maior potência do mundo realiza políticas protecionistas visando incentivar sua pesquisa, seu dinamismo no mercado de trabalho e a queda da desigualdade. É possível que o presidente estadunidense tenha percebido, com a lição de seus antecessores, a exemplo de F. Roosevelt, que o Estado é o principal ator que possui os instrumentos necessários para retirar uma economia da recessão.

Mesmo com vários exemplos de países que estão se recuperando com planos pautados pela ciência e com Estados fortes, o Brasil vai totalmente de encontro ao que está sendo feito na conjuntura internacional, no controle da pandemia e nas medidas de recuperação da economia. Como a CPI da COVID está mostrando a cada semana, fica mais evidente que o governo brasileiro baseou seu plano de combate à COVID-19 em médicos que não têm especialidade em infectologia ou em vírus, em tratamentos sem respaldo científico e em condutas que contribuíram sobremaneira para propagar o vírus.

Com isso é consolidada a hipótese que o governo brasileiro investiu na teoria de imunidade de rebanho, o que resultou em uma contaminação muito maior em relação aos outros países. Evidentemente, o resultado esperado foi o oposto: o que se conseguiu foram altos números de mortes ao invés da tal imunização. Além disso, foram difundidas muitas informações falsas, pelo próprio governo federal, o que prejudicou ainda mais o combate ao vírus. Para que tenhamos noção, o único lugar que realizou testagem em massa no país foi em São Paulo, pois a logística do Ministério da Saúde foi tão pífia que testes acabaram expirando a validade em depósitos.

¹³⁷<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/04/em-1o-discurso-no-congresso-biden-pede-que-americanos-se-vacinem-contra-covid.shtml>

E o que o presidente falou em seu último pronunciamento? No dia 03 de junho, Bolsonaro se ‘compadeceu’ com as mortes – mesmo aglomerando na mesma semana dessa fala – mentiu sobre a vacinação – afirmando que o Brasil é o 4º país que mais vacina, sendo que a realidade é que o país é o 61º em relação à vacinação da população como um todo, pois ainda não vacinamos nem 15% dos habitantes com as duas doses. Além disso, ele mencionou sobre um investimento na malha ferroviária do Maranhão¹³⁸, o que de certo modo é importante, mas muito pífio para o mercado de trabalho que está em crise, com 14,8 milhões de desocupados, 33,2 milhões subutilizados e com 6,0 milhões de desalentados¹³⁹.

Portanto, a forma que a administração do executivo federal levou a crise da pandemia do COVID-19 só gerou a expansão do tempo de sofrimento, da amplitude de contaminação e dos resultados em outros âmbitos, como o econômico. Ao invés de estarmos planejando a retomada, ainda estamos pensando em como deixar a população segura, porque a segunda onda ainda não baixou e ainda há a preocupação de existir uma terceira onda de contaminação.

Com o prolongamento dessa crise sanitária, que já tem um tratamento eficaz (a vacina!), ainda observamos cotidianamente os dados de óbitos que são alarmantes. Além disso, como consequência inevitável da agenda econômica adotada, o Brasil vem se consolidando como periferia da economia mundial, tanto por ter uma retomada econômica muito tardia, quanto pela falta de investimentos em infraestrutura. Por tudo que foi exposto, o presidente Bolsonaro demonstra cotidianamente como é limitado, inconsequente e irresponsável. Logo, como líder ele se assemelha bastante com Sonny, personagem do filme *O Poderoso Chefão*, que quase levou sua família à total destruição.

¹³⁸<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/06/03/pronunciamento-de-bolsonaro-provoca-panelaco-em-todas-as-regioes-do-brasil.ghtml>

¹³⁹<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/30793-desemprego-chega-a-14-7-no-primeiro-trimestre-maior-desde-2012-e-atinge-14-8-milhoes-de-pessoas>

CRESCIMENTO DO PIB E A FOME NO BRASIL¹⁴⁰

Daniel Cézar da Silva Patrocínio¹⁴¹

Águida Cristina Santos Almeida¹⁴²

No início do mês de junho o governo federal comemorava com ânimo a recuperação econômica em curso no país, manifestada no crescimento de 1,2% do PIB¹⁴³ no primeiro trimestre de 2021, taxa que zerou as perdas econômicas causadas pela pandemia. O Ministro da Economia, Paulo Guedes, em audiência na Câmara dos Deputados se orgulhou do feito e repetidamente bradou que “esse dado sinaliza um forte crescimento da economia¹⁴⁴”. Sobrevalorizando essa taxa positiva de crescimento trimestral, temos uma ensandecida expectativa de crescimento de 3,9 % para o ano de 2021, segundo o boletim Focus do BCB, e toda uma Faria Lima alvoroçada com o avanço do desmonte do Estado.

Pobre Guedes, tão formado em economia quanto cego às condições socioeconômicas do país. No trimestre de “forte” crescimento do PIB temos um país que caminha novamente pelo mapa da fome e o último Super Ministro do Bolsonaro não quer enxergar seu povo que morre de inanição. A palavra certa é essa mesmo, o avanço da fome é uma opção política, porque a fome é uma escolha política de um projeto de poder que não contempla qualquer acordo pela inclusão social.

Mas como poderia um país líder mundial na exportação de commodities agrícolas e agropecuárias ter um povo que passa fome? Bem, o agro só é pop quando está a preço de dólar no mercado internacional e isso já nos basta para explicar muito do Brasil com fome. Arelado a isso, baseado em princípios inconsequentes de retirar o Estado de muitas frentes de ação, nas áreas econômicas e social, numa economia capitalista, temos um presidente que extinguiu o Conselho de Segurança Alimentar e Nutricional (CONSEA)¹⁴⁵ no início de seu mandato, diminuiu o número de pessoas atendidas pelo principal programa de transferência de renda nacional, o Bolsa Família, zerou a estocagem de alimentos da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB)¹⁴⁶ perdendo o poder de controle sobre o preço de alimentos e, mesmo durante uma pandemia, mingou o programa de

¹⁴⁰ Artigo escrito no mês de junho de 2021.

¹⁴¹ Graduando em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), integrante do Grupo de Acompanhamento e Análise da Conjuntura Econômica (GAACE) e do Programa de Educação Tutorial em Economia (PET – Economia). Email: daniel.cezar@estudante.ufcg.edu.br

¹⁴² Professora da Unidade Acadêmica de Economia da UFCG, coordenadora do GAACE, e revisora do presente artigo. Email: aguidasantosalmeida@gmail.com.

¹⁴³ <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/06/pib-do-brasil-cresce-12-e-desacelera-no-primeiro-trimestre-diz-ibge.shtml?origin=folha>

¹⁴⁴ <https://economia.ig.com.br/2021-06-01/guedes-pib-trimestre.html>

¹⁴⁵ <https://www.brasildefato.com.br/2020/02/04/bolsonaro-promove-desmonte-das-politicas-de-seguranca-alimentar>

¹⁴⁶ <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/09/19/estoques-publicos-conab-alimentos-reducao.htm>

transferência de renda direta criado para dar o mínimo de dignidade ao povo, o auxílio emergencial como foi aprovado pelo Congresso Nacional no ano de 2020. Somando essas ações a um Brasil de quase 15 milhões de desempregados¹⁴⁷, sem contar os desalentados, e uma derrocada de micro e pequenas empresas, temos um Brasil que não consegue colocar comida no prato das famílias.

Um leve burburinho sobre a fome no Brasil chegou recentemente ao Ministro da Economia, sua resposta sobre isso só confirma o que já havia escrito antes, ou seja, Paulo Guedes realmente não sabe nada sobre as condições sociais do brasileiro, ou simplesmente ignora completamente. Pondo a parte meu desprazer pessoal quando leio ou ouço o ministro, deixo aqui uma citação sobre a insegurança alimentar que aflige a nação proferida pelo mesmo *“Você vê um prato de um [cidadão de] classe média europeu, que já enfrentou duas guerras mundiais, são pratos relativamente pequenos. E os nossos, aqui, fazemos almoços onde às vezes há uma sobra enorme. E isso vai até o final, que é a refeição da classe média alta. Até lá há excessos. (...) as sobras precisam ser transformadas e direcionadas para programas sociais, para atender os ‘mais vulneráveis’”. Como se fossem postos de atendimento, para que isso possa ser endereçado aos mais necessitados*¹⁴⁸”.

Ou seja, para o Ministro, para os ricos empresários da Faria Lima e todo os demais liberais que batem palma no circo brasileiro, o povo morrer de fome é fruto da baixa moral do pobre tal como Malthus defendia nos seus *Ensaio sobre a população*. Enquanto esses festejam o crescimento de 1,2% do PIB, mesmo com seu povo morrendo de fome, basta lembrar das célebres frases de uma economista que não deve ser esquecida, Maria da Conceição Tavares. A primeira frase diz *“se você é um economista que não se preocupa com justiça social, você não é economista, é um tecnocrata”* e a segunda afirmação genial, que precisa ser dita e repetida diariamente *“ninguém come PIB, come alimentos”*¹⁴⁹.

¹⁴⁷<https://brasil.elpais.com/brasil/2021-06-22/brasil-encara-recuperacao-fraca-prejudicada-pelo-ritmo-da-vacinacao-o-desemprego-e-a-inflacao.html>

¹⁴⁸https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2021/06/17/internas_economia,1277897/guedes-aproveitamento-de-sobras-de-comida-acabaria-com-a-fome-no-brasil.shtml

¹⁴⁹https://www.youtube.com/watch?v=xKXT_gfBbIA

29 de maio e 19 de junho, o que essas datas têm em comum? Ambas são datas das mobilizações sociais que levaram milhares de pessoas às ruas das principais cidades brasileiras na luta contra um mal comum em meio a uma pandemia, o presidente da República, Jair Bolsonaro.

É de espantar que imersos numa das mais profundas crises sanitárias de nossa história, o maior risco ao povo brasileiro não seja um vírus que matou até hoje, 19 de junho, 500 mil pessoas e sim o presidente do seu país. Mas a verdade é que inúmeros acontecimentos desde março de 2020, quando começou a pandemia, são de espantar, principalmente quando o mandante do executivo é um criminoso que brinca de roleta russa com a vida de 211 milhões de pessoas.

Espanta-se quem acha que não foi a mando do presidente a escolha da biopolítica de morte como estratégia de gestão da pandemia. Poderíamos começar a elencar, por baixo, a expressiva repulsa às normas de saúde pública editadas por instituições como a OMS. Inúmeras foram as vezes nas quais o presidente decidiu por, não apenas contrariar as normativas mundiais de saúde, recomendar aos seus mais fiéis seguidores o não uso de máscaras e o não cumprimento das diretrizes estaduais de distanciamento social. Isso sem falar no colapso do sistema de saúde em Manaus, onde o governo federal escolheu testar durante uma pandemia a hipótese de imunidade de rebanho, ou falar na recusa de mais de 100 emails da farmacêutica Pfizer com oferta de vacinas contra a Sars-CoV-19.

Ainda podemos nos espantar com a rinha contra governadores que tentam, mesmo em situação de sufocamento fiscal, manter as diretrizes de distanciamento social onde o presidente afirma que os governadores querem instalar uma ditadura privando o povo do seu livre direito de ir e vir. Talvez isso não seja suficiente pra se espantar, então vamos falar das crises diplomáticas causadas com a China, principal parceiro comercial brasileiro e produtor da primeira vacina contra a COVID-19 aprovada pela ANVISA, que levou, e ainda leva a atrasos na entrega de insumos à produção nacional da vacina Coronavac pelo Instituto Butantan.

¹⁵⁰ Artigo escrito em junho de 2021.

¹⁵¹ Graduando em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), integrante do Grupo de Acompanhamento e Análise da Conjuntura Econômica (GAACE) e do Programa de Educação Tutorial em Economia (PET – Economia). Email: daniel.cezar@estudante.ufcg.edu.br

¹⁵² Professora da Unidade Acadêmica de Economia da UFCG, coordenadora do GAACE, e revisora do presente artigo. Email: aguidasantosalmeida@gmail.com.

Espante-se com o presidente esvaziando programas de proteção social que visam não deixar seu povo morrer de inanição, ou então da perseguição a cientistas que assumiram de modo exemplar a comunicação popular acerca da pandemia. Sem esquecer da produção massiva de cloroquina por laboratórios militares, para ser usada sem comprovação científica, no tratamento da COVID.

Se tudo isso não for suficiente para explicar esse espanto, pense em 500 mil pessoas mortas, meio de milhão de pessoal. São 500 mil vidas ceifadas a custo da guerra política que o presidente travou contra seu próprio povo. São 500 mil mortes de pais, mães, avós, irmãos, namorados, amigos, primos e tias. São 500 mil ciclos interrompidos abruptamente por uma doença que há 8 meses já possui vacina, por uma doença que poderia estar sobre controle se o Estado tivesse seguido as recomendações das organizações de saúde.

Mesmo assim, hoje, dia 19 de junho e no dia 29 de maio, o povo ocupou as ruas com gritos de ordem contra o real vírus brasileiro. Os gritos de ordem são gritos de desespero de um povo que morre de covid e de fome por escolha do presidente, com a conivência da elite econômica e de parcela da classe política. Os gritos de desespero são por meio milhão de brasileiros que estão agora enterrados em valas comuns, sem sequer terem tido o direito de uma última despedida pelos entes queridos. São gritos para lembrar que o vírus que mais mata no Brasil não é o Sars-CoV-19 e sim o mal Bolsonaro, pondo em marcha uma política genocida.

Esse texto é pelos meus companheiros que hoje estão nas ruas e pelas 500 mil vidas ceifadas pelo COVID no Brasil. Luto!

BRASIL E MEIO AMBIENTE DURANTE A PANDEMIA¹⁵³

*Thyago Ezequiel de Melo¹⁵⁴
Ágida Cristina Santos Almeida¹⁵⁵*

Atualmente o Brasil passa por um momento muito difícil, não só pela questão da situação sanitária que assola o mundo, como também no quesito meio ambiente, devido à inclinação do governo a se omitir na gestão ambiental, que tem ocasionado numa explosão de crimes ambientais, como as queimadas na Amazônia, que em 2020 registraram o maior número da história. Com mais de quinze mil focos ativos¹⁵⁶, o desmatamento, a grilagem de terras indígenas, o contrabando de madeira ilegal, desarmamento, desmonte e redução de poder do Ibama¹⁵⁷, entre outras situações que chegam a ser imorais e muito preocupantes.

Sobre a questão climática, ainda esse ano foi realizada a Cúpula do clima, convocada pelo presidente dos EUA, Joe Biden, o qual prometeu reduzir em 50% as emissões de carbono dos Estados Unidos até o final da década em curso. Em contrapartida, o presidente do Brasil, Jair Bolsonaro pediu por cooperação financeira se comprometendo a zerar o desmatamento ilegal até 2030, reiterando uma promessa feita no Acordo de Paris de acabar com a emissão de gases causadores do efeito estufa até 2060¹⁵⁸, com a inconsistência de em sua campanha presidencial ter afirmado que retiraria o Brasil de tal acordo¹⁵⁹. Resta saber se tal compromisso de zerar os desmatamentos ilegais trata de combater o desmatamento, ou de legalizar o desmatamento ilegal, já que essa vem sendo uma prática corriqueira desde que Bolsonaro assumiu o cargo, por meio de mudanças na legislação ambiental e enfraquecimento da estrutura institucional que gere a política ambiental, ajudando assim os pecuaristas, garimpeiros e outros grupos interessados na exploração econômica do território que abriga a maior floresta tropical do mundo¹⁶⁰, pois como disse o Ricardo Salles, ex-ministro do meio ambiente, “...nesse momento de tranquilidade no aspecto de cobertura da empresa... ir passando a boiada, e mudando o

¹⁵³ Artigo escrito em junho de 2021.

¹⁵⁴ Graduando do curso de Ciências Econômicas da UFCG, integrante do PET – Economia e do Grupo de Acompanhamento e Análise da Conjuntura Econômica (GAACE).

¹⁵⁵ Professora da Unidade Acadêmica de Economia da UFCG, coordenadora do GAACE, e revisora do presente artigo. Email: aguidasantosalmeida@gmail.com.

¹⁵⁶ Disponível em: <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2020/10/11/queimadas-no-amazonas-em-2020-superam-recorde-de-2005-e-registram-maior-numero-da-historia.ghtml>

¹⁵⁷ Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/legislativo/zambelli-resgata-projeto-de-bolsonaro-que-da-poder-de-ibama-a-pm/>

¹⁵⁸ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/04/21/na-vespera-de-cupula-do-clima-empresarios-debatem-com-salles-pauta-ambiental-do-governo.ghtml>

¹⁵⁹ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/bolsonaro-diz-que-pode-retirar-brasil-do-acordo-de-paris-se-eleito-23034956>

¹⁶⁰ Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/desmatamento-ilegal-zero-mais-uma-distorcao-do-bolsonaro/>

regramento, e simplificando normas”. Observa-se assim a intenção do governo em atuar “por baixo dos panos”, realizando um malabarismo técnico e legislativo para legalizar o desmatamento ilegal, como uma série de outros crimes ambientais.

Ainda sobre o pedido de Bolsonaro acerca do apoio financeiro, foram realizados manifestos e cartas a Joe Biden, como a carta aberta enviada por diversos artistas do Brasil e dos Estados Unidos, estando presentes celebridades como Leonardo DiCaprio, Gilberto Gil, Katy Perry e Caetano Veloso, pedindo que o governo americano não firme nenhum acordo com o Brasil neste momento, e continue dialogando com os povos indígenas e com as comunidades tradicionais da Amazônia. Povos tais e comunidades que o governo e o presidente se negam a dar apoio, por exemplo, vetando trechos em leis que protegeriam comunidades indígenas durante a pandemia e submetendo os povos originários a uma brutal insegurança e vulnerabilidade¹⁶¹.

No que se diz respeito ao Ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, em meados de maio de 2020, acompanhado pelo presidente, assinaram um decreto transferindo o Ministério do Meio ambiente para o Ministério da Agricultura, o que criaria poder de conceder as florestas nacionais para empresas privadas, mas graças a Justiça federal tal decreto foi suspenso¹⁶². Salles ainda foi alvo de inquérito por supostamente ter atrapalhado investigações sobre a maior apreensão ilegal de madeira da história¹⁶³, e mesmo com sua saída do cargo de ministro a pedido do mesmo, pelo que alega o próprio presidente, ainda manterá o legado sombrio. O presidente do Ibama, Eduardo Fortunato Bim, também é parte do projeto de desmonte, dado que assinou uma ordem que extingue a exigência de autorização do Ibama para exportação da maior parte de espécies de árvores da Amazônia. Cabe registrar ainda a atuação da deputada bolsonarista, Bia Kicis, que comanda a Comissão de Constituição e Justiça, a deputada bolsonarista Carla Zambelli, que comanda a Comissão de Meio Ambiente, e a Aline Sleutjes, que comanda a Comissão de Agricultura e Pecuária, representando os interesses do agronegócio e contra o meio ambiente, entre muitas outras influências, com destaque para essas últimas que são chamadas por apoiadores do governo de “Bolsonaro’Angels”, mas como foi exposto no programa Greg News, as mesmas estão mais para “Salles’Angels”.¹⁶⁴

Ainda sobre a saída do ex-ministro Ricardo Salles, muito se diz sobre sua participação em esquemas de contrabando de produtos florestais, como atesta o caso da aprovação à exportação de madeira que não tinha aprovação legal para entrar nos Estados Unidos. Salles foi pessoalmente ao estado do Amazonas para viabilizar a exportação ilegal, sendo que no atual momento em que este artigo

¹⁶¹Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53375095>

¹⁶²Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-54364652>

¹⁶³Disponível em: <https://g1.globo.com/natureza/noticia/2021/04/14/policia-federal-apresenta-queixa-crime-contra-ricardo-salles.ghtml>

¹⁶⁴Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EFDvNFGgXg>

está sendo escrito, estão sendo realizadas operações com o objetivo de apurar crimes de corrupção para facilitação do contrabando por meio da exportação ilegal de madeira, sendo enviado para decodificação seu aparelho celular, aos Estados unidos, juntamente com o pedido da quebra do sigilo bancário do mesmo, e ainda requerimento de apreensão de passaporte para que assim não possa deixar o país.

Por fim, diante do cenário de queimadas, que também é parte do esquema de desmatamento ilegal e contrabando citados¹⁶⁵, cabe aos preocupados com o meio ambiente, tentarem mudar toda a situação instaurada no país, pois tal situação não é nada favorável para o mundo. Mas a caótica gestão do meio ambiente no Brasil parece estar longe de mudança positiva, considerando que o ministro nomeado para substituir o Salles, Joaquim Álvaro Pereira Leite, foi conselheiro da Sociedade Rural Brasileira (SRB), organização essa que representa o setor agropecuário no país, e como já foi comentado, o objetivo do governo na pasta do meio ambiente não é preservar o meio ambiente, como foi discutido na cúpula supracitada no começo desse artigo, e sim apoiar a bancada ruralista, fazendo valer seus interesses, que conflitam diretamente com uma gestão sustentável do meio ambiente¹⁶⁶.

¹⁶⁵ Disponível em: <https://g1.globo.com/natureza/noticia/2019/08/23/queimadas-e-desmatamento-estao-relacionados-na-amazonia-entenda.ghtml>

¹⁶⁶ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57595804>

Tese: Implantação da Renda Básica Cidadã como meio para resolução de problemas sociais

O debate da renda mínima volta à tona no Brasil no cenário da crise sanitária da covid-19¹⁷⁰. Em maio de 2021, o tema renda universal foi abordado por meio da discussão envolvendo o Auxílio Emergencial, usado para sanar problemas de renda da população brasileira no período da “Sindemia”¹⁷¹ de 2020. O Auxílio Emergencial pago em 2020 foi uma ótima demonstração de que uma transferência de renda do governo para a população pode funcionar como instrumento para mitigar as desigualdades sociais e garantir renda para a população num cenário de crise profunda, num contexto que o mercado de trabalho vive seu pior momento, e a crise sanitária mantém o Brasil como um dos países que mais se morre por covid-19 no mundo. Dessa forma, a renda básica universal passa a ser visto como um caminho que a humanidade pode seguir para combater os problemas sociais, frente a um cenário de desemprego massivo causado pela iminência do avanço tecnológico e da inteligência artificial.

A Renda Básica Universal (RBU) no Brasil, sancionada em 2004¹⁷² terá mudança de regulamentação para 2022 por ordem do Poder Judiciário¹⁷³. O Brasil é o primeiro país do mundo a aprovar um projeto de lei de renda básica universal, denominada de “renda básica cidadã”, que não foi efetivamente posto em prática, exceto pelos programas de transferência de renda como por exemplo, o Bolsa Família e o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) que foram operacionalizados com a finalidade específica de combater a fome e a miséria do país, foram de reconhecida eficiência e de grande repercussão social e econômica.

As primeiras reflexões da formulação de um plano de renda básica para cidadãos vieram do livro do século XVI, *Utopia* de Thomas More, que influenciou fortemente outras propostas de renda básica como Juan Luis Vives, que propôs a prefeitura municipal de Bruges, na Bélgica, criar uma lei que

¹⁶⁷ Artigo escrito no mês de junho de 2021.

¹⁶⁸ Graduando do curso de Ciências Econômicas da UFCG, integrante do PET – Economia e do Grupo de Acompanhamento e Análise da Conjuntura Econômica (GAACE).

¹⁶⁹ Professora da Unidade Acadêmica de Economia da UFCG, coordenadora do GAACE. No presente artigo foi revisora. E-mail: aguidasantosalmeida@gmail.com.

¹⁷⁰ <https://economia.uol.com.br/noticias/estadao-conteudo/2021/05/21/renda-minima-volta-a-agenda-no-contexto-da-covid.htm>

¹⁷¹ Sindemia é um termo criado para explicar a situação em que problemas sociais se potencializam, através de efeito sinérgico, agravando a ação dos problemas.

¹⁷² https://www.conjur.com.br/2003-dez-29/lula_sancionara_projeto_renda_minima_eduardo_suplicy?pagina=2

¹⁷³ <https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=464858&ori=1>

garantissem a todos os cidadãos um auxílio independente dos lucros individuais do trabalho (De Subventionem Pauperum, 1526).

Exemplos mais modernos, como o economista liberal Milton Friedman, que formulou uma renda mínima com base num “imposto de renda negativo”, no livro *Capitalismo e Liberdade* (1962). O filósofo belga Philippe Van Parijs, num artigo nos anos 2000, formulou como que um projeto de renda suficiente para garantir uma vida sem privações aos cidadãos do país. No Brasil, a Renda Básica Cidadã, é amplamente defendida pelo senador brasileiro Eduardo Suplicy¹⁷⁴ durante toda sua carreira política, desde os anos de 1990. Então, foi o resultado criado por essas influências, que contribuiu na formação do primeiro projeto de lei a se materializar numa ação de governo.

A formulação de uma renda básica universal que alcance todos os indivíduos, de forma indistinta, decorre da busca por um instrumento para resolver muitos males sociais, como o desemprego e a pobreza, funcionando para diminuir outros problemas sociais derivado do desalento, que acaba contribuindo à violência urbana. Uma das motivações de Thomas More em seu livro era evitar a condenação à morte de pessoas que cometeram o roubo, que teve como causa primeira, assegurar sua própria subsistência, a comida. É importante registrar e não se pode esquecer, que em 2021, dois cidadãos brasileiros foram assassinados por milícias após furtarem carne num supermercado de Salvador-BA¹⁷⁵, onde tiveram tempo de enviar um pedido de socorro a familiares através de mídia social; como seja, se utilizando da disponível e acessível alta tecnologia, mas não da ordem social erigida para a manutenção de uma ordem social e dos direitos dos cidadãos.

O período em que transcorre a pandemia de covid-19, com a utilização do Auxílio Emergencial no Brasil e outras políticas de transferência de renda outras partes do mundo, demonstra a potência presente num repasse de renda para a população, que custa tão pouco aos cofres públicos, mas que combate um grande mal, que é a fome. Prevendo o fim da pandemia, entretanto, os problemas sociais persistirão no cenário mundial e a política pública precisa atuar como instrumento de resolução dos problemas sociais e econômicos agravados com a pandemia. Como problemas de ordem macro e estrutural que no longo prazo afetará o padrão de vida de parcela crescente das populações, como a crescente mecanização da produção prevê a substituição da mão de obra humana, problema de ordem social, uma vez que a demanda por empregos tenderá a seguir caindo, exigindo alta escolaridade para os empregos que restarem, ou então, o aumento das precárias ocupações no setor de serviços, com vínculos empregatícios sem direitos e garantias sociais.

¹⁷⁴<https://www.cartacapital.com.br/politica/precisamos-garantir-renda-basica-para-todos-os-brasileiros-defende-suplicy/>

¹⁷⁵<https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2021/05/01/apos-assassinato-de-homens-por-roubo-de-carne-em-supermercado-na-ba-jovem-relata-tortura-depois-de-furto-no-mesmo-local.ghml>

Entretanto, o crescimento populacional e a oferta decrescente de empregos se apresentam como a contradição do sistema capitalista, ao concentrar dinheiro e capital, de tal ordem, que afeta no fluxo da distribuição da renda no sistema capitalista. Ocasiona crises econômicas pelo descompasso entre a oferta de produtos sem o respaldo da demanda efetiva pela população, cada vez com menos renda. Evidencia que a questão da distribuição da riqueza e da renda para a sociedade se dar através da luta política na busca da ampliação de direitos e garantias sociais, de oportunidades.

A renda básica universal prevê diminuir a desigualdade social, através da garantia de direitos básicos se apresentando como caminho viável para garantir a comida na mesa dos cidadãos. Contudo, é importante ressaltar que a renda básica universal deve se somar a teia de proteção social já existente e não substituir os direitos constitucionais conquistados na Constituição de 1988. Ou seja, o contrário do que vem acontecendo no Brasil desde 2015, marcado por um conjunto de contrarreformas que está desmontando a Constituição Cidadã de 1988, marcando uma derrota sem precedentes para o povo brasileiro.

O governo adotou um modelo de capitalização que busca ser uma “solução” para os problemas apresentados em relação à manutenção e expansão da oferta de energia elétrica no Brasil. Isso porque a “fonte dos problemas” da Eletrobras, segundo o modelo apresentado, se baseia na falta de investimentos e ineficiência na gestão estatal. Entretanto, a Eletrobras é responsável pela geração de 1/3 da energia do Brasil – o sétimo maior consumidor de energia do mundo. Cabe ressaltar que a Eletrobras, entre 2018 e 2020, teve um lucro superior a R\$ 30 bilhões. A Eletrobras é uma empresa gigante do setor energético, administra 48 hidrelétricas, 12 termelétricas, duas usinas nucleares, 62 eólicas e uma solar. Em seu portfólio, existem geradoras como Furnas e Chesf. Além disso, é a maior transmissora de energia do País, com quase 50% das linhas e subestações existentes.

Neste contexto, o modelo de capitalização adotado pelo governo federal para privatizar a Eletrobras, significa a venda de ações que deve reduzir de cerca de 60% para 45% a participação da União na companhia. A privatização foi viabilizada pela aprovação da Medida Provisória 1.031 e como consequências são esperadas: o aumento da tarifa para a população, o enfraquecimento da soberania nacional, através da falaciosa narrativa da “eficiência” do setor privado e levanta a pergunta de o porquê uma empresa superavitária precisa ser capitalizada? Além disso, o conjunto de decisões fundamentais inseridas no âmbito da maior empresa de eletricidade da América Latina deixará de estar nas mãos do Estado e passará aos ditames do setor privado.

Cabe ressaltar que o mercado de energia elétrica no Brasil, como é possível perceber, envolve cifras astronômicas e por isso desperta muitos interesses, não só econômicos, mas também ambientais e estratégicos. Esses interesses, em sua maioria, estão longe de serem benéficos para a população brasileira. De acordo com o estudo elaborado pelo DIEESE¹⁷⁹, intitulado "Privatização da Eletrobras: risco para a soberania energética do país", é possível entender que a subordinação desse setor estratégico à lógica do lucro, entre outras consequências, acaba por resultar em uma matriz energética

¹⁷⁶ Artigo escrito em julho de 2021.

¹⁷⁷ Graduanda do curso de Ciências Econômicas da UFCG, integrante do PET – Economia e do Grupo de Acompanhamento e Análise da Conjuntura Econômica (GAACE).

¹⁷⁸ Professora da Unidade Acadêmica de Economia da UFCG, coordenadora do GAACE. No presente artigo foi revisora. Email: aguidasantosalmeida@gmail.com.

¹⁷⁹ <https://www.dieese.org.br/notatecnica/2021/notaTec258Eletrobras.pdf>

mais cara. Ademais, seguindo essa lógica o Brasil é colocado na contramão de vários países que após terem privatizado voltaram a reestatizar os serviços também em função da necessidade de adotar políticas voltadas à transição para uma matriz energética mais limpa.

Por fim, segundo o artigo “A privatização só é um bom negócio para os ricos”¹⁸⁰ de Juliane Furno, o argumento de que a privatização da Eletrobras contribuiria para a redução das tarifas de energia também não se sustenta frente às evidências históricas. Antes de tudo, porque a própria natureza do setor de energia impede o seu sistema de livre competição. Além disso, quando privatiza, as empresas de energia não precificam mais a tarifa final no sistema de custos de produção, uma vez que precisa haver a reclassificação da taxa de lucro, de uma variável desejável para uma variável fundamental a ser maximizada e priorizada. Cabe registrar ainda que o setor energético já enfrentou um processo de privatização super controverso nos anos 1990, que findou por contribuir com a crise energética enfrentando no ano de 2001, que forçou a imposição de um duro racionamento que com duras consequências sobre a população, que passou a pagar muito mais caro, por uma energia racionada.

¹⁸⁰ <https://jacobin.com.br/2021/07/a-privatizacao-so-e-um-bom-negocio-para-os-ricos/>

SITUAÇÃO DAS COMUNIDADES INDÍGENAS EM 2021¹⁸¹

*Lucas Diego Souza Ramos¹⁸²
Ágida Cristina Santos Almeida¹⁸³*

As comunidades indígenas no Brasil sempre tiveram em sua história numa posição de muita vulnerabilidade diante dos interesses econômicos nas terras indígenas. Ademais, nesses últimos anos isso tem se intensificado de uma forma alarmante, sobretudo desde 2019 tem-se um expressivo aumento no número de ataques aos povos indígenas, em sua maioria realizada por grupos de garimpeiros e grileiros. O aumento das denúncias das invasões tem alertado até mesmo a Organização das Nações Unidas¹⁸⁴ (ONU), que notificou a necessidade de o governo brasileiro combater o avanço e os ataques sobre os povos indígenas, como também, trabalhar para impedir que novos projetos de lei ameacem os direitos e a segurança dos povos originários brasileiros.

A intenção de escrever esse artigo de opinião é para explicar como que o governo Bolsonaro tem influenciado no aumento dos ataques aos direitos e a segurança das comunidades indígenas no Brasil, não somente isso, mas que os interessados na exploração dessas terras também fazem parte dos que influenciaram a eleição da chapa Bolsonaro, que fomentaria a criação de uma anomia do Estado em fornecer os serviços essenciais de proteção ambiental e de proteção aos povos nativos do Brasil.

Para explicar a situação de risco em que os Povos Originários do Brasil estão enfrentando na atualidade é preciso falar das notícias recentes, que revelam as características na consolidação de um espaço sem a garantia dos direitos fundamentais aos povos indígenas, uma vez que, diante dos ataques nenhuma ação por parte do governo é tomada, permanecendo inócuo diante das frequentes ameaças e ataques. A pesquisa feita pelo Conselho Indigenista Missionário (Cimi)¹⁸⁵ tem apontado um frequente aumento dos ataques, desde 2019, aos povos Yanomami, Munduruku¹⁸⁶ e muitos outros povos de

¹⁸¹Artigo escrito no mês de junho de 2021.

¹⁸² Graduando do curso de Ciências Econômicas da UFCG, integrante do PET – Economia e do Grupo de Acompanhamento e Análise da Conjuntura Econômica (GAACE). E-mail: lucrados53@outlook.com

¹⁸³ Professora da Unidade Acadêmica de Economia da UFCG, coordenadora do GAACE. No presente artigo foi revisora. E-mail: aguidasantosalmeida@gmail.com.

¹⁸⁴<https://g1.globo.com/rr/roaima/noticia/2021/06/02/onu-condenada-ataques-de-garimpeiros-a-indigenas-nas-terras-yanomami-e-munduruku.ghml>

¹⁸⁵<https://cimi.org.br/2020/09/em-2019-terras-indigenas-invasidas-modo-ostensivo-brasil/>

¹⁸⁶<https://g1.globo.com/rr/roaima/noticia/2021/06/02/onu-condenada-ataques-de-garimpeiros-a-indigenas-nas-terras-yanomami-e-munduruku.ghml>

diferentes origens e tradições espalhados pelo Brasil. Dentro dessa problemática, teve-se o crescente número de mortes de lideranças indígenas desarticulando a frente de combate a essas ofensivas.

A atuação do governo em combate ao Covid-19 em 2020 não tem usado dos recursos necessários para proteger os povos originários que estão em isolamento, teve a atuação pífia do Exército em fornecer recursos necessários às comunidades mais afastadas. E diante da ausência do Estado, as comunidades indígenas vêm sendo assoladas pelo contágio do novo coronavírus, trazidos por visitantes ou invasores através dos recentes ataques as comunidades. Ou seja, o risco sanitário veio a somar-se aos demais.

Os grupos de interesses sobre as terras indígenas se dividem entre grupos garimpeiros, madeireiros, grileiros e grupos de religiosos radicais. Seus interesses se estendem na apropriação e na exploração da terra, através dos recursos naturais dos minérios e da vegetação. Soma-se aos elementos antes explicitados a atuação de grupos religiosos radicais que têm o objetivo de converter e doutrinar as tribos. Frente aos interesses dos grupos que querem explorar os recursos naturais, são influenciados fortemente pelo aumento do desemprego generalizado no país e da flexibilização das normas de controle a exploração dos recursos naturais, pela extração de madeira e da abertura das terras para o avanço do agronegócio, que visa a plantação de commodities, ou atividade pecuária para exportação.

Os garimpeiros possuem um forte interesse em algumas terras indígenas, principalmente as de demarcação que assegurariam a posse das terras para não afetar a vida das comunidades indígenas. A crescente busca por atividades extrativistas como o desmatamento para extração de madeira, a exploração de minas e a busca de pedras e metais preciosos, tem levado ao aumento da poluição e da contaminação do solo e dos rios, principalmente em razão dos despejos de mercúrio nos rios, o que tem afetado as comunidades que vivem próximas a essas áreas de exploração. O descaso da manutenção da segurança e a diminuição da imposição das leis, têm influenciado fortemente uma situação onde os crimes cometidos aos povos indígenas e ao meio ambiente não estão sendo investigados e o Estado não está se assegurando a proteção necessária que esses povos precisam e tem direito.

O avanço do projeto de Lei do PL 490¹⁸⁷, aprovado em comissão e posto na Câmara é um exemplo de projetos de lei que fragilizam a segurança das comunidades indígenas. Caso seja aprovada, essa lei permitiria o contato com indígenas isolados caso haja “utilidade pública”, e demonstra como os interesses nas terras indígenas têm crescido e que está em curso um projeto de dominação, dando seguimento a luta histórica desses povos. Diante desse cenário, empresas privadas, nacionais ou estrangeiras, poderiam realizar a aproximação com estes grupos caso contratadas pelo Governo,

¹⁸⁷<https://brasil.elpais.com/brasil/2021-07-02/indigenas-isolados-no-brasil-entram-em-risco-de-extincao-com-avanco-de-projeto-na-camara.html>

comprometendo a segurança das comunidades indígenas, pois os grupos interessados nessa aproximação, possuem a intenção de dominar as terras, explorar os recursos naturais, fazer o avanço do agronegócio, utilizar dos povos como força de trabalho barata.

Pela fala de Carlo Zacchini¹⁸⁸, missionário católico influenciador da demarcação das terras Yanomami: “O governo está do lado dos bandidos em ataques aos yanomami”. Esses fatos se somam e mostram que desde a posse do governo Bolsonaro, tem havido um sucateamento e uma desarticulação das instituições responsáveis para gerir os problemas ligados ao meio ambiente e a segurança dos povos indígenas, como a Funai e o Ibama e outras instituições de Estado estão perdendo poder de atuação para gerir a situação. Como também demonstra a culpabilidade do presidente Jair Bolsonaro na criação dessa situação, que inclusive foi denunciado por genocídio e ecocídio no Tribunal de Haia¹⁸⁹.

¹⁸⁸<https://www.dw.com/pt-br/governo-est%C3%A1-do-lado-dos-bandidos-em-ataques-aos-yanomami/a-57615029>

¹⁸⁹<https://brasil.elpais.com/brasil/2021-07-01/acao-contra-bolsonaro-da-passo-inedito-no-tribunal-penal-internacional-enquanto-indigenas-se-preparam-para-denuncia-lo-por-genocidio-e-ecocidio-na-corte.html>

BRASIL: POR QUE TÃO DESIGUAL?¹⁹⁰

*Ray Raposo Teixeira¹⁹¹
Ágida Cristina Santos Almeida¹⁹²*

A desigualdade social no Brasil é um problema visível que transmite seus efeitos por toda a sociedade. Segundo dados do relatório da Riqueza Global do banco CreditSuisse quase metade da riqueza total do Brasil, ou 49,6%, foi parar nas mãos do 1% mais rico no ano de 2020, mesmo durante pandemia do novo coronavírus. Há 20 anos, o topo da pirâmide detinha 44,2%¹⁹³. Mas o que explica toda essa desigualdade no Brasil? Tais disparidades são decorrentes de uma série de problemas que afetam a estrutura socioeconômica, política e cultural do país.

Primeiramente, a desigualdade social no Brasil tem como alicerce a escravidão. É um dos países que tem o passado mais catastrófico da humanidade considerando a idade moderna. O país construiu sua sociedade a partir de algo totalmente desumano, foi o maior território escravagista do mundo, recebeu quase 5 milhões de escravos¹⁹⁴. Todo esse processo perdurou por mais de 300 anos de escravidão e perpetuou o preconceito e a exclusão raciais, no qual, está entranhado na nossa maneira de ser e se manifesta de forma sutil que muitas vezes não percebemos no dia a dia e podemos chamar de racismo estrutural.

Segundo ponto, é que o Brasil tem uma estrutura produtiva que não promove redução de desigualdade, a nossa estrutura produtiva está baseada na produção de commodities, no extrativismo e na agropecuária que são tipos de uma estrutura produtiva que não é capaz de reduzir as desigualdades. O Brasil é considerado o celeiro do mundo, possui uma estrutura industrial de baixa complexidade e pouca sofisticação. Isso acaba afetando nossa capacidade de gerar bons produtos, bons empregos e consequentemente bons salários. É preciso sofisticar e desenvolver nossa indústria para assim termos boas empresas, gerando mais e melhores oportunidades.

Terceira questão, é que o sistema tributário brasileiro é completamente defasado, é um sistema regressivo, complexo e injusto, herdado em grande medida pela ditadura civil-militar que se estendeu de 1964 até 1985. O Brasil conseguiu criar um paraíso tributário no país mais desigual do planeta, estamos

¹⁹⁰Artigo escrito em agosto de 2021.

¹⁹¹ Graduando em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), integrante do Grupo de Acompanhamento e Análise da Conjuntura Econômica (GAACE) e do Programa de Educação Tutorial em Economia (PET – Economia). E-mail: rayraposo@outlook.com.

¹⁹² Professora da Unidade Acadêmica de Economia da UFCG, coordenadora do GAACE, e revisora do presente artigo. Email: aguidasantosalmeida@gmail.com.

¹⁹³ <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/06/desigualdade-cresce-e-1-no-topo-da-piramide-do-brasil-concentra-metade-da-riqueza.shtml>

¹⁹⁴ <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiadosbrasil/escravidao-no-brasil.htm>

entre o top 10 em desigualdade do mundo junto com os países africanos¹⁹⁵. A maneira como o Brasil cobra, e de quem cobra os tributos mantém uma sociedade profundamente injusta, porque é dramaticamente desigual. Somos o país que menos tributa ricos, quem tem renda e detêm os investimentos, ações, imóveis, patrimônio e terras agrícolas, não paga quase nada de imposto, quem paga imposto no Brasil são os pobres e a classe média.

Além do mais, vivemos em uma sociedade capitalista que é incapaz de produzir para o mundo inteiro um padrão em que todos vivam bem de acordo com as necessidades que precisam, é incapaz pela sua própria dinâmica e pelas suas próprias leis. Portanto, quais são os meios de combater a desigualdade social? O setor privado não é um meio, o setor privado lucra, concentra e não distribui. Ele gera renda e pode diminuir a pobreza, mas não reduz a desigualdade, por que a renda que ele gera numa ponta, ele capitaliza dez vezes mais na outra ponta, ou seja, isso aumenta a desigualdade.

Sendo assim, é o Estado quem tem esse papel distributivo e progressivo onde quem tem mais vai pagar mais e quem tem menos vai pagar menos, arrecadando de uma forma mais justa, através da maior incidência dos impostos progressivos e da ação redistributiva através de programas de distribuição de renda, gerando mais oportunidades a quem tem menos. Nesse sentido o combate à desigualdade passa por um Estado que seja forte o suficiente para cumprir esse papel social, cumprindo o dever de desenhar e aplicar políticas públicas para combater todos os tipos de discriminação, seja racial, regional, de classe, de gênero, entre outras. Pois só assim teremos um país mais justo e igualitário para todos.

¹⁹⁵ <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2020/12/15/brasil-tem-a-8-pior-desigualdade-de-renda-e-supera-so-paises-africanos.htm>

O TURISMO BRASILEIRO E A PANDEMIA DA COVID-19¹⁹⁶

Arthur Felipe Vieira Ferreira¹⁹⁷

Ágida Cristina Santos Almeida¹⁹⁸

O turismo é uma das atividades de maior dinamismo econômico no Brasil, principalmente em datas festivas como Carnaval, São João, Réveillon, etc. A atividade é importante não apenas pelos aspectos econômicos, como também em termos de valorização da cultura e patrimônios nacionais, ou seja, ajuda a moldar a imagem do Brasil no mundo. O Carnaval, por exemplo, relaciona diretamente a imagem do Brasil e traz todo ano um grande número de estrangeiros para conhecer o país, por exemplo, no ano de 2020, cerca de 86 mil de estrangeiros visitaram Salvador, segundo dados disponíveis¹⁹⁹ no site do Ministério do Turismo. Então é importante entender os impactos que a pandemia do COVID-19 teve no setor, já que esse foi um dos setores mais afetados, pois seu funcionamento entra em choque com a orientação de isolamento da Organização Mundial de Saúde.

Ao pensar em turismo, muitas vezes o pensamento é no público estrangeiro, mas a realidade é que os turistas domésticos são a maioria dos turistas, por exemplo, no caso anterior sobre Salvador, o número de 86 mil turistas foi apenas o número de turistas estrangeiros, porém o número de turistas estrangeiros somados com os do próprio país registrou um montante de 16,5 milhões. Porém, uma boa notícia, é que esse número pode aumentar ou pelo menos se manter ao cenário pré-pandemia, pois segundo dados da Booking.com no site²⁰⁰ Mercado e Eventos, 81% dos brasileiros querem viajar no próprio país após a pandemia, não perdendo de vista que a cotação cambial explica em parte essa preferência, considerando que um câmbio desvalorizado encarece o turismo internacional.

Antes de entender o impacto da pandemia na atividade de turismo, é importante conhecer alguns dados recentes do período pré-pandemia. No ano de 2019, o Brasil recebeu cerca de 6,3 milhões de turistas segundo dados do Anuário Estatístico de Turismo 2020, feito pelo Ministério do Turismo e

¹⁹⁶Artigo escrito em agosto de 2021.

¹⁹⁷Graduando do curso de Ciências Econômicas da UFCG, do Grupo de Acompanhamento e Análise da Conjuntura Econômica (GAACE). E-mail: arthur.felipe@estudante.ufcg.edu.br;

¹⁹⁸Professora da Unidade Acadêmica de Economia da UFCG, coordenadora do GAACE e revisora do presente artigo. E-mail: aguidasantosalmeida@gmail.com.

¹⁹⁹<http://antigo.turismo.gov.br/%C3%BAltimas-not%C3%ADcias/13361-carnaval-2020-%C3%A9-marcado-por-recordes.html>;
<https://www.gov.br/pt-br/noticias/viagens-e-turismo/2020/02/carnaval-brasileiro-bate-recorde-de-publico-em-2020>

²⁰⁰https://www.mercadoeventos.com.br/_destaque/_slideshow/mais-de-80-dos-brasileiros-desejam-realizar-uma-viagem-domestica-diz-pesquisa/

disponibilizado²⁰¹ no site da PANROTAS. Além disso, o turismo brasileiro gerou rendimento de R\$ 136,7 bilhões entre os meses de julho de 2018 e julho de 2019, segundo dados presentes²⁰² no site do Governo Federal. Esse que foi um número recorde e será importante para avaliar a situação do setor após a pandemia da COVID-19, que se iniciou no ano de 2020.

A pandemia segue forte em 2021, forçando a suspensão de algumas atrações, como as festas de carnaval, de modo que em vez de um ganho para o país com o turismo, o que tivemos foi uma queda na receita do país, onde segundo dados da Confederação Nacional do Comércio através do site²⁰³ da ISTOÉ Dinheiro, o país poderia perder cerca de R\$ 8 bilhões apenas no Carnaval, porém aumentando com a suspensão de mais atrações, como a Parada Gay, que foi realizada de modo virtual.

Segundo a Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), em artigo²⁰⁴ da UOL Economia, o prejuízo do setor de turismo no Brasil, desde março de 2020 até junho de 2021, é de cerca de R\$ 355,2 bilhões, e o desemprego aumentou, pois cerca de 474,1 mil postos de trabalho foram eliminados. Esse prejuízo atingiu principalmente São Paulo e Rio de Janeiro, já que pelos dados do CNC, ambos representam cerca de 52% do prejuízo total.

O debate sobre quando o setor vai recuperar seu nível pré-pandemia é algo que divide bastante as opiniões, pois os dados não são concretos e outros fatores como a vacinação lenta e tardia, vacinação desigual entre países, como também o surgimento de novas variantes do vírus podem estender a volta do que se chama de novo normal não só para esse setor, como para os demais. O CNC, por exemplo, acredita que a volta ao normal só vai acontecer na segunda metade de 2022. Mas, com o avanço das vacinas, é possível que o retorno possa ser antecipado. No artigo²⁰⁵ da Folha de São Paulo, é destacado que em pesquisa realizada pela Associação das Operadoras de Turismo (Braztoa), em abril de 2021, cerca de 69% das operadoras tiveram percepção de melhora ou pelo menos de estabilização quanto ao mês anterior, e com a realização da mesma pesquisa em maio, essa porcentagem aumentou para 97%, mostrando o otimismo do cenário para as empresas.

²⁰¹https://www.panrotas.com.br/mercado/pesquisas-e-estatisticas/2021/03/brasil-registra-63-milhoes-de-estrangeiros-em-2019_180422.html

²⁰²<https://www.gov.br/pt-br/noticias/viagens-e-turismo/2019/10/turismo-tem-faturamento-recorde-de-r-136-7-bilhoes-em-2019>

²⁰³<https://www.istoedinheiro.com.br/sem-carnaval-perdas-do-pais-podem-chegar-a-r-8-bilhoes/>

²⁰⁴<https://economia.uol.com.br/noticias/estadao-conteudo/2021/06/11/turismo-tem-prejuizo-de-r-3552-bi-na-pandemia-e-corta-474-mil-empregos-formais.htm>

²⁰⁵<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/06/com-vacinacao-setor-de-turismo-ja-sente-maior-procura-por-viagens.shtml>

DIREITOS HUMANOS: UMA REFLEXÃO SOBRE OS IMPACTOS DAS MINORIAS SOCIAIS AFGÃS²⁰⁶

William Bezerra dos Santos²⁰⁷

Águida Cristina Santos Almeida²⁰⁸

Após incontáveis tragédias ocorridas ao longo da história da humanidade, os direitos humanos foram sendo construídos através de reconhecimentos perante lutas por igualdade, liberdade e fraternidade entre todos. E foi após a Segunda Guerra Mundial, que marcou um dos maiores massacres da história da humanidade, que foi criado o órgão internacional com competência para definir quais as responsabilidades e direitos de todo cidadão humano no planeta.

A Organização das Nações Unidas (ONU), criada em 1946, tem como missão o estabelecimento da paz entre as nações. Diante desse contexto foi lançada em 1948 a Declaração dos Direitos Humanos, que assegura o direito à vida²⁰⁹ a qualquer cidadão do planeta terra. O cidadão tem responsabilidades e direitos, como por exemplo, direito à educação, segurança, habitação, entre outros direitos estabelecidos pela ONU. Estes direitos e responsabilidades independem de sexo, raça, cor, religião, língua, opinião política, origem nacional e ou classe social²¹⁰.

Atualmente, após a retirada das forças militares estadunidenses do Afeganistão, o grupo islâmico, Talibã, retornou ao poder no país. Diante do retorno do grupo, acendeu-se um alerta à comunidade internacional acerca da violação dos direitos praticados dentro do país²¹¹. Assim, quais os impactos sobre a piora na garantia de direitos aos cidadãos afgãos diante da ordem político religiosa no comando do país atualmente? A resposta é bastante complexa para ser definida, devido à imprevisível forma como o grupo Talibã abordará questões sociais, diante do Sharia, que é a lei islâmica vigente, a qual, em suma, marginaliza minorias sociais no Afeganistão.

Esta lei islâmica considera que os homens não devem retirar suas barbas e as mulheres devem utilizar vestidos longos que cobrem o corpo, além de usar a burca para cobrir a cabeça. Além disso, as

²⁰⁶Artigo escrito em agosto de 2021.

²⁰⁷Graduando(a) do curso de Ciências Econômicas da UFCG, do Grupo de Acompanhamento e Análise da Conjuntura Econômica (GAACE). E-mail: william-98-2011@hotmail.com;

²⁰⁸Professora da Unidade Acadêmica de Economia da UFCG, coordenadora do GAACE e revisora do presente artigo. E-mail: aguidasantosalmeida@gmail.com.

²⁰⁹[O que são direitos humanos? \(unicef.org\)](https://www.unicef.org/pt-br/o-que-sao-direitos-humanos)

²¹⁰[Declaração Universal dos Direitos Humanos \(unicef.org\)](https://www.unicef.org/pt-br/declaracao-universal-dos-direitos-humanos)

²¹¹[Sharia: o que é a lei islâmica que o Talebã quer aplicar no Afeganistão? - YouTube](https://www.youtube.com/watch?v=...)

mulheres só podem sair de casa mediante a companhia masculina. Qualquer violação da lei é punida com chicotadas e ou apedrejamentos. Todavia, as recentes declarações do Talibã destoam da prática esperada nos marcos da referida lei, dado que estes afirmaram que as mulheres poderão trabalhar normalmente e andar livremente. Não obstante, esta declaração levanta dúvidas, frente a conhecida rigidez das regras que recaem sobre as mulheres.

A reportagem no canal da BBC Brasil no Youtube aponta que, apesar das recentes conquistas femininas no início do século no país, apenas quatro milhões das dez milhões de meninas estavam frequentando a escola em 2013. Além disso, a taxa de educação para as mulheres é ínfima²¹². Além da restrição dos direitos das mulheres, a população LGBT+ vive sob o terror no país, num permanente temor sobre sua vida e integridade, pois muitos temem que até mesmo a própria família os denuncie às autoridades²¹³.

Os recentes acontecimentos no país demonstram uma total violação dos direitos humanos, na contramão do que defende a Declaração dos Direitos Humanos. Diante das responsabilidades de restrições e embargos a países que descumprem os direitos²¹⁴ e apesar das restrições que devem ser acionadas diante dos acontecimentos políticos ocorridos ao Afeganistão, potências mundiais se encontram em busca de negociações com o país apenas visando benefícios geopolíticos estratégicos.

Diante da turbulenta e visível tragédia dos direitos humanos no país, tais atos da comunidade internacional apontam para reflexões sobre onde está a busca pela missão de paz definida quando da criação da Organização das Nações Unidas. Infelizmente, a onda conservadora que assola o mundo em geral acaba por afetar a toda população do planeta terra, e em vários países do mundo os regimes democráticos se encontram sob risco.

²¹²[O que muda para as mulheres no Afeganistão com a volta do Talebã - YouTube](#)

²¹³[LGBT no Afeganistão: 'Posso ser morto na hora' - Internacional - Estado de Minas](#)

²¹⁴[O que são direitos humanos? \(unicef.org\)](#)

O DIA EM QUE O BRASIL ABRIU A CAIXA DE PANDORA²¹⁵

*Pedro Salviano Neto²¹⁶
Águida Cristina Santos Almeida²¹⁷*

O período que segue ao 31 de agosto de 2016, a data que registra o dia em que a Presidente Dilma sofreu o impeachment, sendo desligada definitivamente do cargo de Presidente do Brasil, a partir desse momento o Brasil que já sofria de problemas econômicos, sociais, políticos e institucionais, passou a viver um quadro de agravamento dessa crise múltipla e histórica, chegando a consequências inimagináveis e jamais vistas na história contemporânea do país. O Brasil vem passando por diversos e graves problemas, que vão desde os problemas sociais, na saúde, os econômicos, na educação, no meio ambiente, conflito entre os poderes (crise política e institucional), inflação crescente, etc.

Após o impeachment da presidente Dilma, o país passou a ser comandado pelo ex-presidente, o parlamentar do MDB, Michael Temer, onde através de perigosas alianças entre políticos e grandes empresários, articularam (contra) reformas que foram agravando o quadro de crise instaurado em 2015. Ainda em 2016, Temer juntamente com o Congresso, aprovaram a PEC do Teto de Gastos, em seguida vieram as reformas trabalhista, ministerial, retomada das privatizações, como por exemplo, a do pré-sal etc. Ainda tentou, em 2018, aprovar a Reforma da Previdência, que acabou sendo aprovada somente em 2019, já no mandato de Bolsonaro.

Todos esses acontecimentos ficaram marcados na história política do Brasil. Foram acontecimentos desencadeado por interesses políticos através da “Operação Lava Jato”, pois logo após a instauração dessa operação e da ampla cobertura midiática em torno da mesma, a sociedade brasileira iniciou um processo de crise política e social, no qual personagens políticos passaram a se aproveitar da situação e iniciaram um processo de construção de narrativas, através de compartilhamento em massa de notícias falsas, utilização de influenciadores para propagar os discursos tendenciosos, dentre outros meios. Todas essas estratégias atingiram o emocional de grande parte população, num contexto de piora econômica e social, e assim conseguiu-se gerar uma cisão dentro do diálogo político, pois a intolerância passou a ganhar cada vez mais espaço e como em uma bola de neve chegamos ao cenário político das

²¹⁵ Artigo escrito em agosto de 2021.

²¹⁶ Graduando em Ciências Econômicas – UAECN/UFCEG, integrante do PET/Economia/UFCEG e do GAACE/UFCEG. E-mail: pedrosalviano@outlook.com

²¹⁷ Professora revisora do presente artigo. É professora da Unidade Acadêmica de Economia da UFCEG e Coordenadora do Grupo de Acompanhamento e Análise da Conjuntura Econômica – GAACE.

eleições de 2018. Daí, como em uma convulsão social o Brasil veio a eleger um “figurão” político que cresceu usando das estratégias mencionadas anteriormente. Sendo assim, o atual Presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, é o grande personagem resultante do caos que se instaurou no Brasil.

E assim chegamos ao cenário atual do Brasil, que segue armadilhado em diversas crises de frentas distintas. Já era sabido que o Brasil passaria por um período obscuro durante os quatros anos em que Bolsonaro e sua trupe estivesse à frente do governo, mas um ponto factual do qual não era esperado, foi o advento da pandemia, o que agravou ainda mais toda a situação, pois com a péssima gestão do governo, tanto na saúde em não seguir os protocolos indicados por especialistas, na má gestão econômica por parte da equipe do Ministério da Economia, na má gestão do meio ambiente, na má gestão da educação, etc.

De fato, era esperado que com a vitória de Bolsonaro, o Brasil iria enfrentar uma das fases mais difíceis desde a redemocratização. Então, nesse sentido a pandemia se tornou um divisor de águas, que veio a expor ao mundo o modo caótico como o Brasil estava sendo governado por um inepto, que em meio a uma das maiores pandemias na era moderna, conseguiu potencializar as já existentes crises institucional, ambiental, sanitária, social, econômica etc. E mesmo em meio a todo o caos que já vínhamos enfrentando durante o ano de 2020 e 2021, o presidente e sua equipe, conseguiram instaurar conflitos de narrativas em meio à população, criminalizando os meios de comunicação, causando histeria coletiva com seus remédios fictícios anti COVID, e desqualificando as medidas cientificamente comprovadas de combate à pandemia, o que causou aumentos súbitos nos casos de hospitalização, caos nos hospitais, que levou muitas pessoas a perecerem.

Sendo assim, pode-se perceber que o Brasil a partir do momento em que a operação lava jato passou a ser usada como instrumento de interesses político, o nossa nação passou a amargar seguidas situações de conflitos e crises, que podem até ser comparadas com o mito grego da Caixa de Pandora, pois logo após o período do início da segunda metade da década de 2010, deixamos de ter uma economia forte, deixamos de crescer, o desemprego cresceu, a inflação voltou ao cenário social e econômico, voltamos para o mapa da fome, e mais do que nunca antes visto no Brasil, pessoas passaram a morrer aos milhares devido à incompetência governamental.

Segundo a mitologia grega a Caixa de Pandora foi uma caixa onde os deuses do Olimpo depositaram todos os males existentes no mundo, dentre essas pode-se citar: doenças, discórdias, guerras, ganância, inveja, etc. E com essa estória, o mito da Caixa de Pandora, com o passar das eras foi sendo repassado com conforme originalmente construída, ou seja, a de que abriga a maldade do mundo. Dessa maneira, caso que seja aberta, por mera soberba, curiosidade, tal ato pode acarretar em consequências negativas para os humanos.

Em um país na América Central, denominado Nicarágua, tem ocorrido diversas turbulências no cenário político. Um fato que ocorreu recentemente foi o de que o diretor de um jornal nicaraguense, chamado La Prensa, Juan Lorenzo Holmann, foi preso no dia 14 de agosto, depois de uma operação contra a publicação, ligada à suposta lavagem de dinheiro²²¹.

Em 2021, no dia 7 de novembro, está marcado para ocorrer as eleições presidenciais e muitos opositores do regime de Daniel Ortega (presidente em exercício) estão presos; já são 33 o número de opositores e críticos do regime que foram encarcerados, entre eles sete são pré-candidatos detidos. A polícia da Nicarágua fez uma busca no dia 2 de junho do ano corrente, na casa da opositora Cristiana Chamorro. Logo depois, a Justiça ordenou a prisão dela por uma acusação de lavagem de dinheiro apresentada pelo governo de Daniel Ortega²²². Vale salientar que a mesma é pré-candidata à Presidência.

Nesse cenário, foram solicitadas algumas medidas contra a opositora, como a perda dos direitos civis e políticos por encontrar-se em um processo criminal. O Ministério privou-a de seus direitos civis e políticos, ainda que as acusações não tenham sido provadas. A Nicarágua está caminhando para as piores eleições possíveis, e esses ataques à democracia demonstram como é impossível eleições livres e cabíveis no país. Esses ataques feitos à liberdade e a implementação de um regime associados à manipulação do cenário eleitoral, mostram o quadro político e social que o país está vivenciando.

É necessário reforçar a defesa da democracia e preservá-la, pois, em uma ditadura esse diálogo nunca seria possível e as pessoas não teriam o poder de escolher os seus representantes de maneira democrática. O que ameaça a ditadura é a democracia, mas a democracia é ameaçada por muitos outros fatores, além do próprio regime. A sociedade deve sempre estar presente nas decisões e atos realizados pelo governo do seu país, tendo em vista que as liberdades civis e os direitos políticos são essenciais

²¹⁸Artigo escrito em agosto de 2021.

²¹⁹Graduando(a) do curso de Ciências Econômicas da UFCG, do Grupo de Acompanhamento e Análise da Conjuntura Econômica (GAACE), membro do Programa de Ensino Tutorial (PET) Economia. E-mail: diarycg@gmail.com;

²²⁰Professora Adjunta IV da UAEF/UFCG, tutora do PET – Economia e integrante do GAACE. E-mail: kvanessaleite@gmail.com.

²²¹https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/08/diretor-de-jornal-critico-ao-regime-de-ortega-e-preso-na-nicaragua.shtml?utm_source=whatsapp&utm_medium=social&utm_campaign=compwa

²²²<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/06/justica-manda-prender-opositora-de-ortega-na-nicaragua.shtml>

para a consolidação democrática, o único desejo a um regime autoritário deve ser o que ele termine. Para que um país seja considerado pertencente a esse tipo de governo, ele precisa ter eleições justas, competitivas, livres e a oposição tem que ter oportunidade de concorrer e, se for o caso, ganhar as eleições. A América Latina precisa mudar a sua conjuntura política, em alguns países, para adquirir as liberdades dos cidadãos e não viver governos totalitário. Que isso não aconteça também no Brasil.

Já é sabido que a pandemia causada pelo covid-19 escancarou os mais diversos problemas brasileiros, sejam estes econômicos, políticos e/ou sanitários. Para além dessas problemáticas, a população brasileira tem sofrido com a fome e a insegurança alimentar (IA) dentro de seus lares. De acordo com o estudo divulgado no mês de abril pela Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede Penssan), do total de 221,7 milhões de brasileiros, 116,8 milhões enfrentam algum grau de insegurança alimentar, desta parcela, 43,4 milhões não possuem comida em quantidade necessária e 19 milhões de brasileiros convivem com a fome²²⁶.

Diante de dados tão graves, faz-se importante entender o que é este problema, ou seja, o que é a insegurança alimentar e quais são os seus graus. Considera-se insegurança alimentar quando o acesso a alimentos de qualidade não é regular, permanente e em quantidade suficiente, sem que isso comprometa o acesso a outros bens e serviços essenciais²²⁷. De acordo com a Escala Brasileira de Insegurança Alimentar (EBIA), a insegurança alimentar é dividida em três graus²²⁸:

- IA leve, quando há preocupação ou incerteza em relação ao acesso à alimentação no futuro e a qualidade dos alimentos deixa de ser prioridade para que a maior quantidade de alimentos seja consumida/comprada.
- IA moderada, quando há uma redução quantitativa de alimentos e/ou uma quebra nos padrões de alimentação devido à falta de mantimentos entre os adultos.
- IA grave, onde há uma quebra nos padrões de alimentação de todos os moradores de um lar (crianças e adultos) por falta de alimentos. Neste caso as pessoas passam a conviver com a fome dentro de suas casas.

²²³Artigo escrito em agosto de 2021.

²²⁴Graduanda do curso de Ciências Econômicas da UFCG, do Grupo de Acompanhamento e Análise da Conjuntura Econômica (GAACE) Integrante do Programa Educação Tutorial – PET Economia. E-mail: nicolegfreitas6@gmail.com;

²²⁵Professora da Unidade Acadêmica de Economia da UFCG, coordenadora do GAACE e revisora do presente artigo. E-mail: aguidasantosalmeida@gmail.com.

²²⁶http://olheparaafome.com.br/VIGISAN_Inseguranca_alimentar.pdf

²²⁷<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2021/04/13/Qual-o-quadro-de-inseguran%C3%A7a-alimentar-no-Brasil-da-pandemia>

²²⁸https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_media/ibge/arquivos/84ba4ba41364a84e93f1c94be42c0ead.pdf p. 17

A insegurança alimentar é intensificada em marcadores de desigualdade com recortes de gênero, raça ou cor e contextos regionais e territoriais. De acordo com a amostra do estudo realizado pela Rede Penssan, 11,1% das mulheres se encontram em situação de insegurança alimentar grave, enquanto os homens somam um total de 7,7%. Os dados referentes a IA quando se trata da porcentagem por raça ou cor, são de 10,7% para pessoas autodeclaradas pretas ou pardas e 7,5% para pessoas autodeclaradas brancas. Para as regiões brasileiras, as mais afetadas são Norte e Nordeste. Na região Norte 18,1% de sua população sofre com IA grave e na região Nordeste a parcela da população que sofre de insegurança alimentar grave soma 13,8%.

Diante das informações expostas acima é válido dizer não é apenas a insegurança alimentar e a fome que atingem severamente a vida da parcela mais vulnerável da população brasileira. Historicamente, o Brasil mostra-se um país desigual, de oportunidades e regalias para poucos. Claramente a fome e a insegurança alimentar precisam ser combatidas e somam-se a estes problemas vários outros que implicam na qualidade de vida de uma parcela considerável de brasileiros, num contexto de agravamento social e econômico desde 2015, asseverado em razão da pandemia e da gestão desastrosa que o (des)governo brasileiro vem fazendo.

O consumo das famílias, que é responsável por 2/3 do PIB, ficou **estagnado** em 0% no segundo trimestre, em relação ao primeiro trimestre do corrente ano²³². Tal componente, sendo o principal para o cálculo do PIB - pela ótica da demanda -, responde por cerca de 60% do indicador. Além do desemprego em alta - que nesse segundo trimestre de 2021, a taxa de desemprego é de 14,1%, **são 14,4 milhões de pessoas**²³³ e também da perda de renda da população, as dificuldades de consumo dos brasileiros também têm sido amplificadas pelo aumento da inflação²³⁴ que, nos últimos meses, vem sendo puxado pela energia elétrica, que ficou mais cara por causa da crise hídrica, e pela alta do preço dos alimentos que compõem a cesta básica²³⁵. Se não fosse o bastante, somos obrigados a ver o Ministro da Economia, que deveria estar cuidando de todos esses problemas, perguntar “*Qual o problema se energia ficar um pouco mais cara?*”²³⁶, quando a gasolina já atingiu a marca de R\$ 7,00 o litro em alguns estados.

Bem, Senhor Ministro, eis algumas razões pelas quais é sim um problema a gasolina ficar mais cara: em um país de dimensões continentais, como o nosso, dado que o transporte dos produtos que chegam aos supermercados se dá por via terrestre, imaginamos que seja do seu conhecimento que isso impactará o custo de quase tudo que consumimos. Com os combustíveis mais caros, há uma grande chance de as passagens de ônibus passarem por reajustes, especialmente por esse ser um preço administrado. Tudo isso irá contribuir para deteriorar, ainda mais, as condições de vida da maior parte da população brasileira que já sofre os impactos da sua má gestão e da agenda que o senhor está representando. Repense, Ministro, repense!

O mês de agosto de 2021 registrou alta de preços de 0,89% segundo o IPCA-15, medido pelo IBGE - considerada a maior variação para um mês de agosto desde 2002. Esses aumentos parecem

²²⁹Artigo escrito em setembro de 2021.

²³⁰Graduando em Ciências Econômicas da UFCG, do Grupo de Acompanhamento e Análise da Conjuntura Econômica (GAACE);

²³¹Professora Adjunta IV da UAEF/UFCG, Tutora do PET – Economia e integrante do GAACE. E-mail: karla.vanessa@professor.ufcg.edu.br.

²³²<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/09/consumo-das-familias-fica-estagnado-no-segundo-trimestre.shtml>

²³³<https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/08/31/desemprego-fica-em-141percent-no-2o-trimestre-diz-ibge.ghtml>

²³⁴<https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/08/25/ipca-15-previa-da-inflacao-oficial-fica-em-089percent-em-agosto.ghtml>

²³⁵<https://www.cartacapital.com.br/economia/inflacao-agronegocio-ausencia-de-politicas-alimentares-fazem-subir-o-preco-dos-alimentos-no-pais/>

²³⁶<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/08/guedes-ve-narrativas-negacionistas-e-diz-que-fundamentos-fiscais-nunca-estiveram-tao-tranquilos.shtml>

teimosia. Os preços dos combustíveis, como diesel e gasolina e também do botijão de gás estão mais caros pelo aumento do preço do petróleo e a cotação do dólar e, como fora dito antes, em alguns estados o preço médio da gasolina bateu R\$ 7,00 o litro. E o preço médio de gás de 13kg é de R\$ 93,00 - sem levar em consideração os locais onde esse valor ultrapassa R\$ 100,00.²³⁷

Em relação ao aumento da energia, a crise hídrica que estamos enfrentando é considerada por ambientalistas maior em 91 anos e, é apontada como a principal causa no aumento da conta de luz. A falta de chuvas (e de investimentos, claro!) fez com que as hidrelétricas fornecessem menos energia e o governo precisou acionar as termelétricas, que por seu turno, são mais poluentes e caras.

Sobre o consumo das famílias, a alta dos alimentos também é impulsionada pela alta do dólar, já que algumas commodities como arroz e feijão são cotadas de acordo com a moeda americana - isso faz com que os produtores nacionais prefiram exportar que vender para o mercado interno, reduzindo a oferta doméstica - sem falar na insegurança alimentar.

Seria interessante que o representante da pasta da economia se posicionasse sobre isso, para além de colocar a responsabilidade da alta dos preços apenas no cenário externo ou nos brasileiros que receberam auxílio emergencial. Nesse particular, será que Paulo Guedes está acompanhando a conjuntura ou continua apenas com seus devaneios de uma “economia que vai decolar”? Quem estiver acompanhando a conjuntura, verá que, a despeito da redução do auxílio emergencial, os preços dos alimentos seguem em alta. E verá ainda mais: o aumento do preço dos combustíveis não está relacionado ao imposto cobrado pelos Estados (ICMS), cuja contribuição para o preço final da gasolina soma cerca de 27,6% frente aos 34% da realização da Petrobrás, que está diretamente vinculado a sua política de preços²³⁸. Seria mesmo teimosia ou política deliberada? Precisamos refletir sobre isso.

²³⁷<https://odia.ig.com.br/economia/2021/08/6221499-botijao-luz-gasolina-e-alimentos-entenda-por-qual-motivo-o-custo-de-vida-aumentou-tanto.html>

²³⁸<https://www.brasildefato.com.br/2021/08/29/litro-da-gasolina-ja-passa-de-r-7-em-alguns-estados-e-a-culpa-nao-e-do-icms>

ELEVAR OS JUROS PARA CONTER INFLAÇÃO DE CUSTO?²³⁹

Nícolas de Macêdo Alves²⁴⁰

Águida Cristina Santos Almeida²⁴¹

O atual quadro macroeconômico brasileiro vem mostrando fragilidades que preocupam vários economistas. Entre os diversos problemas estruturais presentes na atual conjuntura, a inflação é um elemento que vem causando forte redução no poder de compra das famílias, visto que os aumentos nos preços em componentes que fazem parte do cotidiano de diversos brasileiros, notadamente a gasolina, gás de cozinha, transporte, eletricidade e alimentação, estão consumindo uma grande fatia da renda das famílias, num contexto de elevado desemprego e precarização do mercado de trabalho.

O IPCA registrou o percentual acumulado de 7,27% até o mês de agosto, superando o limite definido pelo Conselho Monetário Nacional de 5,25%. Então, com base nos dados do IPCA, que registram uma subida permanente dos preços, o COPOM, na tentativa de atenuar as pressões inflacionárias vem subindo a taxa básica de juros, SELIC, desde março de 2021. Atualmente a taxa Selic se encontra no patamar de 7,5% ao ano. Mas por quais motivos a inflação ainda continua a deteriorar o orçamento da população brasileira?

A priori, elevar os juros para conter pressões inflacionárias só se tem êxito quando a inflação é de demanda, ou seja, quando o aumento excessivo da procura gera pressões sobre a oferta agregada. Neste caso, elevar os juros seria uma medida para frear a demanda agregada, contendo assim o surto inflacionário. Já a inflação de oferta (denominada também de inflação de custos), que marca a natureza da inflação brasileira no contexto atual, ataca diretamente o custo de produzir determinado bem ou serviço, que por seu turno, independe do nível da demanda. Neste caso, elevar os juros não tem impacto direto nenhum sobre esse tipo de inflação, pois o aumento no custo de produção deriva diretamente da alta no preço do petróleo, por exemplo, que passou por uma queda brusca no dia 20 de abril de 2020 e desde então o preço no mercado futuro de petróleo bruto segue em uma tendência de alta que acumula um percentual de alta de 263,59%, partindo do preço da abertura em abril e do fechamento em agosto.

²³⁹Artigo escrito em setembro de 2021

²⁴⁰Graduando em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e integrante do Grupo de Acompanhamento e Análise da Conjuntura Econômica (GAACE) e o Programa de Educação Tutorial (PET – Economia). E-mail: alvesnicolas660@gmail.com

²⁴¹Professora da Unidade Acadêmica de Economia da UFCG e Coordenadora do Grupo de Acompanhamento e Análise da Conjuntura Econômica – GAACE. No presente artigo foi revisora. Email: aguidasantosalmeida@gmail.com

Este aumento no preço do petróleo é decorrente principalmente da recuperação da economia chinesa e logo após, da recuperação da economia dos Estados Unidos.

Outro fator que puxou os preços dos bens e serviços para cima, foi a rápida e persistente depreciação cambial, que levou o dólar ao patamar de R\$ 5,99 no segundo semestre do ano de 2020. Quando analisamos o gráfico seguinte, percebemos que há uma tendência de alta que se inicia em janeiro de 2020, desde então o dólar acumula uma alta de 28,58%, partindo do preço de abertura em janeiro, para o fechamento no mês de agosto do ano passado. Logo, estes dois fatores (alta no preço do petróleo e depreciação cambial) vêm contribuindo decisivamente para o encarecimento da cesta básica no Brasil.

Excluindo-se as variáveis, petróleo e dólar, elencadas anteriormente, outros três fatores também se acumulam para explicar a elevação no preço dos alimentos: a estiagem presente no ano de 2020 que foi a pior desde de 1931, provocando uma crise hídrica, que se transformou numa crise energética, considerando a matriz energética do Brasil e a centralidade da energia hidrelétrica; aumento da demanda por alimentos em função da formação preventiva de estoques ocasionada pela incerteza em relação à pandemia; e também pelo fim dos estoques reguladores da Conab, promovido pelo atual governo, que desmontou a política de segurança alimentar brasileira.

Muitos argumentam que o motivo da elevação do Selic, seria uma maneira de atrair capitais, tornando a moeda brasileira mais apreciada, visto que a economia brasileira é em grande medida, indexada ao dólar. Não obstante, no gráfico abaixo é notório que a partir do momento que o COPOM começou a elevar a Taxa Selic, o dólar segue uma tendência de baixa. Mas quando olhamos o espectro geral, notamos que o movimento do preço segue em uma tendência lateralizada, isto é, as elevações na taxa Selic parecem não está surtindo efeitos significativos no curto prazo, na cotação real em relação ao dólar.



Fonte: “Trading

View- Mercado de câmbio USD/BRL.”

Destarte, elevar os juros em períodos em que a economia brasileira estagnada, com um patamar recorde de desempregados, desalentados, precarizados, só colabora para que a retomada do crescimento econômico seja mais lenta. Por quê? Um dos motivos é que o nível de inversões no setor produtivo não se torna atrativo, partindo do pressuposto de que o capital financeiro concorre com o capital produtivo, isto é, o custo de oportunidade de investir no setor industrial, por exemplo, torna-se maior do que alocar o capital em um título público indexado à taxa básica de juros, que fornece baixíssimo risco e o ROE acaba sendo mais rentável.

Em relação à inflação brasileira do presente, as soluções passam pela revisão da política de preços da Petrobrás, da retomada da política de segurança alimentar, bem como de soluções de alcance mais longo, como a retomada de investimentos para modificar a matriz energética do Brasil. Além disso, há um componente mais abrangente nesse fenômeno inflacionário contemporâneo, que diz respeito ao choque temporário de oferta global, e se tratando do câmbio, o que poderia ser tomado como medida seria o controle sobre o fluxo de saída de capitais. O caso brasileiro é preocupante, pois a estreita relação entre a alta do dólar e da inflação (em função do impacto nos custos de produção que a alta do dólar promove) acaba deteriorando veementemente o orçamento das famílias, que, por conseguinte, piora o quadro de insuficiência de demanda, agravando ainda mais as condições sociais e econômicas de vida da população, sobretudo dos mais pobres, sendo importante a atuação do Estado de maneira que assegure condições mínimas de subsistência para todos e sustente um nível minimamente profícuo de demanda efetiva, pois quando não há perspectiva de elevação no nível de demanda efetiva, os empresários não se inclinam no tocante a decisão de investir no setor produtivo, ampliando o nível de capacidade instalada, necessário para ampliar o produto, o investimento e o emprego do país²⁴².

²⁴²<https://jlcereiro.wordpress.com/2021/08/17/dolarizacao-fim-dos-estoques-e-clima-agravaram-inflacao-diz-oreiro-hora-do-povo-17-08-2021/>
<https://www.correiobraziliense.com.br/economia/2021/08/4946643-ipca-para-2021-passa-de-711--para-727--acima-do-teto-da-meta-de-525.html>
<https://br.tradingview.com/symbols/NYMEX-CL1/>
<https://www.instagram.com/p/CTNIwRWnjnc/>

O ENFRAQUECIMENTO DO ANTIPETISMO DIANTE DO FRACASSO DO GOVERNO BOLSONARO²⁴³

*Júlia Farias V. Caminha²⁴⁴
Karla Vanessa B. S. Leite²⁴⁵*

A previsão de muitos cientistas políticos²⁴⁶ para as eleições presidenciais de 2022, no Brasil, é a conversão de um cenário político marcado pelo intenso sentimento antipetista para um quadro de destaque à corrosão do governo mais errante da história: o governo Bolsonaro. Desse modo, o antipetismo, sendo a ideologia responsável, em grande parte, por governar as decisões do sistema político brasileiro dos últimos anos, hoje, perde espaço diante da grande insatisfação popular com a gestão do presidente que se elegeu às suas custas.

Aparentemente, a pandemia do Covid-19 serviu para evidenciar o óbvio: quando se coloca um irresponsável (no mínimo) no poder, permite-se a exploração até do que lhes é essencial à subsistência, pelos menos é isso o que sentem os mais de 50% da população brasileira que atualmente vivem com algum grau de insegurança alimentar²⁴⁷, devido a alta inflação nos preços dos alimentos e a volta dos alarmantes níveis de pobreza no país. Também é provável que sintam algo parecido os familiares dos mais de 580 mil brasileiros, vítimas fatais do coronavírus, quando ouvem o presidente da república diretamente incentivar as aglomerações e a circulação do vírus, sob uma justificativa medíocre em defesa de uma economia fundamentada em um neoliberalismo que nunca prospera.

Para mais, as fragilidades da administração bolsonarista em conduzir o país a um mínimo grau de estabilidade em qualquer setor social que seja, continuam a impressionar: o desemprego a níveis recordes²⁴⁸, atraso na compra de vacinas²⁴⁹, escândalos de corrupção²⁵⁰, negacionismo, embaraço diante

²⁴³Artigo escrito em setembro de 2021.

²⁴⁴Graduando(a) do curso de Ciências Econômicas da UFCG, do Grupo de Acompanhamento e Análise da Conjuntura Econômica (GAACE). E-mail: juliafarias.uniufcg@gmail.com;

²⁴⁵Professora Adjunta IV da UAEF/UFCG, Tutora do PET – Economia e integrante do GAACE. E-mail: karla.vanessa@professor.ufcg.edu.br.

²⁴⁶<https://www.cartacapital.com.br/politica/antibolsonarismo-sera-maior-que-antipetismo-em-2022-avaliam-cientistas-politicos/>

²⁴⁷Pesquisa realizada pela Universidade Livre de Berlim. Pode ser encontrada em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2021/04/13/qual-o-quadro-de-inseguran%C3%A7a-alimentar-no-Brasil-da-pandemia>.

²⁴⁸<https://www.correiobraziliense.com.br/economia/2021/07/4934787-desemprego-segue-em-alta-e-chega-a-147-milhoes-de-brasileiros.html>

²⁴⁹<https://brasil.elpais.com/brasil/2021-05-13/diretor-da-pfizer-escancara-atraso-letal-do-governo-bolsonaro-na-compra-de-vacinas.html>

²⁵⁰<https://www.redebrasilatual.com.br/politica/2021/07/discurso-de-bolsonaro-contracorrupcao-caiu-por-terra-afirma-senador/>

da comunidade internacional, crescente preço do dólar²⁵¹... enfim, a lista é infinita. Até o Paulo Guedes, o “grande trunfo” da extrema direita, já foi desmascarado pelos próprios eleitores, devido sua evidente incapacidade de gerir um sistema público tão complexo como a economia brasileira.

Somado a tudo isso, somente a recuperação dos direitos eleitorais do ex-presidente Lula para completar o pacote “Bolsonaro nunca mais”. Entretanto, com o petista legalmente de volta ao jogo, fica o questionamento: será que o ódio pelo PT vai garantir uma segunda vitória à Jair Bolsonaro, agora popularmente conhecido como “Genocida”? A resposta, como já dito anteriormente, é que se espera que não. Mesmo com a recusa de parte significativa da sociedade em aceitar de bom grado mais um governo petista, é provável que, na falta de uma terceira via, a população prefira “qualquer um” a ter que passar mais quatro anos de retrocesso com a incompetência bolsonarista e isto, é claro, pode ser deduzido de dados obtidos de pesquisas, como as realizadas pela Datafolha²⁵²: em uma simulação de primeiro turno, Lula vence com 46%, enquanto Bolsonaro fica atrás com 25% dos votos. Nessa mesma pesquisa, Bolsonaro também perde em segundo turno para Ciro Gomes e João Dória.

Por fim, o antibolsonarismo, ocasionado pelo impraticável sucesso da própria ideologia bolsonarista, substitui - ou pelo menos é o que resta acreditar - o que outrora o antipetismo foi, e se institui como pensamento hegemônico na avaliação do atual cenário político. Dessa forma, favorece a figura que representa o maior adversário político de Bolsonaro: Lula, representado pelo Partido dos Trabalhadores. Para mais, é cômico se lembrar da frase: “o mal se destrói por si só” ao relembrar do projeto golpista promovido por um sistema político “pró-Bolsonaro” e que agora se destrói pelas próprias contradições internas e incompetências ao se defrontar, tardiamente, que em uma instituição democrática, planos essencialmente autoritários não devem ter voz. Constituição acima de tudo, Democracia para todos!

²⁵¹<https://economia.uol.com.br/cotacoes/noticias/redacao/2021/08/19/fechamento-dolar-ibovespa-19-agosto.htm#:~:text=D%C3%B3lar%20sobre%20a%20R%24%205%2C423%2C%20maior%20valor%20em%203,meses%3B%20Bolsa%20tamb%C3%A9m%20tem%20alta&text=Com%20o%20mercado%20de%20olho,a%20R%24%205%2C423%20na%20venda.>

²⁵²<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/07/datafolha-lula-amplia-vantagem-sobre-bolsonaro-para-2022-e-marca-58-a-31-no-2o-turno.shtml>

CRISE ENERGÉTICA: ESCASSEZ DE CHUVAS EM UM PAÍS REFÉM DAS USINAS HIDRELÉTRICAS²⁵³

Nicole Freitas Gois de Siqueira²⁵⁴

Águida Cristina Santos Almeida²⁵⁵

Nós brasileiros estamos enfrentando uma das maiores secas dos últimos 90 anos, causada pela escassez das chuvas²⁵⁶. De acordo com o infográfico publicado pela Agência Nacional de Energia Elétrica – ANEEL, o Brasil possui 739 centrais geradoras hidrelétricas, 425 pequenas centrais e 219 usinas hidrelétricas. Dentre essas, três estão entre as dez maiores do mundo²⁵⁷. Com isso, é notório que o Brasil é um país refém da produção de energia elétrica através das usinas hidrelétricas.

É importante dizer que com a crise hídrica e a queda do nível dos reservatórios das hidrelétricas, a oferta de energia passa a ser compensada através de usinas termelétricas, as quais têm um custo para geração de energia elétrica maior e, claro, esse custo tem sido repassado à sociedade brasileira. Ainda segundo a ANEEL, a intensa utilização das termelétricas para garantir o fornecimento de energia durante este ano vai custar R\$ 9 bilhões aos consumidores²⁵⁸.

Frente ao gasto previsto e o já efetivado, a solução encontrada pelo governo foi aprovar um reajuste de 49,63% no valor cobrado na bandeira tarifária. Com isso, a partir deste mês de setembro de 2021 a taxa adicional cobrada nas contas de energia passou de R\$ 9,49 para R\$ 14,20²⁵⁹. Como já foi dito no presente artigo, quem vem pagando a conta de tudo isso tem sido a população brasileira a qual já vem sendo fortemente impactada pela pandemia causada pelo COVID-19 e a irresponsabilidade na gestão das crises econômica e sanitária pelo Governo Bolsonaro.

É sabido que a sociedade brasileira está passando por maus bocados, pois além da elevação no preço da energia, acumulam-se alta no preço dos alimentos, no preço dos combustíveis, no preço do gás de cozinha, e nos aluguéis; associadas com altos índices de desemprego, dentre tantos outros problemas.

²⁵³Artigo escrito em setembro de 2021

²⁵⁴Graduanda do curso de Ciências Econômicas da UFCG, do Grupo de Acompanhamento e Análise da Conjuntura Econômica (GAACE) Integrante do Programa Educação Tutorial – PET Economia. E-mail: nicolegfreitas6@gmail.com;

²⁵⁵Professora da Unidade Acadêmica de Economia da UFCG, coordenadora do GAACE e revisora do presente artigo. E-mail: aguidasantosalmeida@gmail.com.

²⁵⁶<https://www.nexojornal.com.br/extra/2021/06/29/Ag%C3%A2ncia-de-energia-aumenta-em-52-taxa-extra-na-conta-de-luz>

²⁵⁷<https://bit.ly/3cPpEYs>

²⁵⁸<https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/06/16/conta-de-luz-entenda-por-que-ela-esta-mais-cara-e-por-que-deve-continuar-a-subir.ghml>

²⁵⁹<https://www.opovo.com.br/noticias/economia/2021/08/31/governo-cria-taxa-extra-por-escassez-hidrica-com-alta-de-678-na-conta-de-luz.html>

Além do mais, enfrentar uma crise energética durante esse período torna a recuperação econômica do país ainda mais difícil e as consequências de todo esse caos são pouco previsíveis.

No filme *O Regresso*, o protagonista, chamado Hugh, é atacado por um urso enquanto caçava no meio da floresta, assim ficou seriamente ferido de tal modo que nem conseguia falar. Posteriormente ele é abandonado por seu grupo, então começa a vagar pelas vastas florestas da América do Norte, enfrentando a dor, o frio, a fome e ainda buscando a vingança por ter sido deixado para falecer. O Brasil parece enfrentar uma situação parecida com a de Hugh, pois mesmo sem conseguir resolver as crises já existentes aparecem mais problemas que vão impactando duramente o sistema econômico-social brasileiro. No entanto, diferente da personagem fictícia, o governo federal persiste em ignorar os problemas ao invés de enfrentá-los com seriedade, além disso, o presidente ainda faz questão de atuar para criar mais incertezas com atos que fomentam a violência e o ataque às instituições. Como consequência, a conjuntura brasileira obtém como resultados uma junção de impasses aparentando formar um Megazord de crises que retira as oportunidades da economia de poder voltar a ter possibilidades de recuperação econômica e melhora social.

Mesmo antes da pandemia a política do presidente já não era nada efetiva, principalmente por passar quase todo o ano de 2019 tentando aprovar a reforma da previdência. Com isso o PIB só cresceu 1,1%, ou seja, ainda nem conseguindo recuperar o que foi perdido em 2015. Com o crescimento pífio de 2019, começa o ano de 2020 e vem a pandemia e uma gestão política desastrosa da crise sanitária, com um Ministério da Saúde sendo desmontado e sucateado por meio da militarização, sem controle de casos, sem programa de testagem em massa e sem políticas efetivas para promover o distanciamento social em nível nacional. Por conseguinte, a realidade brasileira é de extrema incerteza, pois mesmo após duas ondas de contaminação dramáticas, ainda temos números de mortes diárias no patamar de centenas e com a ameaça de novas variantes do vírus que podem ser mais letais.

Com uma pandemia tão longa a economia foi muito afetada, com a atividade econômica sofrendo grandes quedas. Contudo, mesmo com a economia estagnada e sinais fortes de recessão, o BACEN ainda está incentivando o aumento de juros, assim gerando mais dificuldades para o acesso ao crédito. Todavia a realidade é uma economia com aproximadamente 14 milhões de desempregados,

²⁶⁰Artigo escrito em setembro de 2021.

²⁶¹Graduando no curso de Ciências Econômicas da UFCG e integrante do GAACE.

²⁶²Professora do curso de Ciências Econômicas da UFCG e coordenadora do Grupo de Acompanhamento e Análise da Conjuntura Econômica-GAACE. No presente artigo fez o trabalho de revisão. Email: aguidasantosalmeida@gmail.com

segundo o IBGE, quando considerados os desalentados a soma resulta em aproximadamente 20 milhões de pessoas, ou seja, uma considerável parcela da população perdeu sua principal fonte de renda. Concomitante a isso, desde o ano de 2020, que vem emergindo uma inflação dos preços dos alimentos de consumo doméstico, tendo sido os mais afetados a soja, com uma variação acumulada no ano aproximada de 103,9%²⁶³, e o arroz que também teve seu preço aumentado consideravelmente, o qual ficou estampado nos jornais que 5Kg de arroz estava custando quase 40,00 reais. Desse modo, fica claro como grande parte da população vem sofrendo para conseguir manter a alimentação básica, e para piorar, o auxílio emergencial foi cortado para valores que praticamente não garantem a aquisição sequer de uma cesta básica na maioria dos Estados. Portanto, fica evidente como já em 2020 a classe média e as classes menos favorecidas foram drasticamente afetadas pelos resultados das políticas econômica e sanitária que resultam numa péssima gestão da crise da COVID-19.

Agora, em 2021, toda essa problemática é somada aos efeitos que a crise hídrica, que resultou numa crise energética, e os prognósticos são de uma duração longa dessas crises, com claros impactos na conjuntura de 2022. Um dos resultados mais problemáticos é o aumento da conta de energia, pois agora com o uso de uma nova bandeira, a conta está aproximadamente 14,20²⁶⁴ reais mais cara para cada 100 quilowatt-hora. Com isso, a população vai ter que pagar muito mais na conta de luz por causa de uma gestão caótica do governo federal com os recursos naturais e falta de investimentos na diversificação da matriz energética do país. Além disso, espera-se que o quadro inflacionário siga piorando, pois com uma tarifa tão alta de eletricidade não tem como os produtores e varejistas não repassarem esses custos para os preços. Desse modo, novamente a população é impactada pelo Megazord, que já enfrentava a inflação dos preços dos alimentos, dos combustíveis e do gás de cozinha, agora vai ter que lidar com o aumento da conta de energia junto com os aumentos de quase todos os produtos no mercado. Enfim, se continuar assim a população vai ter que fazer uma missão impossível para manter suas condições básicas de sobrevivência.

O governo federal teve tempo para atuar e com isso atenuar a piora nos quadros econômico, social e sanitário. Quanto à crise hídrica, o Sistema Nacional de Meteorologia emitiu no dia 27 de maio desse ano, o alerta de emergência; não obstante, a crise foi tratada como um fenômeno da natureza, imprevisível. Um exemplo foi a fala de Bento Albuquerque, o ministro de Minas e Energia, que disse: “Trata-se de um fenômeno natural que também ocorre, com a mesma intensidade, em muitos outros países”. Portanto, como o governo ignorou os impactos da falta de chuvas, as políticas de intervenção só

²⁶³Dado retirado de publicação mensal do IPCA pelo IBGE em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/30012-ipca-foi-de-0-25-em-janeiro>

²⁶⁴As informações e a citação foram tiradas do texto do El país: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-09-04/brasil-cobra-a-fatura-do-desmatamento-na-conta-de-luz.html>

começaram a ser realizadas no final de agosto, quando a crise já estava anunciada. Por conseguinte, a população brasileira se encontra com tarifas maiores, em decorrência da escassez de chuvas, além do receio de acontecerem racionamentos, pois as cidades do interior de São Paulo e do Paraná²⁶⁵ já convivem com racionamentos de água cotidianamente. Enquanto isso a política nacional é de que os grandes consumidores, como shoppings e indústrias, possam ter a escolha de um racionamento voluntário.

Portanto, a atuação que a gestão do presidente vem fazendo desde o princípio da pandemia é um dos principais fatores para a realidade da economia brasileira se encontrar sem muitos prognósticos positivos. Porque além de negligenciar as crises em curso, ainda existe uma estratégia de atacar as instituições democráticas, visando sempre perpetuar um ambiente de tensões e incertezas, alimentando permanentemente a possibilidade de um golpe. Como resultado da caótica gestão política, a economia brasileira acaba perdendo investidores e empresários que poderiam fomentar o setor produtivo, pois não faz sentido investir em uma com tantas incertezas e instabilidades. Com tudo isso quem sofre mais é a população que tem de lidar com um Megazord por dia e mesmo assim se mantém lutando como Hugh, esperando o momento da virada contra quem o abandonou.

²⁶⁵ Informação retirada da página: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/30012-ipca-foi-de-0-25-em-janeiro>

CRISE NA EVERGRANDE²⁶⁶

*Yukimi Akami Evereux Viana Nascimento*²⁶⁷

*Águida Cristina Santos Almeida*²⁶⁸

A Evergrande é a segunda maior empresa do imenso mercado imobiliário chinês, fazendo parte das 500 maiores empresas do mundo. Com 25 anos no mercado, assina projetos de construção civil em 280 cidades da China, tem uma subsidiária no mercado de veículos elétricos, uma empresa de mídia, um parque de diversões, e o seu próprio time de futebol, o Guangzhou Evergrande.

Como no clássico provérbio que diz, "Quanto mais alto, maior a queda", vemos que a situação atual da empresa pode estar vindo a desabar. Simplesmente, o conglomerado de construção civil tem uma dívida de US\$ 300 bilhões e dá indícios que pode dar calote, comprometendo além do mercado imobiliário, o mercado de commodities, e o sistema financeiro da China²⁶⁹.

Para entender melhor o que está por trás desses acontecimentos, a expansão dessa empresa foi patrocinada por um endividamento sem precedentes. A empresa tem mais de US\$ 300 bilhões em débitos abertos, com juros rolando acima da capacidade de pagamento. O endividamento nesse setor de construções é bastante comum, pois eles visam muito um horizonte de longo prazo. No caso da Evergrande, ousou-se considerando um horizonte de tempo muito maior do que os “olhos” alcançavam, e com isso foi pega de surpresa pela pandemia da Covid-19 que se instaurou no nosso globo desde 2020.

Assim como a maioria de todos os problemas existentes no mundo, são necessários vários passos errados que fecham os elos da corrente de uma possível tragédia. Em agosto de 2020, ainda nas fases iniciais da pandemia pelo mundo, a construtora pediu socorro ao governo de Guandong (onde está sediada), pois não teria fundos para pagar dívidas com vencimento em janeiro.

Um dos grandes investidores da empresa capitaneou o alívio e esticou o prazo de pagamento de US\$ 13 bilhões. Ainda assim, a crise de solvência seguiu. A empresa chegou a desenhar um plano para

²⁶⁶Artigo escrito em setembro de 2021

²⁶⁷Graduada em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e integrante do Grupo de Acompanhamento e Análise da Conjuntura Econômica (GAACE) e o Programa de Educação Tutorial (PET – Economia). E-mail: miukiakamievereux@gmail.com

²⁶⁸Professora da Unidade Acadêmica de Economia da UFCG e Coordenadora do Grupo de Acompanhamento e Análise da Conjuntura Econômica – GAACE. No presente artigo foi revisora. Email: aguidasantosalmeida@gmail.com

²⁶⁹Link disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/09/20/crise-na-evergrande-por-que-o-mercado-esta-em-alerta-e-quais-as-possiveis-consequencias-para-o-brasil-e-o-mundo.ghml>

cortar US\$ 100 bilhões da dívida até meados de 2023, mas até agosto havia cortado apenas US\$ 8 bilhões, o que não chega nem a ser 10% do seu plano original. Segundo a agência de classificação de risco Fitch, existem possibilidades de ocorrer um calote nessa situação.

Segundo o jornal The New York Times, a empresa "forçava" os próprios funcionários a fazerem empréstimos de curto prazo em setembro deste ano para garantir o pagamento de bônus ao fim de 2021. Essa prática de "forçar" os funcionários para darem respaldo a própria empresa é bastante comum, como por exemplo, forçar os funcionários a consumirem apenas seus produtos.

Em relação à possibilidade de haver um calote, teriam quatro grandes problemas:

- A maior parte dos enormes empréstimos tomados pela Evergrande saiu de bancos e instituições financeiras chinesas. Com isso, um calote generalizado na empresa poderia causar insolvência de todo o sistema chinês de financiamento;
- Um prejuízo ao financiamento de empresas chinesas pode comprometer a atividade econômica em várias partes da economia mundial. Situação ainda mais grave considerando os principais parceiros comerciais do país;
- A construção civil é um dos motores de emprego e de retomada da economia chinesa após a pandemia do coronavírus no último ano e meio;
- O setor é um dos principais consumidores de commodities, como minério de ferro, cobre, entre outros materiais. Assim, um baque nas cotações internacionais pode impactar países emergentes e exportadores desses produtos, como por exemplo, do Brasil.

Cabem então duas grandes perguntas em torno desses acontecimentos: a primeira é: Como (caso exista) será o plano de resgate da empresa? E a segunda é: Qual será o impacto na atividade econômica da economia chinesa?

Como a China é a principal parceira comercial do Brasil em commodities, então é correto afirmar de antemão, que se ela tiver qualquer tipo de problema, esse problema também vai afetar o Brasil. Portanto, dessa forma, é seguro dizer que o Brasil vai sofrer um impacto negativo no desempenho exportador, sem sombra de dúvidas.

Um exemplo do tamanho desse impacto, é que a bolsa do Japão fechou em queda em razão de temores sobre a Evergrande²⁷⁰. O Índice Nikkei, que denomina a bolsa de valores japonesa, fechou em queda de 2,17%, a maior queda desde 21 de junho. O preço da ação da gigante chinesa recuou 0,44% nesta terça-feira (21 de setembro) estendendo as perdas no mês a 47,93% e as quedas no ano a 84,76%.

²⁷⁰Link disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/09/21/mercado-asiatico-encerra-pregao-estavel-apesar-de-risco-de-calote-chineses.ghtml>

Então o cenário ainda é nebuloso quando se trata de uma crise profunda numa das maiores empresas do ramo de construção civil e imobiliário sediada numa das maiores potências do mundo, que é a China, e, sobretudo dos impactos de transbordamento dessa crise para os demais países do globo, ainda num contexto de crise sanitária, que segue comprometendo a recuperação econômica dos países.

TAXA SELIC E OS SEUS IMPACTOS NA ECONOMIA²⁷¹

Yukimi Akami Evereux Viana Nascimento²⁷²

Lucas Diego Souza Ramos²⁷³

Ágida Cristina Santos Almeida²⁷⁴

No dia 4 de agosto de 2021, o Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central elevou a taxa básica de juros da economia, a Selic, de 4,25% para 5,25% ao ano²⁷⁵. Foi a quarta elevação consecutiva – que abriu o ano em 2% – em 2021, tendo se iniciado o ciclo de elevação em março de 2021, quando o Copom decidiu aumentar a Selic pela primeira vez em quase seis anos. Agora, com a alta de 0,89% do Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo 15 (IPCA-15), a expectativa é que o Banco Central eleve a taxa em 1,25 % em setembro. Aponta-se que seja a maior elevação em tão pouco tempo, desde fevereiro de 2003²⁷⁶, quando a Selic passou de 25,50% para 26,50%, na época a inflação estava em 9,30%. No ritmo atual, alguns analistas apostam que a Selic poderá atingir 8% até o fim deste ano.

Para entender as implicações econômicas de elevações na taxa Selic é preciso ter noção de seu conceito, cuja definição é a seguinte: A Selic é a taxa básica de juros da economia, sendo o principal instrumento de política monetária utilizado pelo Banco Central (BC) para controlar a inflação²⁷⁷. A Selic é uma sigla para (Sistema Especial de Liquidação e de Custódia), dessa forma, a Selic influencia as demais taxas de juros do país, pois, estas a usam como parâmetro para definirem as demais taxas de juros da economia, como por exemplo, as taxas de juros dos empréstimos, dos financiamentos e das aplicações financeiras. A taxa Selic é definida pelo Comitê de Política Monetária (Copom), ligado ao BC, em reuniões que acontecem a cada 45 dias. A taxa básica de juros, Selic, será utilizada pelas

²⁷¹Artigo escrito em setembro de 2021

²⁷²Graduanda em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e integrante do Grupo de Acompanhamento e Análise da Conjuntura Econômica (GAACE) e o Programa de Educação Tutorial (PET – Economia). E-mail: miukiakamievereux@gmail.com

²⁷³Graduando em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e integrante do Grupo de Acompanhamento e Análise da Conjuntura Econômica (GAACE) e o Programa de Educação Tutorial (PET – Economia). E-mail: lucramos53@outlook.com

²⁷⁴Professora da Unidade Acadêmica de Economia da UFCG e Coordenadora do Grupo de Acompanhamento e Análise da Conjuntura Econômica – GAACE. No presente artigo foi revisora. Email: aguidasantosalmeida@gmail.com

²⁷⁵Link disponível em: <https://www.jornalcontabil.com.br/taxa-selic-trajetoria-de-alta-e-pessima-noticia-para-o-acesso-ao-credito/>

²⁷⁶Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/08/copom-acelera-ritmo-de-aperto-monetario-com-alta-de-1-ponto-na-selic-maior-elevacao-em-18-anos.shtml?origin=uol>

²⁷⁷Definição do Banco Central. Link disponível em: <https://www.bcb.gov.br/controleinflacao/taxaselic>

instituições financeiras, nas operações de crédito que fazem entre si, no período de um dia e utilizando os títulos públicos federais como garantia das transações, para conseguir cumprir a cota diária, em saldo positivo, de empréstimos para o Banco Central. Assim, o Estado consegue arrecadar dinheiro por meio dos empréstimos feitos com os títulos públicos do Tesouro Nacional, que por seu turno são regulados pelo valor da Selic.

Para realizar uma análise dos impactos da Taxa Selic nessa situação atual, foi chamado o advogado e economista Alessandro Azzoni, conselheiro deliberativo da Associação Comercial de São Paulo. Segundo Azzoni, a elevação da taxa é algo muito negativo em um momento em que o acesso ao crédito continua tão necessário. Com o aumento da Taxa Selic, aumenta também o saldo de dívidas das empresas que ainda não se recuperaram.

Para Azzoni, o governo está usando a política monetária para conter o processo inflacionário no Brasil, mas só cabe aumentar a taxa de juros para conter a inflação relacionada à demanda, que significa o aumento de preços devido ao aumento do consumo dos produtos em relação à oferta agregada, o que criaria uma escassez dos produtos devido ao excesso de demanda. Contudo, a inflação que temos hoje no Brasil, é a inflação de oferta²⁷⁸, também como conhecida como inflação de custos, oriunda pela formação dos preços, num contexto onde o custo de produção das mercadorias está sofrendo elevações.

As medidas de controle inflacionário através da calibragem dos juros são resultado de um longo debate das escolas monetaristas, nas últimas décadas do século XX, por ser um período de muitas crises econômicas em muitos países e o aparecimento do fenômeno denominado de “estagflação”. As escolas Monetaristas influenciaram bastante à criação de teses como a “neutralidade da moeda” e da explicação da causa da inflação como um fenômeno “estritamente” monetário, bem como a crença de que a principal causa de desequilíbrios econômicos é advinda de questões meramente políticas.

Como impacto na economia, a elevação da taxa de juros deixa o crédito mais caro, levando a um aumento nos juros a serem repassados para as empresas e para os consumidores, que torna o dinheiro mais caro e que restringe mais ainda o poder de compra do consumidor, contribuindo à desaceleração da economia. Esse cenário diante do cenário de pandemia ainda instaurado e da ínfima recuperação econômica depois da recessão econômica dos anos 2015 e 2016, afetam demasiadamente a vida da grande maioria dos brasileiros, cujos indicadores mostram o aumento da pobreza e da fome, permanência dos níveis altos de desemprego, desalento, precarização do mercado de trabalho²⁷⁹.

Podemos ver então que a análise do economista Alessandro Azzoni está correta. Quando o Banco Central altera a cotação da Taxa Selic, a rentabilidade dos títulos indexados a ela também se

²⁷⁸Link Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/grafico/2021/08/26/Infl%C3%A7%C3%A3o-acumulada-desde-2020-%C3%A9-maior-para-os-mais-pobres>

²⁷⁹Disponível no link:<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57530224>

altera e, com isso, o custo de captação dos bancos muda. Uma redução da taxa Selic, por exemplo, diminui o custo de captação dos bancos, que por seu turno, ganham uma margem maior (considerando que o Brasil também possui um dos maiores spread bancário do mundo) para emprestar com juros menores, e o inverso também se aplica, quando aumenta o custo de captação dos bancos, eles tendem a emprestar com juros maiores (ampliando ainda o tamanho do spread bancário). Na prática quando a Taxa Selic sobe, há uma tentativa de impedir a inflação de continuar subindo. Em contrapartida, reduções na Selic têm o objetivo de estimular o consumo e fazer a economia girar suas engrenagens, e isso pode (ou não) provocar elevação nos preços.

O relatório Focus, do Banco Central, prevê a permanência da taxa Selic no patamar de 7% para 2022, considerando que no próximo ano a inflação estará em queda, ou seja, que a subida da Selic nesse ano surtirá efeito descendente sobre a inflação. Contudo, caso a inflação não ceda, é provável que o Copom siga aumentando a Selic, apesar do quadro instaurado de estagnação econômica e piora social.

A Confederação Nacional da Indústria (CNI) se posicionou desfavorável ao aumento da taxa Selic. Segundo fala do presidente da CNI “o controle da inflação de oferta via juros é menos eficaz e requer um forte desestímulo à atividade econômica em um momento em que a recuperação da econômica ainda se mostra frágil”²⁸⁰. Apesar disso, a posição de aumento da Selic permanecerá, visto ser o instrumento em disposição do BC para controle da inflação, ao mesmo tempo que sustenta a rentabilidade dos ganhos no mercado financeiro.

²⁸⁰Disponível no link: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/08/copom-acelera-ritmo-de-aperto-monetario-com-alta-de-1-ponto-na-selic-maior-elevacao-em-18-anos.shtml?origin=uol>

O IMPACTO DA PANDEMIA DO COVID-19 NOS GASTOS PÚBLICO COM SAÚDE NO BRASIL²⁸¹

*Arthur Felipe Vieira Ferreira*²⁸²

*Águida Cristina Santos Almeida*²⁸³

Como destacado por Figueiredo *et. al.* em artigo²⁸⁴, desde 1988 a saúde é reconhecida como um direito social universal, graças à Constituição Federal de 1988, o que pressiona o poder público a garantir esse direito a toda população. E foi através desse direito adquirido que o Sistema Único de Saúde (SUS) foi criado e regulamentado em 1990, sendo peça fundamental na consolidação de uma estrutura de oferta pública em saúde, fazendo com que o Brasil difira de tantos outros países, não apenas dos que não possuem um sistema de saúde público, como também de países o possuem, já que como publicado pela Folha de São Paulo²⁸⁵, o SUS é o único sistema de saúde que atende uma população com mais de 200 milhões de pessoas.

Enquanto se sabe que o Brasil apresenta um programa de saúde amplo, ao acessar outro da Folha de São Paulo, é possível perceber problemas em sua gestão e financiamento, dado que existe uma alocação menor de recursos para a saúde quando comparada com outros países que apresentam sistemas públicos de saúde, como o National Health Service (NHS), por exemplo, apesar de o SUS precisar atender a uma população bem maior. Em relatório do Banco Mundial de 2017, no Brasil a despesa pública com saúde representa apenas 48,72% do total, enquanto entre países integrantes da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico é de 73,4%. Ao olhar dados dos BRICS, a situação do Brasil melhora, já que a média do gasto em saúde entre esses países é de 46,5%.

Para entender o impacto da pandemia do COVID-19 no orçamento da saúde, é importante olhar para os dados anteriores. Segundo dados da Comissão Mista de Orçamento, do Congresso Nacional, publicado²⁸⁶ no G1, em 2019 o orçamento foi de R\$ 122,2 bilhões. O governo gasta R\$ 3,83 ao dia com cada habitante, somando assim R\$ 1.398,53 ao ano, segundo dados desse mesmo ano, como

²⁸¹ Artigo escrito em setembro de 2021.

²⁸² Graduando(a) do curso de Ciências Econômicas da UFCG, do Grupo de Acompanhamento e Análise da Conjuntura Econômica (GAACE). E-mail: arthur.felipe@estudante.ufcg.edu.br;

²⁸³ Professora da Unidade Acadêmica de Economia da UFCG, coordenadora do GAACE e revisora do presente artigo. E-mail: aguidasantosalmeida@gmail.com.

²⁸⁴ <https://www.scielo.org/article/sdeb/2018.v42nspe2/37-47/>

²⁸⁵ <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/10/brasil-e-unico-com-sus-entre-paises-com-mais-de-200-milhoes-de-habitantes.shtml>

²⁸⁶ <https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/03/20/orcamento-da-saude-retorna-ao-patamar-pre-pandemia-estados-e-municipios-pedem-mais-recursos.ghml>

disponível²⁸⁷ no site do Conselho Federal de Medicina. Esse valor é a soma dos três níveis de gestão, ou seja, tanto dos governos nos níveis municipal, estadual e federal.

Já em 2020 com a pandemia em andamento, o orçamento subiu para R\$ 160,9 bilhões, caindo para R\$ 136,3 bilhões em 2021, segundo artigo²⁸⁸ da Agência Brasil. Vale lembrar, que em janeiro de 2021, o Ministério da Saúde pediu ao Ministério da Economia um crédito suplementar de R\$ 5,2 bilhões, por conta das despesas com leitos de pacientes de COVID-19, como mostrado em matéria²⁸⁹ do G1, o que confirma a necessidade de ampliação do orçamento para a saúde, principalmente em períodos com uma crise sanitária em curso, como é a situação vivida desde março 2020.

Outro fator importante para o fim da pandemia e que está ligado com a política de saúde, é a compra de vacinas, onde no ano de 2021 o governo federal autorizou R\$ 27,7 bilhões para a compra de imunizantes, segundo artigo²⁹⁰ publicado pelo Poder360. Em 2022, R\$ 7,143 bilhões foram alocados para o enfrentamento da COVID-19, R\$ 3,2 bilhões para os tratamentos de alta complexidade e no tratamento de sequelas da COVID-19 e cerca de R\$ 3,9 bilhões para a compra de imunizantes, segundo matéria da Agência Brasil do parágrafo anterior. Em setembro de 2021, cerca de 40% da população brasileira está vacinada com duas doses ou dose única, segundo mapa²⁹¹ da vacinação contra COVID-19 no Brasil segundo matéria do G1. E mesmo com a necessidade de uma terceira dose em 2022, o secretário de Orçamento Federal, Ariosto Clau, afirma que não faltarão recursos para a vacinação no ano vindouro.

Enquanto o ano de 2021 apresentou uma queda nos recursos para a saúde, para o ano de 2022 o cenário é mais esperançoso, pois o Projeto de Lei Orçamentária Anual de 2022, prevê R\$ 10,7 bilhões de reforço para o orçamento da saúde, segundo artigo da Agência Brasil apresentado anteriormente, então o orçamento para o Ministério da Saúde ficará em R\$ 147,458 bilhões.

²⁸⁷<https://portal.cfm.org.br/noticias/brasil-gasta-r-383-ao-dia-com-a-saude-de-cada-habitante-2/>

²⁸⁸<https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2021-08/saude-tem-previsao-de-aumento-de-r-107-bilhoes-no-orcamento-de-2022>

²⁸⁹<https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/02/06/saude-pede-a-economia-r-52-bi-adicionais-para-pagar-despesas-com-leitos-de-pacientes-de-covid.ghtml>

²⁹⁰<https://www.poder360.com.br/economia/orcamento-de-2022-reserva-r-39-bilhoes-para-vacina-contr-covid/>

²⁹¹<https://especiais.g1.globo.com/bemestar/vacina/2021/mapa-brasil-vacina-covid/>

O MAIOR OBSTÁCULO DA ECONOMIA BRASILEIRA²⁹²

*Dênisson Campos de Assis²⁹³
Águida Cristina Santos Almeida²⁹⁴*

O atual presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, surgiu como a solução dos problemas do país pouco antes da então presidente, Dilma Rousseff, sofrer um processo de impeachment, que mais pareceu uma manobra política para tirá-la do poder, abrindo, assim, o “caminho” para diversas aprovações de Reformas com as quais ela não estaria de acordo, como por exemplo: a PEC do Teto de Gastos (em 2016), a Reforma Trabalhista (em 2017) e a Reforma da Previdência (em 2019). Depois do impeachment da Presidente Dilma e das crises que acumularam, Jair Bolsonaro foi conseguindo se construir como saída política para o país, chegando até o mais alto posto do poder executivo, sem apresentar propostas concretas e fugindo de debates, que propiciariam conhecimento acerca do seu plano de governo para a economia. Na verdade, as falas de Bolsonaro deixavam claro que não entendia “bulhufas” de economia, nem tão pouco dos reais problemas sociais e econômicos que marcam a história do Brasil. Na campanha eleitoral de 2018, ficava claro que o apoio do mercado a Bolsonaro se devia, em grande medida, a indicação do Paulo Guedes, no Ministério da Economia, conhecido pela conduta política e ideológica neoliberal.

Em 2019, primeiro ano do governo de Bolsonaro, a economia praticamente não cresceu, e os desmontes do Estado e da estrutura de proteção social prosseguiram, como já vinha acontecendo desde a gestão Temer. Além disso, em 2019, foi aprovada uma Reforma da Previdência que atingiu diretamente o Regime Geral de Previdência Social. No entanto, o cenário se agravou em 2020, com a crise pandêmica de COVID-19, fazendo com que um cenário que já estava ruim, piorasse, aprofundando o fechamento de empresas, redução dos postos de trabalho e aumento do desemprego, precarização da força de trabalho, e a ineficiência do governo em implementar públicas voltadas à retomada da economia, à gestão da crise sanitária, e ao ataque da piora social, com o retorno severo da fome e da insegurança alimentar. A minimização do caos veio com a liberação do auxílio emergencial, depois de muita dificuldade à sua aprovação, que mudou de valor ao longo do tempo em que foi pago,

²⁹²Artigo escrito em setembro de 2021.

²⁹³Graduando do curso de Ciências Econômicas da UFCG, e integrante do Grupo de Acompanhamento e Análise da Conjuntura Econômica (GAACE).

²⁹⁴Professora da Unidade Acadêmica de Economia da UFCG, coordenadora do GAACE e revisora do presente artigo. E-mail: aguidasantosalmeida@gmail.com.

mas, sobretudo, no ano de 2020, fez com que houvesse efeito econômico positivo no consumo das famílias necessitadas, desalentadas pelas faltas de oportunidades de se conseguir algum tipo de renda para subsistência.

Ao longo do ano de 2020, o país entrou em uma rápida recessão técnica (ocorre quando há diminuição da atividade econômica por dois trimestres consecutivos em relação ao trimestre anterior), dado no início de 2020, os dois primeiros trimestres fecharam de forma negativa (-2,5% e -9,7%, respectivamente), segundo dados do IBGE. Também segundo o IBGE, no terceiro trimestre, a economia registrou crescimento (7,7% em relação ao trimestre anterior), fazendo com que o país saísse tecnicamente da recessão. No quarto trimestre, houve novamente alta (de 3,2%). Porém, as expectativas do mercado continuaram baixas, visto as incertezas já postas e ampliadas pela pandemia, somadas à péssima gestão das crises econômica e sanitária pelo governo brasileiro, criam um ambiente econômico que inviabiliza qualquer retomada mais consistente.

Então, o que se vê no Brasil é um acúmulo de crises política, institucional, social, com uma estagnação econômica e ao mesmo tempo, um governo que age na direção da ampliação das crises, atacando a imprensa, promovendo conflito entre os poderes, minando ainda mais a confiança de investidores no mercado brasileiro. Comumente, integrantes do governo estão envolvidos na disseminação de fake news, o presidente frequentemente promove aglomerações, fazendo desdém às medidas de segurança necessárias à contenção da pandemia. Isso tudo, num país que está prestes a chegar a 600 mil mortos por covid-19, mostrando a total falta de empatia e respeito por aqueles que perderam entes queridos para a doença, do que realmente trabalhar naquilo que é de interesse de todos: o bem-estar de todos os brasileiros. Enquanto isso, a inflação dispara, fazendo com que uma das suas consequências seja o aumento demasiado dos preços, principalmente em bens de consumo cruciais à sobrevivência das famílias, que sofrem também com as incertezas da pandemia, e a desvalorização do real frente ao dólar, que é a principal moeda de comercialização do mercado. A falta de ação efetiva da principal liderança política do país está colocando o Brasil dentre os países com o maior número de óbitos por covid-19 no mundo, num cenário econômico, social, político, institucional que conduz o país a um caos de dimensões ainda desconhecidas.

OS IMPACTOS DA CRISE HÍDRICA NO BRASIL²⁹⁵

*Jonathas Nathan Ferreira Alves²⁹⁶
Ágida Cristina Santos Almeida²⁹⁷*

Historicamente, o Brasil é um dos países mais ricos em recursos naturais de todo o mundo, sua abundância em florestas, fauna e reservatórios hídricos dão nome ao país tropical da canção de Jorge Ben Jor. Entretanto, embora a nação brasileira usufrua de tal riqueza, é importante ressaltar que crises energéticas também fazem parte da nossa história e, atualmente, este cenário de crise está se repetindo. Para alguns estudiosos, o Brasil vive a pior crise hídrica registrada nos últimos 91 anos, com alta escassez de chuvas, reservatórios em níveis baixos e uma crescente demanda por energia em função da retomada de alguns setores em níveis pré-pandemia²⁹⁸.

Apesar de ser uma questão natural, especialistas já mostravam preocupações acerca de uma possível crise energética desde o começo do ano²⁹⁹, mas foi apenas em maio que a pauta passou a ser realmente debatida, após o governo emitir alerta de emergência hídrica em cinco estados brasileiros - Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso do Sul, São Paulo e Paraná.³⁰⁰ O desmatamento da Amazônia, o aquecimento global causado pela queima de combustíveis fósseis e o fenômeno natural La Niña - que reduz as chuvas na porção Sul do Brasil - são alguns dos fatores que explicam a falta de chuvas no país e que pioram os níveis dos nossos reservatórios³⁰¹.

Desse modo, a emergência hídrica, somada à crise econômica acentuada com a pandemia do Covid-19, intensifica as dificuldades enfrentadas diariamente pelo povo brasileiro. Na tentativa de buscar alternativas, o governo federal ampliou o uso da energia gerada por usinas termelétricas que, importante enfatizar, é mais cara que a energia gerada pelas usinas hidrelétricas, e possui grande impacto ambiental³⁰². Como consequência, observa-se um aumento considerável na conta de luz que acumula um reajuste de 20% nos últimos 12 meses³⁰³, após a Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) criar

²⁹⁵ Artigo escrito em setembro de 2021.

²⁹⁶ Graduando em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), integrante do Grupo de Acompanhamento e Análise da Conjuntura Econômica (GAACE) e do Programa de Educação Tutorial em Economia (PET – Economia). E-mail: jonathasnathan15@gmail.com

²⁹⁷ Professora da Unidade Acadêmica de Economia da UFCG e Coordenadora do Grupo de Acompanhamento e Análise da Conjuntura Econômica – GAACE. No presente artigo foi revisora. E-mail: aguidasantosalmeida@gmail.com.

²⁹⁸ <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-09/brasil-em-pauta-discute-os-desafios-da-crise-hidrica-no-pais>

²⁹⁹ <https://www.cnnbrasil.com.br/business/crise-hidrica-no-brasil-deve-gerar-disputa-pela-agua-dizem-especialistas/>

³⁰⁰ <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2021/05/4927516-governo-emite-alerta-de-emergencia-hidrica-em-5-estados-brasileiros.html>

³⁰¹ <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/06/14/por-que-esta-chovendo-menos-e-sao-paulo-pode-viver-nova-crise-hidrica.ghtml>

³⁰² <https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/03/13/escassez-de-chuva-leva-ao-maior-uso-de-energia-termelétrica-em-janeiro-desde-2015-aponta-ons.ghtml>

³⁰³ <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2021/09/01/entenda-por-que-a-conta-de-luz-esta-tao-cara.htm>

uma nova bandeira tarifária, chamada bandeira tarifária ‘escassez hídrica’ que cobra uma taxa extra de R\$ 14,20 pelo consumo de 100 kWh.³⁰⁴

No entanto, o aumento da conta de luz é apenas a ponta do iceberg e um dos fatores que impactam diretamente no bolso do consumidor. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a inflação oficial do país fechou em 1,16% em setembro – a maior taxa desde o Plano Real³⁰⁵ e um dos principais fatores que explicam esse resultado é justamente a atual crise hídrica. Além disso, uma pesquisa recente feita pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) indicou que 90% dos empresários do setor industrial relatam preocupação com a escassez de chuva e com o consequente aumento dos custos de produção³⁰⁶ que, por fim, recaem no preço final dos produtos, impactando negativamente o poder de compra das famílias ou até mesmo na própria geração de empregos.

Mesmo diante desse cenário, o Comitê de Política Monetária (Copom) insiste em aumentar a taxa de juros em cada reunião, desde março do corrente ano, sob a justificativa de controlar a inflação. Contudo, tal ação pelo Copom pressupõe que o país enfrenta uma inflação de demanda, mas, de acordo com as colocações feitas anteriormente, fica claro que se trata de uma inflação de custos e que, portanto, uma política monetária de aumento de juros é ineficaz para controlá-la. Consequentemente, o Banco Central admitiu, pela primeira vez, que a meta da inflação não será cumprida esse ano e que o IPCA fechará o ano acima do teto estabelecido (5,25%). Portanto, seria mais indicado que o BC escrevesse uma carta pública explicando as razões para o não cumprimento da meta de inflação, de forma clara, responsável e verdadeira³⁰⁷.

Dessa forma, conclui-se que a situação social e econômica do país é bastante preocupante, não só em relação às questões econômico-ambientais, mas também em termos políticos e institucionais. Vivemos em tempos negacionistas que, pasmem, até a pauta ambiental não ficou de fora das inúmeras declarações polêmicas, negando a crise climática e a caótica gestão da política ambiental pelo governo Bolsonaro. Enquanto autoridades públicas minimizam a veracidade da situação e dedicam menos atenção à crise climática³⁰⁸, o país enfrenta um dos momentos mais delicados das últimas décadas e que tende a se estender até o próximo ano³⁰⁹, dificultando a vida do povo brasileiro e as expectativas para o futuro do país.

³⁰⁴<https://www.cnnbrasil.com.br/business/aneel-faz-novo-reajuste-em-taxa-extra-da-conta-de-luz-em-meio-a-crise-hidrica/>

³⁰⁵<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/10/inflacao-acelera-em-setembro-e-alcanca-1025-em-12-meses.shtml>

³⁰⁶<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/09/piora-da-crise-hidrica-impacta-planos-de-empresas-e-ameaca-economia-ate-2022.shtml>

³⁰⁷<https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/09/30/bc-sobe-para-85percent-estimativa-de-inflacao-em-2021-e-admite-oficialmente-estouro-da-meta.ghtml>

³⁰⁸<https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2021/09/crise-climatica-piora-mas-deputados-dao-menos-atencao-ao-tema-diz-estudo.shtml>

³⁰⁹<https://www.cnnbrasil.com.br/business/crise-hidrica-deve-se-arrastar-ate-2022-mesmo-com-chuvas-diz-especialista/>

NEGACIONISMO CLIMÁTICO E SEU PERIGO³¹⁰

*Ray Raposo Teixeira³¹¹
Ágida Cristina Santos Almeida³¹²*

O que mais contribui para o Brasil ser ridicularizado no mundo além da criação de conflitos, da péssima gestão na pandemia e do discurso golpista é o negacionismo climático. No Brasil embora os escândalos diários desviem o foco do assunto, uma seca histórica ameaça nossa segurança energética nos próximos meses.

Em várias regiões do planeta, tempestades, inundações e incêndios florestais estão se intensificando. Segundo a Organização Meteorológica Mundial, nos últimos cinquenta anos foram mais de 11.000 desastres naturais, cujos danos ultrapassam a marca de 3,6 trilhões de dólares. Na última década, mais de 410 mil pessoas morreram em decorrência desses desastres e a maioria dessas mortes ocorreu em países de rendas baixa e média. Essas são as consequências diretas e indiretas das mudanças climáticas causadas pelo aquecimento global³¹³.

O acordo de Paris foi um tratado internacional assinado por 195 países com o objetivo de limitar o aumento da temperatura média global a menos de 2°C. Caso esse objetivo não seja alcançado, as maiores consequências serão sentidas pelas populações que já são mais pobres e nos países menos desenvolvidos³¹⁴. Para o mundo conseguir se manter no que se considera condição limite, as emissões de carbono do mundo precisam ser reduzidas pela metade até 2030 e zeradas até 2050.

Independentemente de quem contribui mais para o problema ele atinge a todos coletivamente, recaindo de modo mais contundente nas populações mais pobres do planeta, que já sofrem com a penúria social e econômica. Foi em 2015 que se teve uma virada de chave, pois a China se apresentou como promotora do acordo em conjunto com os Estados Unidos e vem há décadas investindo em energias renováveis e na conversão de suas economias para um modelo de baixo carbono, ou seja, quem parou para analisar, já sabe que essa ameaça é real e não está deixando para depois.

³¹⁰Artigo escrito em outubro de 2021.

³¹¹ Graduando em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), integrante do Grupo de Acompanhamento e Análise da Conjuntura Econômica (GAACE) e do Programa de Educação Tutorial em Economia (PET – Economia). E-mail: rayraposo@outlook.com.

³¹² Professora da Unidade Acadêmica de Economia da UFCG, coordenadora do GAACE, e revisora do presente artigo. Email: aguidasantosalmeida@gmail.com.

³¹³ <https://www.rfi.fr/br/mundo/20210901-desastres-clim%C3%A1ticos-quintuplicaram-nos-%C3%BAltimos-50-anos-e-mataram-dois-milh%C3%B5es-de-pessoas>

³¹⁴ <https://fia.com.br/blog/acordo-de-paris/>

O aquecimento global não pode ser resolvido por um país sozinho, dado que suas causas e consequências não respeitam as fronteiras nacionais. Em função disto, faz-se necessário e urgente uma cooperação internacional. Em novembro desse ano vai acontecer a COP26 no Reino Unido, que é a Conferência das Partes das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas, aonde os países vão se comprometer com uma nova meta para reduzir as emissões de gases do efeito estufa³¹⁵.

A COP26 marca também a volta dos Estados Unidos para o acordo de Paris assinado por Joe Biden no dia de sua posse. Agora, na COP26 os países precisam aumentar a ambição das suas metas com o objetivo de alcançar essa neutralidade de carbono em 2050. Para isso é preciso reduzir o desmatamento, incentivar o investimento em energias renováveis, acelerar a mudança para carros elétricos entre outras medidas³¹⁶.

O Brasil costumava ter papel de destaque nesse tipo de conferência, mas não vai ser o caso esse ano e pior, deve passar vergonha, como aliás a gente vem passando repetidamente. Em 2020 mesmo no meio de uma pandemia a destruição na Amazônia atingiu seu nível mais alto em 12 anos³¹⁷. O governo Bolsonaro pode não dar a mínima para o meio ambiente, mas o resto do mundo não pensa e age como ele.

A preocupação da sustentabilidade está cada vez mais presente na decisão dos negócios e investimentos e o Brasil vai ficar para trás nessa transformação. O Reino Unido que vai sediar a COP esse ano fala em uma revolução industrial verde. As adaptações da nossa economia e o modo de vida nas mudanças climáticas são imperativas, e nesse caminho podem-se criar milhares de empregos altamente qualificados e renovar tecnologias que vão nos levar para o futuro, para isso, uma condição primordial consiste na atuação de um governo sério e competente com esta causa.

³¹⁵ <https://g1.globo.com/natureza/noticia/2021/04/22/entenda-a-diferenca-entre-a-cupula-de-lideres-sobre-o-clima-e-a-cop-26.shtml>

³¹⁶ <https://www.bbc.com/portuguese/geral-58924904>

³¹⁷ <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-11-30/desmatamento-na-amazonia-dispara-e-atinge-recorde-em-12-anos.html>

Diante da atual conjuntura, com cortes nos investimentos em pesquisa e desenvolvimento e em Ciência e Tecnologia no Brasil, a exemplo do último contingenciamento de R\$ 600 milhões que o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação sofreu³²¹, o Brasil segue o seu esquema de vacinação, e os cientistas, pesquisadores e profissionais da saúde brasileiros trabalham incansavelmente em favor do país.

Além do agravante dos cortes e contingenciamentos para a área da saúde e também para a área da educação, o presidente do país não contribui em termos de conduzir a informação do modo correto e profícuo à população brasileira acerca da eficiência e eficácia da vacina contra o vírus da Covid-19. Como consequência, seus discursos negacionistas acabam por motivar parte da população a não aderir à campanha de vacinação.

Contudo, apesar da grande onda negacionista e de todos os descasos e vergonhas causados pelo presidente em nível internacional, a população brasileira já possui o balanço de 80% de vacinados com a primeira dose contra a Covid-19 e 60,12% da população vacinada com as duas doses até o momento da escrita do presente artigo³²². Esta vitória se deve ao grande número de pessoas lutando pela informação verídica no combate à desinformação, bem como ao impacto político provocado pela CPI da Covid-19, que escancarou a política criminoso empenhada pelo Governo Federal na gestão da pandemia³²³.

Além disso, a população brasileira possui o histórico de um povo que reconhece os benefícios da imunização contra vírus, bactérias e vários tipos de doença, considerando a consolidação do amplo calendário vacinal que o país consolida há décadas. É tanto que o país é reconhecido mundialmente

³¹⁸Artigo escrito em novembro de 2021.

³¹⁹Graduando do curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e integrante do Grupo de Acompanhamento e Análise da Conjuntura Econômica (GAACE) e do Programa de Educação Tutorial PET-Economia. E-mail: william-98-2011@hotmail.com.

³²⁰ Professora da Unidade Acadêmica de Economia da UFCG, coordenadora do GAACE, e revisora do presente artigo. Email: aguidasantosalmeida@gmail.com.

³²¹[Onda negacionista ameaça saúde e educação no Brasil, dizem brasileiros na Science - 19/11/2021 - Ciência - Folha \(uol.com.br\)](#)

³²²[Brasil chega a 60% da população com ciclo completo da vacina contra Covid - 19/11/2021 - Equilíbrio e Saúde - Folha \(uol.com.br\)](#)

³²³[A ciência contra o negacionismo – Jornal da USP](#)

como exemplo em termos de campanhas de vacinação desde a criação do Plano Nacional de Imunização (PNI) e, logo após, a criação do Sistema Único de Saúde (SUS)³²⁴.

Mesmo iniciando o esquema de imunização depois dos Estados Unidos, o Brasil já conseguiu ultrapassar a maior potência mundial em percentual de pessoas com a segunda dose³²⁵. Contudo, apesar da vitória da ciência contra o vírus e contra o presidente, atualmente, o mundo necessita pensar alternativas para o combate de novos vírus que surgirão, podendo resultar em novas pandemias. Para isso, é mais que necessário o combate ao obscurantismo, à desinformação e ao negacionismo no Brasil, além também, do fortalecimento da pesquisa científica no país e, sobretudo, o fortalecimento do SUS.

³²⁴[Da revolta a exemplo mundial - Saúde - Estadão \(estadao.com.br\)](https://www.estadao.com.br/saude/da-revolta-a-exemplo-mundial-saude-estadao/)

³²⁵[Brasil passa EUA em proporção de pessoas completamente vacinadas, mas permanece atrás de Chile, Argentina e Cuba no ranking mundial | Mundo | G1 \(globo.com\)](https://g1.globo.com/mundo/noticia/brasil-passa-eua-em-proporcao-de-pessoas-completamente-vacinadas-mas-permanece-atras-de-chile-argentina-e-cuba-no-ranking-mundial-mundo-g1.globo.com/)

IMPACTOS SOCIAIS DO AUXÍLIO (ANTI)BRASIL³²⁶

*William Bezerra dos Santos*³²⁷

*Ágida Cristina Santos de Almeida*³²⁸

Nos últimos meses, o presidente Jair Bolsonaro publicou o decreto que regulamenta a implantação do Auxílio Brasil³²⁹. Este novo programa substituirá o Bolsa Família, programa de transferência de renda criado no governo do presidente Lula, considerado o maior programa social da história do país e que beneficiava grande parte da população vulnerável brasileira, não somente com transferência de renda, mas permitindo o acesso a uma rede de serviços públicos, sobretudo em educação e saúde.

O presidente e a sua equipe aguardam a confirmação do Projeto de Emenda à Constituição, conhecida por PEC dos Precatórios³³⁰ que será a principal fonte de recursos para o Auxílio Brasil. O montante de recursos está estimado no valor de R\$ 51 Bilhões de reais para pagar o valor estimado de R\$ 400,00 mensais às famílias contempladas. O principal intuito do atual governo é de tentar alavancar a popularidade do presidente Jair Bolsonaro nas eleições do ano de 2022 e de apagar a imagem dos programas sociais do PT.

Contudo, o que se percebe em meio aos não esclarecidos rumos do novo programa, é que este não terá uma fonte de recursos estabelecida para pagamento do novo auxílio. Além disso, a incerteza sobre o novo auxílio já assusta muitas famílias que antes eram beneficiárias do programa Bolsa Família e do Auxílio Emergencial do período pandêmico e que não sabem se serão contempladas ou não³³¹.

O novo auxílio vem com a promessa de diminuir a fila de novos cadastros. Mas, apesar de aumentar para 17 milhões de beneficiados, número maior frente ao programa Bolsa Família que eram cerca de 14,6 milhões de famílias contempladas, um estudo da Rede Brasileira de Renda Básica publicado pela Carta Capital, aponta que este novo programa irá excluir automaticamente 24 milhões de brasileiros³³².

³²⁶ Artigo escrito em novembro de 2021.

³²⁷ Graduando do curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e integrante do Grupo de Acompanhamento e Análise da Conjuntura Econômica (GAACE) e do Programa de Educação Tutorial PET-Economia.

³²⁸ Professora da Unidade Acadêmica de Economia da UFCG, coordenadora do GAACE, e revisora do presente artigo. Email: aguidasantosalmeida@gmail.com.

³²⁹ [Bolsonaro publica decreto para regulamentar Auxílio Brasil - CartaCapital](#)

³³⁰ [PEC dos Precatórios libera R\\$ 106 bilhões, sem espaço para reajuste de servidores - CartaCapital](#)

³³¹ [Futuro do Bolsa Família: 'A gente não sabe o amanhã' - BBC News Brasil](#)

³³² [Substituto do Bolsa Família, Auxílio Brasil deixará 29 milhões sem assistência - CartaCapital](#)

Estes números, coletados através do site do Ministério da Cidadania, mostram que tanto as pessoas que entraram no aplicativo do Auxílio Emergencial e tanto as pessoas que estavam na fila de espera do Cadastro Único para o Bolsa Família serão excluídos do novo programa, que neste caso, deveria ser intitulado de Auxílio (Anti)Brasil e não de Auxílio Brasil, conforme proposição.

Com vistas de tentar deixar alguma espécie de legado para a assistência social no país, o Governo acaba extinguindo um programa que abrangia grande parte da população vulnerável, por meio da gestão e operacionalização de um banco de dados super completo, denominado de Cadastro Único. É claro que, assim como vários outros programas estatais, o programa Bolsa Família necessitava de reajustes, de ampliações, aprimoramentos, mas por que não atualizá-lo e conferir-lhe melhorias considerando ser um programa já consolidado, maturado, reconhecido mundialmente?

Recentemente, a Carta Capital³³³ publicou um estudo da Rede de Justiça Fiscal (em inglês, Tax Justice Network), que concluiu que todo o valor perdido com isenções de empresários, chega a 8,7 bilhões de dólares, montante que ajudaria à manutenção e reajuste de 20% do Programa Bolsa Família, por exemplo. Todo este dinheiro acaba indo para paraísos fiscais, quando na verdade deveria estar sendo mobilizado para as famílias de baixa renda e à resolução dos inúmeros problemas sociais e econômicos que persistem no país.

Acontece que o novo Auxílio Brasil inclui vários benefícios que talvez nem contemplem a todos, a exemplo do benefício esporte escolar, entre outros. Assim sendo, talvez este novo Auxílio (Anti)Brasil acabe por deteriorar cada vez mais a situação da desigualdade de renda no país, que já é a pior do mundo. E, também, de aumentar ainda mais as condições de miséria e pobreza das famílias que necessitam do Bolsa Família, ainda mais no contexto de aumento da inflação no país e deterioração do mercado de trabalho.

³³³Dinheiro perdido com paraísos fiscais garantiria reajuste de 20% do Bolsa Família - CartaCapital

Recentemente, no dia 16 de novembro, a Bolsa de Valores de São Paulo em parceria com o economista Pablo Spyer e o artista plástico Rafael Brancatelli, presentearam a cidade de São Paulo e o mercado financeiro com a escultura de um touro de ouro situada em frente à sede da B3, no centro de São Paulo. Contudo, o que seria aos olhos de uns, uma simples escultura que remete ao conceito de *Bull Power* (força do touro³³⁸), para outros, denota a total indiferença do mercado ao quadro brutal de desigualdade e concentração de renda presentes estruturalmente na economia brasileira, que vem sendo aprofundadas desde 2015.

Em menos de um dia após a inauguração do touro de ouro, houve protesto através de um pôster escrito “FOME” realizado por movimentos sociais. Um dia após este ocorrido, um movimento comandado pelo PSOL pichou o touro com as palavras “Taxar os Ricos”, que seria um reflexo social da estrutura tributária brasileira, que é altamente regressiva. Toda esta repercussão em torno da escultura se deve aos dados de pobreza no Brasil, que são alarmantes. O coeficiente de Gini apontou o grau de 0,640 no segundo trimestre de 2021, ficando acima de toda a série histórica nos períodos pré-pandemia, lembrando que quanto mais próximo de 1, mais desigual é uma determinada nação, e quanto mais próximo de 0, mais igualitária é uma sociedade. Outro estudo realizado em dezembro de 2020 pela Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania Segurança Alimentar e Nutricional (Rede PENSSAN) evidenciou que mais de 116 milhões de brasileiros (cerca de 54% da população total) conviviam com algum grau de insegurança alimentar, dentre os quais 43,3 milhões não possuíam alimentos suficientes e 19 milhões, de fato, passavam fome. Outro dado que corrobora com a atual situação socioeconômica fragilizada no território brasileiro, são os dados sobre o desemprego. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad), a taxa de desemprego referente aos trimestres que encerraram

³³⁴ Artigo escrito em novembro de 2021.

³³⁵ Graduando em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e integrante do Grupo de Acompanhamento e Análise da Conjuntura Econômica (GAACE) e o Programa de Educação Tutorial (PET – Economia). E-mail: alvesnicolas660@gmail.com.

³³⁶ Professora da Unidade Acadêmica de Economia da UFCG e Coordenadora do Grupo de Acompanhamento e Análise da Conjuntura Econômica – GAACE. No presente artigo foi revisora. Email: aguidasantosalmeida@gmail.com.

³³⁸ Metáfora utilizada no mercado financeiro para se referir à tendência de alta no movimento de um ativo.

até maio, foi de 14,6%, atingindo 14,8 milhões de pessoas. Ao mesmo tempo em que, no ano de 2021, período pandêmico, o Brasil ganha 40 novos bilionários divulgada na lista da Forbes.

Ou seja, enquanto mais da metade da população brasileira luta para conseguir meios de subsistência, um grupo seleto de indivíduos atuantes majoritariamente no mercado financeiro esbanja nobreza através de uma escultura que reflete a assimetria de riqueza no território brasileiro. Daí compreende-se o economista Celso Furtado ter dito que “nenhum Estado brasileiro é grande demais para os problemas brasileiros”. A falta de políticas que abarquem os milhões de brasileiros que passam por dificuldades, que não são alcançados por políticas públicas de proteção social, acaba tornando o Brasil um dos países mais injustos do mundo.

AS DIFICULDADES DA REALIZAÇÃO DE POLÍTICAS FISCAL E MONETÁRIA NO BRASIL³³⁹

Nícolas de Macêdo Alves³⁴⁰

Águida Cristina Santos Almeida³⁴¹

A economia brasileira se encontra em uma situação precária. Por seu turno, as soluções vêm sendo pírias e parciais e os custos envolvidos são altos. Para melhor compreensão, o IPCA acumula alta de 10,25% em 12 meses. O preço médio do litro da gasolina teve um aumento acumulado no ano de quase 50%; o tradicional botijão de gás de cozinha (13kg) se encontra em um preço que gira em torno de 100 reais, acumulando uma alta anual de 37% em bens indispensáveis. Estas elevações nos preços derivam da alta no preço internacional do petróleo e da política de preços da Petrobrás, além do fato da moeda brasileira estar em um patamar altamente desvalorizado, que, por conseguinte, acaba desencadeando elevações nos preços em outros segmentos do mercado, como por exemplo, no setor de alimentos.

O grupo das famílias, sobretudo aquelas de menor renda, é o principal afetado, pois seu poder de compra foi fortemente reduzido nos últimos dois anos. Com o poder de compra reduzido, a demanda agregada se torna insuficiente para manter um ritmo adequado de dinamismo econômico, o que acaba explicando parte do péssimo desempenho do PIB. Tais fatores, agregados à política fiscal de cunho contracionista do Governo Bolsonaro, acabam deixando as famílias à mercê de flutuações violentas nos preços dos bens de consumo, gerando entraves no ciclo monetário da economia brasileira.

A solução ortodoxa à recessão brasileira defende que, se os governos cumprirem com a agenda de impor ajustes fiscais, automaticamente recomporia a confiança dos agentes econômicos, que retomariam os gastos em investimento, resultando na retomada da economia, na geração de empregos, apreciação cambial e em concomitância, tornando as contas públicas mais saudáveis. Parece um pouco “mágico” pensar que o ato público de não agir, transformaria uma economia depressiva em uma economia de pleno emprego, como em um passe de mágica, ignorando todos os dados empíricos que

³³⁹ Artigo escrito em novembro de 2021

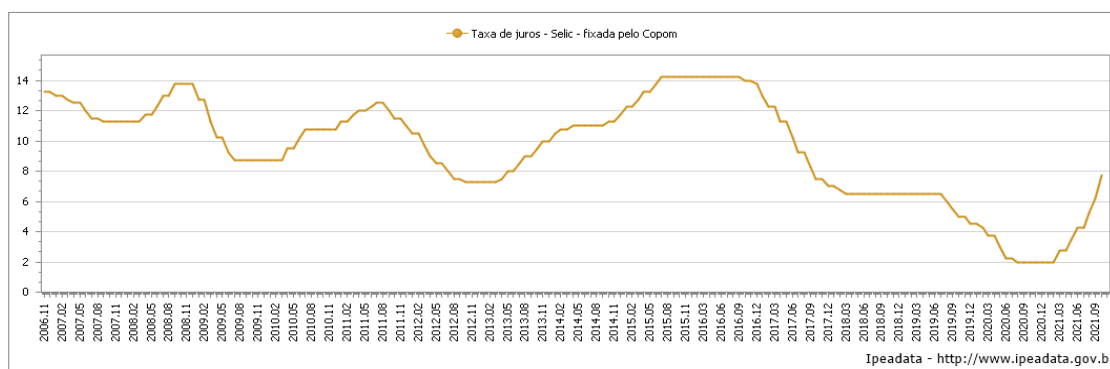
³⁴⁰ Graduando em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e integrante do Grupo de Acompanhamento e Análise da Conjuntura Econômica (GAACE) e o Programa de Educação Tutorial (PET – Economia). E-mail: alvesnicolas660@gmail.com

³⁴¹ Professora da Unidade Acadêmica de Economia da UFCG e Coordenadora do Grupo de Acompanhamento e Análise da Conjuntura Econômica – GAACE. No presente artigo foi revisora. Email: aguidasantosalmeida@gmail.com

mostram as fragilidades em que diversos setores e grupos se encontram. Outra versão mais heterodoxa da situação é a de que, se o governo realizar expansão fiscal, aqueceria a demanda interna, que posteriormente geraria dinamismo na circulação do fluxo monetário entre os agentes, gerando mais empregos e captação de tributos para o Estado, pois, como é sabido, o aumento do dispêndio governamental tem correlação positiva à elevação da FBCF (Formação bruta de capital fixo)³⁴².

Em relação à política monetária, esta é uma situação um pouco mais complexa. Recentemente o BACEN vem elevando os juros fortemente, com o objetivo de atenuar as pressões inflacionárias. A última elevação ocorreu no dia 27 de outubro, de 6,25% para 7,75%, ou seja, um aumento de 1,5 ponto percentual. Vale lembrar que a cada 1 ponto percentual de Selic aumentado, eleva em 50 bilhões de reais a conta fiscal de juros. Como foi dito, tais elevações possuem a finalidade de apreciar o câmbio, apostando que a elevação do juro irá atrair capital especulativo, e tornar os bens de consumo mais baratos. Mas é importante lembrar que estas elevações acabam pesando no endividamento do Estado, além de possuir um caráter contracionista na atividade econômica, visto que o crédito se torna mais caro às empresas e famílias, impactando em setores com alta empregabilidade e dinamismo, como por exemplo, o setor manufatureiro.

Por outro lado, a realização de uma política monetária mais expansionista, poderá agravar ainda mais a desvalorização cambial brasileira, visto que os títulos indexados à taxa Selic, como por exemplo as LFTs, se tornarão menos rentáveis para a procura externa, que por final acaba influenciando na taxa de câmbio brasileira, que repercute sobre os preços dos bens de consumo demandados pelas famílias. No gráfico abaixo é demonstrado os reajustes trimestrais da taxa Selic realizados pelo Copom. Nota-se uma elevação abrupta a partir do terceiro trimestre de 2021.



Fonte: IPEA data- Taxa de Juros – Selic- fixada pelo Copom

Com base no que foi dito percebemos que a dependência externa é um entrave à autonomia das políticas fiscal e monetária em economias de renda média como a brasileira. O elevado grau de

indexação em dólar de bens e serviços brasileiros acaba sendo um empecilho à realização de políticas monetárias mais frouxas, que possuem a finalidade geral de fomentar um nível adequado de atividade econômica, principalmente em períodos recessivos. Em relação à execução de uma política fiscal mais arrojada, ela não é muito bem-vista pelo mercado, dado que este último tem a característica de possuir dogmas desalinhados com a economia real, e acaba influenciando (quer queira ou não), variáveis macroeconômicas como a taxa de câmbio, que é considerada por muitos, um dos cinco preços macroeconômicos mais importantes.

O conceito de desenvolvimento econômico está associado a melhorias de indicadores de qualidade de vida de uma determinada nação, tais como: IDH, expectativa de vida, coeficiente de Gini e outros indicadores que dão um enfoque geral em aspectos qualitativos de natureza social e econômica. O que foi observado historicamente com base em dados empíricos foi que boa parte dos países que possuem indicadores elevados de desenvolvimento econômico, possuem em concomitância, um setor manufatureiro sólido e competitivo no mercado internacional. Os estudos de Hidalgo e Hausmann concluíram que há elevado grau de correlação positiva entre níveis de renda per capita e o grau de complexidade econômica.

Os motivos da influência da estrutura produtiva sobre os indicadores socioeconômicos de desenvolvimento decorrem do fato de o setor industrial possuir a capacidade exclusiva de agregar atividades com retornos crescentes de escala e escopo, sem contar também que as empresas industriais são as que mais exercem os efeitos de encadeamento para frente e para trás nas cadeias produtivas dos outros subsetores, além de promover uma maior divisão do trabalho, e comandar o processo de inovação e progresso técnico. Basta considerar a fabricação de um carro, por exemplo. Neste processo, demandam-se insumos como plástico, ferro alumínio, onde a indústria de transformação e o setor de commodities possuem grande participação. Também é demandado capital humano de alto nível, como: engenheiros, mecânicos e outros serviços que participam no processo produtivo. Sendo assim, a indústria demanda mão de obra qualificada, pois a necessidade de incorporar o progresso técnico no processo produtivo faz com que aumente a procura por empregos qualificados, logo, a rotatividade do capital em uma economia industrializada é mais distribuída do que uma economia primária, onde o lucro neste setor tende a se concentrar, na medida em que não há muitas opções de reincorporar o capital no processo produtivo, em comparação com uma economia industrializada. Com base nisto, uma das maneiras de descobrir o quão industrializada e complexa é uma economia, dá-se através da

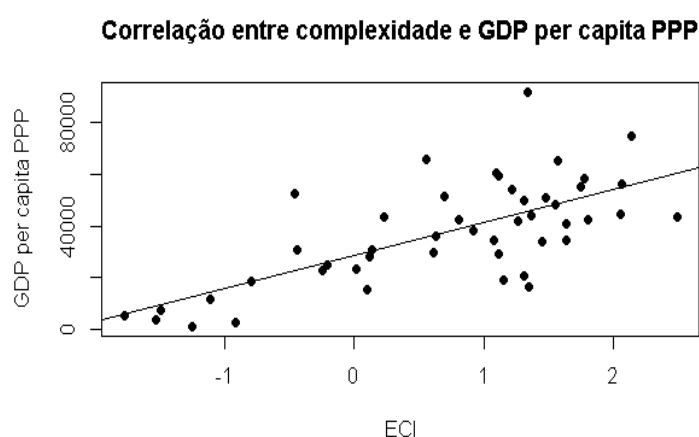
³⁴³ Artigo escrito em novembro de 2021

³⁴⁴ Graduando em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e integrante do Grupo de Acompanhamento e Análise da Conjuntura Econômica (GAACE) e o Programa de Educação Tutorial (PET – Economia). E-mail: alvesnicolas660@gmail.com

³⁴⁵ Professora da Unidade Acadêmica de Economia da UFCG e Coordenadora do Grupo de Acompanhamento e Análise da Conjuntura Econômica – GAACE. No presente artigo foi revisora. Email: aguidasantosalmeida@gmail.com

utilização de um indicador chamado de ECI (*EconomyComplexity Index*) que basicamente mede o grau de diversidade e ubiquidade na pauta exportadora de um país.

Por exemplo, a Holanda consegue produzir bens de diversos graus de complexidade, que vão desde a produção de peixes à máquina de raio X, medicamentos etc. Ou seja, a Holanda possui diversidade econômica e produz bens não ubíquos com alto grau de conteúdo tecnológico, portanto possui um elevado grau no índice ECI. Já o país de Gana, pode servir como exemplo contrário, por ser um país com baixo grau de complexidade, pois só consegue produzir peixes, o que acaba influenciando no péssimo desempenho do nível de renda per capita do país. No gráfico abaixo foi analisado a correlação entre o índice de complexidade econômica (ECI) e o PIB per capita na paridade poder de compra em dólar, com uma amostra de 47 países. Nota-se que na medida que o eixo X (ECI) avança, o PIB per capita PPP acompanha positivamente a tendência, evidenciando que há correlação.



Fonte: Elaboração própria com base nos dados do atlas da complexidade econômica- Harvard

O Brasil em 2019, registrou um ECI de 0,102, situando-se na posição 53^a no ranking mundial. Lembrando que o Brasil em 2000 assumia a posição 26^a. Esta regressão se deve principalmente às políticas de abertura comercial e desregulamentação desenfreadas implementadas nos anos 1990, somadas ao fato de que a partir da virada do milênio, o crescimento chinês alterou a dinâmica econômica global impulsionando a demanda por commodities, que fez com que vários países, principalmente da América Latina, dessem um enfoque maior à exportação de bens baseados em recursos naturais. Este boom de commodities no território brasileiro ocasionou apreciação cambial, que por seu turno, contribuiu ao estrangulamento no setor manufatureiro, que depende de um câmbio competitivo para competir externamente.

Quando eclodiu a crise em 2014 e 2015, deteriorou-se ainda mais a situação das empresas manufatureiras brasileiras. A escassez de crédito e de demanda interna, afetaram veementemente a produção automobilística, de eletrodomésticos, bens de consumo, material de construção, entre outros.

Ao longo dos últimos 20 anos, a falta de uma política industrial sólida gerou crescimentos econômicos cíclicos, alavancados pelos preços internacionais de commodities e de serviços de baixa qualidade.

Desta forma, a falta de políticas industriais sólidas, visando desenvolver empresas industriais nacionais é um fato que compromete o desenvolvimento econômico brasileiro. Além da escassez de estímulos no âmbito industrial, o Brasil também carece de uma demanda interna que impulse o mercado doméstico, e isto se dá via estímulos fiscais e monetários por parte do Governo e por bancos de fomento. Os dados do setor secundário mostraram que, no terceiro trimestre do ano de 2021, a indústria fechou com percentual negativo de -1,7% em relação ao segundo trimestre do mesmo ano. Este é o terceiro recuo consecutivo com relação aos 3 meses anteriores. Estudos mostraram também que, se o setor manufatureiro brasileiro crescesse 2% ao ano, demoraria 10 anos para alcançar a produção industrial de 2014, isto agregado ao atraso tecnológico em relação aos países no centro do capitalismo mundial, torna a necessidade de políticas industriais ainda mais urgentes e necessárias.

INFLAÇÃO E A ACENTUAÇÃO DA DESIGUALDADE SOCIAL ³⁴⁶

*Cíntia Riquele Bezerra Silva*³⁴⁷

*Águida Cristina Santos Almeida*³⁴⁸

Segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)³⁴⁹ a variação da inflação em outubro de 2021 é a maior para o mês desde 2002. Neste contexto, a inflação oficial do Brasil é medida pelos dois principais índices, que são o IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo), mensurado pelo IBGE, e o IGP-M (Índice Geral de Preços do Mercado), mensurado pela FGV. Enquanto o IPCA mede apenas a variação de preços ao consumidor, o IGP-M mensura também os preços de matérias primas agrícolas e industriais. Neste cenário, o IPCA alcançou a maior taxa para outubro (1,25%) e, como consequência do resultado, a inflação chegou a dois dígitos no acumulado de 12 meses (10,67%). Cabe destacar que mesmo com esse resultado ao chegar a 10,67% no acumulado de 12 meses, o IPCA ampliou a distância frente ao teto da meta de inflação perseguida pelo BC (Banco Central). Sendo que o teto da meta de inflação em 2021 é de 5,25% e o centro da meta é de 3,75%.

Neste cenário, de acordo com o relatório Focus³⁵⁰ do Banco Central, o mercado passou a vislumbrar a taxa básica de juros no patamar de 10,12% ao final deste ano e de 2022 diante da forte pressão inflacionária, de 8,96% e 9,77%, respectivamente, na semana anterior. As informações são da pesquisa Focus divulgada nesta segunda-feira (22). Ademais, para 2022 a projeção passou de 4,79% para 4,96%. Cabe ressaltar que o Brasil, desde 2015, apresenta taxas mais elevadas de inflação, e neste contexto, o Banco Central começou a aumentar a taxa básica de juros como instrumento para controlar a inflação. Entretanto, o que ocorreu foi o aumento tanto da inflação quanto da taxa de juros. Evidenciando, portanto, que neste cenário, a inflação não era provocada por pressão da demanda, estando mais relacionada com os choques de preços administrados e custos.

Neste aspecto, uma das possíveis causas para o aumento da inflação pode estar relacionado principalmente ao aumento da gasolina. Isso ocorre porque o preço da gasolina é influenciado pelos

³⁴⁶ Artigo escrito em Novembro de 2021

³⁴⁷ Graduanda do curso de Ciências Econômicas da UFCG, integrante do PET – Economia e do Grupo de Acompanhamento e Análise da Conjuntura Econômica (GAACE).

³⁴⁸ Professora da Unidade Acadêmica de Economia da UFCG, coordenadora do GAACE. No presente artigo foi revisora. Email: aguidasantosalmeida@gmail.com.

³⁴⁹ <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/precos-e-custos/9256-indice-nacional-de-precos-ao-consumidor-amplo.html?=&t=resultados>

³⁵⁰ <https://www.bcb.gov.br/publicacoes/focus>

reajustes aplicados nas refinarias de acordo com a política de preços da Petrobrás. No ano, a gasolina acumula alta de 38,29%. Além da gasolina, houve aumento também nos preços do óleo diesel (5,77%), do etanol (3,54%) e do gás veicular (0,84%). Outros fatores que podem contribuir com a escalada da inflação são a cotação do dólar, os preços no mercado internacional e o encarecimento dos biocombustíveis, já que eles influenciam os custos de produção, que por seu turno são repassados aos preços dos bens finais.

Desde o início da pandemia, os dois índices apresentam altas acima do que era observado nos últimos anos. O IGP-M, usado para reajustar aluguéis, é mais impactado pelos preços do dólar e das commodities. O indicador subiu 42,8% desde janeiro de 2020. Já o IPCA subiu 9,5% em 19 meses, puxado principalmente pela alta dos alimentos e dos artigos para residência (móveis, utensílios e eletrodomésticos). A alimentação dentro do domicílio ficou 21,7% mais cara desde 2020. Destacam-se também os combustíveis, tanto para veículos como para uso doméstico (como é o caso do gás de cozinha).

De acordo com os dados do IBGE, para os 15 itens com maiores altas, 9 são alimentos ou bebidas, com o seguinte panorama: óleos e gorduras (64,8%); cereais e oleaginosas (51,7%); carnes (27,5%); hortaliças e verduras (27,4%); aves e ovos (25,8%); carnes e peixes industrializados (24,8%); tubérculos e legumes (23,1%), leites e derivados (22,1%); e açúcares e derivados (20,3%). Cabe ressaltar que itens como alimentos, gás de cozinha e eletricidade estão entre os que mais encareceram e também são os mais consumidos pela parcela de renda mais baixa da população.

Além disso, na inflação acumulada (de janeiro de 2020 a julho de 2021) os itens incluídos na categoria de alimentos estão entre as maiores altas no Brasil. Quando analisada pela ótica da renda, tem-se que o aumento de preços atingiu as classes da população de maneira diferente. Segundo o levantamento do Grupo de Conjuntura da Dimac (Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas), do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), as famílias na categoria de renda muito baixa têm rendimento familiar de até R\$1.650,50 ao mês, enquanto as de alta renda recebem mais de R\$16.509,66 mensais, em valores de 2020. Sendo assim, a média do índice de inflação para a população de renda mais baixa fica em torno de 11,3%, em contrapartida, a média para a faixa de renda mais alta da população cai para 7,1%, apresentando uma variação de 4,2 percentuais entre essas duas faixas de renda.

No cenário em que o país se encontra, passando por uma recessão econômica por conta da pandemia, a alta da inflação ocorre ao mesmo tempo em que se intensifica o problema da insegurança alimentar à parcela mais pobre da população. Desse modo, a pandemia da covid-19, o permanente agravamento da crise política e a crise energética são fatores que contribuem para a alta dos preços. Além disso, as duas últimas são obstáculos para as expectativas de retomada da atividade econômica

nos últimos meses de 2021, apesar do avanço da vacinação no território nacional, que sem sombra de dúvidas, consiste na maior conquista do ano de 2021.

QUAL É A CARA DO GOVERNO BOLSONARO?³⁵¹

Nicole Freitas Gois de Siqueira³⁵²

Águida Cristina Santos Almeida³⁵³

Tradicionalmente o mês de novembro é marcado pela aplicação do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) o qual vem sendo fortemente atingido pelos interesses particulares das autoridades do governo brasileiro. É necessário destacar aqui o quão importante é a realização deste exame para os milhares de jovens e adultos brasileiros que esperam o ano todo por uma oportunidade de ingresso nas universidades públicas através das notas obtidas na prova, visando um futuro e qualidade de vida melhores.

Neste ano, poucos dias antes da aplicação do Enem, o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) o qual é responsável pela realização do exame, declarou estar em crise após 37 funcionários pedirem exoneração dos seus cargos de confiança³⁵⁴. Alguns dos servidores públicos citam como justificativa do pedido terem sofrido pressão psicológica e dizem também que a formulação do Enem 2021 foi velada³⁵⁵. Para além disso, o presidente da república, Jair Bolsonaro declarou a alguns jornalistas que o Enem de 2021 “começa a ter a cara do governo” deixando de apresentar “questões absurdas do passado”³⁵⁶.

Dado este cenário caótico, é importante refletir sobre qual é a cara do governo Bolsonaro? Em fala ao Ministro da Educação, a deputada Natália Bonavides³⁵⁷, responde bem a essa questão. Bonavides diz que o Presidente não havia mentido totalmente quando disse que o Enem começa a ter a cara do Governo, porque esse é o Enem mais excludente, e o que possui menor número de inscrições, por causa da queda brutal *de estudantes de escolas públicas e negros inscritos*.

Com isso, torna-se nítido que há muito a ser feito pela sociedade brasileira, neste caso, em especial à educação e aos estudantes brasileiros que sofrem diariamente com medidas tomadas por um

³⁵¹ Artigo escrito em novembro de 2021

³⁵² Graduanda do curso de Ciências Econômicas da UFCG, do Grupo de Acompanhamento e Análise da Conjuntura Econômica (GAACE) Integrante do Programa Educação Tutorial – PET Economia. E-mail: nicolegfreitas6@gmail.com;

³⁵³ Professora da Unidade Acadêmica de Economia da UFCG, coordenadora do GAACE e revisora do presente artigo. E-mail: aguidasantosalmeida@gmail.com.

³⁵⁴ <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2021/11/09/inep-entenda-a-crise-no-orgao-responsavel-pelo-enem-e-como-isso-pode-impactar-o-exame.shtml>

³⁵⁵ <https://g1.globo.com/educacao/enem/2021/noticia/2021/11/12/enem-2021-servidores-do-inep-denunciam-pressao-ideologica-no-processo-de-formulacao-da-prova.shtml>

³⁵⁶ <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2021/11/17/O-que-Bolsonaro-viola-ao-dizer-que-Enem-ter%C3%A1-%E2%80%98a-cara-do-governo%E2%80%9999>

³⁵⁷ <https://www.camara.leg.br/deputados/204453>

governo que demonstra, entre palavras e ações, não se importar com o desenvolvimento do povo brasileiro. Apesar disso, a chegada das eleições presidenciais em 2022 vem como oportunidade de mudança desse cenário nebuloso.

O Brasil está enfrentando uma das maiores secas de sua história, o que resultou em uma das piores crises hídricas, e isso ocasiona um drama na vida de muitos brasileiros que enfrentam dificuldades para conseguir acesso à água. Sem dúvidas, a região Nordeste é a mais afetada pela seca, principalmente a área que abrange o semiárido. Não bastasse as questões naturais e meteorológicas, decisões políticas nos últimos anos vêm só piorando a situação, tornando-a cada vez mais grave.

Criado em 2003 pelo então presidente Lula, o Programa Nacional de Apoio à Captação de Água da Chuva e outras Tecnologias Sociais (Programa Cisternas), com o objetivo de construir cisternas, utilizando tecnologia simples e de baixo custo, que acabou levando água para consumo humano e produção de alimentos para mais de 1,2 milhões de lares, beneficiando aproximadamente 5 milhões de pessoas, com destaque para famílias da zona rural localizada no semiárido brasileiro.

Contudo, o programa vem sofrendo perda de recursos desde o governo Temer e tomou uma reviravolta no segundo ano do governo Bolsonaro, com a piora na subtração de recursos que fez com que o programa recebesse o menor volume de recursos desde sua criação, há 17 anos, o que resultou na construção de apenas 8.310 cisternas. Pra se ter uma ideia, desde 2014, ano no qual foram construídas quase 150 mil cisternas, o programa já sofreu uma redução de 94% nos recursos destinados ao mesmo ao longo dos últimos seis anos seguintes.

O valor investido no programa de construção de cisternas em 2014 foi de R\$ 845,1 milhões. Já em 2019, o valor caiu para R\$ 75 milhões, ou seja, menos de 10% do montante de 2014. Embora que em 2020, por causa da pandemia, a necessidade de acesso a água seja ainda, afim de manter a higienização e evitar a contaminação pela Covid-19, nos deparamos com a triste realidade de que não há praticamente valor orçado para o programa de ano de 2021, e para piorar, do pouco que foi orçado, uma cifra ainda menor foi efetivamente gasta.

³⁵⁸ Artigo escrito em novembro de 2021.

³⁵⁹ Graduando(a) do curso de Ciências Econômicas da UFCG e integrante do Grupo de Acompanhamento e Análise da Conjuntura Econômica (GAACE).

³⁶⁰ Professora da Unidade Acadêmica de Economia da UFCG, coordenadora do GAACE e revisora do presente artigo. E-mail: aguidasantosalmeida@gmail.com.

A falta de investimentos no programa, decorrente da ausência de interesse por parte da política pública, vem provocando impactos muito profundos na vida das pessoas, dada a dificuldade ainda maior de acessar água, com destaque para região Nordeste do país. Pra se ter uma ideia, em várias localidades há filas, gerando aglomeração de pessoas, onde as mesmas acabam perdendo horas de seu dia para disputar a água de caminhões pipas e reservatórios das cidades (os poucos que ainda dispõem de alguma quantidade de água). De acordo com a Articulação Semiárido Brasileiro (ASA), há pelo menos 350 mil famílias aguardando na fila de espera pelas cisternas e mais de 800 mil precisam do equipamento para a produção de alimentos e criação de animais. Segundo o Ministério do Desenvolvimento Regional, 27 milhões de pessoas residem no semiárido brasileiro e ainda sofrem com dificuldades de acesso a água

Reverter essa situação se tornou algo quase impossível. Desde que tomou posse como presidente, Bolsonaro em seu governo, buscou de forma ferrenha, interromper os canais democráticos de diálogo, principalmente com movimentos sociais e entidades que representam interesses mais coletivos, ligados a minorias e grupos menos favorecidos. Prova disso, é que o governo Bolsonaro extinguiu o Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (CONSEA), que era um importante canal de diálogo e, por exemplo, poderia pautar o programa de construção de cisternas.

Além disso, várias outras entidades, a exemplo da Articulação Semiárido Brasileira - ASA³⁶¹, vem solicitando audiências com ministros e secretários do governo, mas sem nenhum sucesso no contato. Com isso, vê-se a clara intenção do atual governo, que é excluir o povo do Orçamento da União, sem dar a mínima para seus direitos e anseios. Ou seja, o governo que deveria agir em prol da população, em defesa da sociedade, não passa de um governo que exclui a maioria da sociedade, o que acarreta consequências como ampliação da pobreza, fome, etc, agravando cada vez mais o quadro de desigualdade social do país. Sobrou então como alternativa, a apresentação de dados ao Congresso Nacional, com o objetivo de sensibilizar os parlamentares e com isso, tentar criar uma agenda que possa garantir dentro do Orçamento da União os recursos que são necessários para que haja a manutenção do programa, fundamental na construção de cisternas no Nordeste Brasileiro.

É inegável que a água é um recurso essencial, principalmente em regiões secas, como o nosso Nordeste, sendo fundamental à sobrevivência e o desenvolvimento dessa região, bem como à manutenção da vida dessa população. Como exemplo da importância que a água desempenha na vida dos moradores do semiárido nordestino, temos que o acesso à água melhora na qualidade de vida das mulheres, uma vez que elas são as principais responsáveis pelo armazenamento e abastecimento de

³⁶¹ Institucionalidade formada por mais de 1000 organizações civis que atuam na gestão e desenvolvimento de políticas que visem à melhoria na convivência com o semiárido.

água da família e, ao se ter uma cisterna em casa ou próximo da mesma, supera-se a dificuldade de terem que se deslocar para áreas distantes a fim de encontrar alguma fonte de água, com o intuito de suprir as necessidades básicas de sua família. Faltam palavras para descrever o fato de em pleno século XXI, famílias ainda se depararem com a falta de acesso a um recurso tão importante para qualquer ser vivo, que é a água. Contudo, o roteiro que o Brasil vem seguindo nos últimos anos mostra que, se a situação tá ruim, tende a piorar ainda mais.

NFTs, CRIPTOMOEDAS E O IMPACTO QUE CAUSAM NO MEIO AMBIENTE³⁶²

*Diuary de Mélo Santos*³⁶³

*Yukimi Akami Evereux Viana Nascimento*³⁶⁴

*Águida Cristina Santos Almeida*³⁶⁵

No século XXI, a tecnologia tem se desenvolvido a níveis surreais, sendo uma das novas invenções que está em alta no momento denominada de NFT ("Non-fungible Token", em tradução livre "Token não-fungível"), que consiste num tipo de assinatura digital que torna qualquer tipo de mídia digital, como fotos, vídeos, arquivos de áudio, em um bem não-fungível. Sendo, portanto, como um certificado digital verificado por blockchain.

Os NFTs são projetados para garantir que nenhum conteúdo possa ser copiado, pondo em risco a propriedade da obra. Para entender, pode-se dar o seguinte exemplo: é como se qualquer um pudesse comprar uma gravura da Monalisa, mas apenas uma pessoa pode possuir o original³⁶⁶.

Mas, como nem sempre tudo são flores, a criação do NFT em si, não garante que o item que o NFT está vinculado irá ter valor no mercado. Somente após o NFT ter algum valor, que ele vai ser lançado no mercado, podendo ser comprado e vendido.

Para dar um exemplo, vamos supor que duas pessoas, A e B, tenham a cópia de um *meme* do Homer Simpson se escondendo em um arbusto. Se a pessoa A criou o meme e o vinculou a um Token (NFT), esse Token vai atestar a posse da cópia "original" do meme. Vemos então que na prática, a cópia do meme da pessoa A, que o criou, é a "original" e, assumindo que há alguma demanda, pode despertar o interesse de colecionadores de arte em obter a original, enquanto quaisquer outras cópias serão consideradas como "falsas".

O CEO da empresa Eletronic Arts, também conhecida apenas pelas siglas EA, Andrew Wilson, foi enfático ao declarar que esses games serão o futuro da indústria. No entanto, o executivo também

³⁶²Artigo escrito em novembro de 2021.

³⁶³Graduando em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e integrante do Grupo de Acompanhamento e Análise da Conjuntura Econômica (GAACE) e do Programa de Educação Tutorial (PET - Economia). E-mail: diuarycg@gmail.com.

³⁶⁴Graduanda em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e integrante do Grupo de Acompanhamento e Análise da Conjuntura Econômica (GAACE) e do Programa de Educação Tutorial (PET - Economia). E-mail: miukiakamievereux@gmail.com.

³⁶⁵Professora da Unidade Acadêmica de Economia da UFCG, coordenadora do GAACE e revisora do presente artigo. E-mail: aguidasantosalmeida@gmail.com.

³⁶⁶Disponível em: <https://mundoconectado.com.br/artigos/v/21538/nft-o-que-e-e-como-funciona-a-tecnologia-que-da-milhoes-de-dolares-por-arte-digital>

mencionou que o segmento ainda está em uma fase muito inicial e que ainda há alguns aspectos que exigem uma análise mais profunda. No que diz respeito ao posicionamento da desenvolvedora, já há algumas movimentações em prol de projetos na blockchain, incluindo anúncios de vagas de emprego com o termo NFT nas descrições³⁶⁷.

Outra grande empresa, a Square Enix, se posicionou de forma favorável ao segmento e alegou que tem planos para realizar investimentos nesse sentido. De acordo com os gestores da gigante japonesa, os “NFTs têm alta afinidade com seus produtos” e já há planos para uma grande “entrada na blockchain”. Resumindo, a empresa parece estar se preparando para uma “retomada” em um futuro não muito distante (um futuro que estar marcado por NFTs)³⁶⁸.

Por outro lado, também há empresas que não cogitam aderir a este tipo de mercado. Phil Spencer, chefe da divisão Xbox, revelou aquilo que pensa sobre os jogos NFT no momento. De modo geral, o mesmo parece não compartilhar da mesma empolgação da EA e da Ubisoft e adotou uma postura um tanto quanto cautelosa em relação ao segmento. Segundo o executivo, esse tipo de jogo ainda está dando os primeiros passos e, nesse momento, ainda há muita especulação e experimentação, o que tem gerado jogos de qualidade duvidosa e com arranjos voltados a explorar os usuários³⁶⁹.

Desenvolvedores Australianos de jogos também levantam bandeira contra esse mercado. Foi justamente apontando os impactos ambientais (em razão do elevado consumo de energia) do segmento que a comunidade *Games Developers of Australia* proibiu anúncios de vagas de emprego de companhias que lidam com a tecnologia blockchain e jogos NFTs “no ambiente comunitário”. De acordo com os desenvolvedores, o debate sobre esses jogos poderá continuar, mas a organização não está interessada em promovê-los enquanto as questões relacionadas aos impactos ambientais não forem regulamentadas. Por fim, a comunidade ainda apresentou dados e materiais informativos, com vistas a deixar claro o grande consumo de energia inerente às atividades do segmento³⁷⁰.

Sabendo agora o que é o NFT, e a noção das grandes empresas que pretendem aderir a este mercado, chegamos ao ponto mais importante deste artigo, que é a sua relação com o impacto ambiental no mundo. A questão central é o impacto ambiental dos NFTs, particularmente nesta era de mudanças climáticas, necessidade de reduzir os níveis de carbono na atmosfera e, os planos governamentais aprovados em prol do meio ambiente, como é o caso do New Green Deal. Artistas que também são ambientalistas convictos começaram recentemente a se afastar dos NFTs, mesmo quando isso poderia

³⁶⁷ Disponível em: <http://mmorpgbr.com.br/ea-e-mais-uma-gigante-da-industria-a-indicar-que-os-jogos-nft-serao-o-futuro-do-mundo-gamer/>

³⁶⁸ Disponível em: <http://mmorpgbr.com.br/em-reuniao-com-acionistas-square-enix-confirma-queda-nas-vendas-crescimento-do-setor-de-mmos-e-entrada-no-mercado-de-nfts/>

³⁶⁹ Disponível em: <https://www.axios.com/xbox-exploitive-nft-gaming-projects-cb3d885f-694c-462d-bcb1-a24c892db32f.html>

³⁷⁰ Disponível em: <https://everestpipkin.medium.com/but-the-environmental-issues-with-cryptoart-1128ef72e6a3>

custar-lhes milhões de dólares em receita. Esses artistas afirmam que o impacto ambiental dos NFTs é simplesmente grande demais.

Antes de discutirmos a pegada de carbono de um NFT, precisamos saber o que é exatamente uma pegada de carbono. Uma pegada de carbono é uma estimativa de todo o carbono emitido durante o processo de criação e consumo de um produto. Como existem tantas variáveis na pegada de carbono, quase sempre tem-se que estimar qual é a pegada de carbono de qualquer item ou pessoa. Como calcular a pegada exata seria muito complexo, usar uma estimativa pode ser extremamente útil para entender o impacto que um item, como um NFT, pode ter no meio ambiente³⁷¹.

No caso dos NFTs, há uma série de etapas no processo de cunhagem que não tem uma pegada de carbono conhecida, e há poucos estudos sobre o assunto. Dito isso, o *Digiconomist*, um site que examina as consequências indesejadas das tendências digitais, desenvolveu um Índice de Consumo de Energia Ethereum que estima a pegada de carbono de uma única transação da Ethereum em 37.29 kg de CO₂ (em maio de 2021)³⁷². Ou seja, são quase 38 quilogramas de carbono sendo emitidos em uma única transação envolvendo NFT.

Por causa disso, vários artistas decidiram evitar os NFTs, mesmo que isso signifique perder uma grande quantidade de dinheiro. Uma escolha como essa foi comparada a evitar voos de avião, ou ir de bicicleta para o trabalho, ou evitar carne na dieta. Isso porque todas essas coisas não constituem necessidades vitais e, cortando-as de nossas vidas, podemos ter um impacto positivo em nossas próprias pegadas de carbono, dando uma contribuição positiva, mesmo que pequena, ao meio ambiente.

Já em relação à mineração em si de criptomoedas, a extração dessas moedas virtuais também é bastante complexa. Cada minerador precisa solucionar complexos quebra-cabeças matemáticos criados pelo blockchain. Uma vez resolvidos, o minerador recebe as moedas – uma estrutura narrativa similar a de um videogame.

Porém, para resolver os quebra-cabeças, cada minerador precisa de um computador montado especificamente para esse fim, com componentes que podem produzir até 27 milhões de soluções matemáticas por segundo. Os computadores, é claro, residem no mundo real e funcionam à base de energia, que normalmente é de fontes não renováveis.

Por fim, para compreender como é grave os impactos dos NFTs no nosso ambiente, assim como a questão da mineração de criptomoedas, um estudo da Universidade de Cambridge estima que o uso de Bitcoins utiliza, anualmente, a mesma quantidade de energia fóssil que a Argentina inteira³⁷³.

³⁷¹ Disponível em: <https://ecommerce-platforms.com/pt/articles/the-environmental-impact-of-nfts>

³⁷² Disponível em: <https://digiconomist.net/ethereum-energy-consumption>

³⁷³ Disponível em: <https://www.bbc.com/news/technology-56012952>

Portanto, como ainda é um assunto pouco discutido em ambiente acadêmico, por se tratar de um âmbito voltado para *Gamers* e *Artistas*, a discussão assume um impacto maior ainda se partir do princípio que talvez grandes economistas estejam totalmente por fora dessa reflexão, expondo mais uma vez caráter reducionista da análise e teoria econômicas, que tem grande contribuição na crise ambiental que estamos vivendo, ainda sem soluções até o presente.

*Arthur Felipe Vieira Ferreira*³⁷⁵

*Águida Cristina Santos Almeida*³⁷⁶

Energia limpa e renovável é um assunto atual e cada vez mais importante, principalmente com o aumento dos gastos com energia no mundo todo, o que estimula a procura tanto de novas fontes de energia, bem como com formas mais limpas e renováveis, considerando a grave crise climática criada pelo mau uso dos recursos naturais desde a Revolução Industrial. Segundo relatório da Agência Internacional de Energia (AIE) publicado em 2021 e disponível no site³⁷⁷ CanalEnergia, 2021 irá ter um aumento de 5% na demanda por eletricidade, onde praticamente metade desse aumento será atendido por combustíveis fósseis, o que fará com que as emissões de dióxido de carbono pelo setor energético atinjam níveis recordes no ano de 2022.

O permanente aumento no consumo de energia vem desde os tempos mais antigos, como mostrado por Goldemberg e Lucon em artigo³⁷⁸, já que enquanto as sociedades primitivas utilizavam lenha, em sua maioria, na Idade Média já se fazia necessário o uso de mais fontes, como a energia de cursos de água e dos ventos, e mesmo assim não era o suficiente à época. Então não é de se espantar que exista um crescimento até hoje com a população mundial cada vez maior e o ininterrupto progresso técnico. Segundo estudo da Universidade de Washington publicado no diário científico Lancet e divulgado no site³⁷⁹ do G1, a população mundial deve continuar aumentando até o ano de 2064, quando aí sim o número deve começar a abaixar.

Nos tempos atuais é importante destacar o papel do Brasil no cenário mundial, pois de acordo com o site do Centro Nacional das Indústrias do Setor Sucroenergético e Biocombustíveis (CEISE) é possível ver um artigo³⁸⁰ em que a Organização das Nações Unidas (ONU) anunciou em janeiro de

³⁷⁴ Artigo escrito em dezembro de 2021.

³⁷⁵ Graduando(a) do curso de Ciências Econômicas da UFCG, do Grupo de Acompanhamento e Análise da Conjuntura Econômica (GAACE). E-mail: arthur.felipe@estudante.ufcg.edu.br;

³⁷⁶ Professora da Unidade Acadêmica de Economia da UFCG, coordenadora do GAACE e revisora do presente artigo. E-mail: aguidasantosalmeida@gmail.com.

³⁷⁷ <https://canalenergia.com.br/noticias/53180607/demanda-global-de-eletricidade-esta-crescendo-mais-rapido-do-que-as-renovaveis#:~:text=Um%20relat%C3%B3rio%20da%20Ag%C3%Aancia%20Internacional,para%20n%C3%ADveis%20recordes%20em%202022.>

³⁷⁸ <https://www.scielo.br/j/ea/a/tk9tsKdqdSy3CzMf58V9bw/>

³⁷⁹ <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/07/14/mundo-tera-97-bilhoes-de-habitantes-em-2064-e-nigeria-deve-se-tornar-potencia-no-fim-do-seculo-diz-estudo.ghtml>

³⁸⁰ <http://www.ceisebr.com/conteudo/onu-reconhece-brasil-como-lider-em-energias-renovaveis.html>

2021 que o Brasil iria ser o país líder no tema da Transição Energética no evento Diálogo de Alto Nível das Ações Unidas sobre Energia, que aconteceu em setembro de 2021.

Segundo dados disponíveis no site³⁸¹ do Governo do Brasil, 48% da matriz brasileira é renovável, enquanto a média mundial é de apenas 14%, e essa porcentagem diminui ainda mais quando vemos a média dos países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), onde a média é de apenas 11%. Em 2019 um estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) foi realizado, buscando comparar os dados brasileiros com os dos países que compõem os Brics, que são, Brasil, Rússia, África do Sul, Índia e China. Enquanto o Brasil tinha 54% de fontes fósseis na sua matriz energética, África do Sul, Rússia e Índia tinham acima de 90%.

Quanto às perspectivas futuras em escala mundial, um elemento que está servindo como guia para diversos países é a Agenda 2030, desenvolvida pela ONU em 2015, que consiste num plano de ação global que tem como objetivo reduzir não apenas os problemas climáticos, quanto sociais. Já no Brasil, temos o Plano Nacional de Energia 2050, que como mostrado por Vasconcelos e De Moraes Mello em artigo³⁸², foi desenvolvido pelo governo brasileiro com o objetivo de deixar a matriz energética brasileira ainda mais limpa e renovável.

³⁸¹<https://www.gov.br/pt-br/noticias/energia-minerais-e-combustiveis/2021/10/brasil-e-referencia-no-campo-da-energia-limpa-e-renovavel>

³⁸² <http://revistas.faa.edu.br/index.php/FDV/article/view/1088>

O PERMANENTE CRESCIMENTO DAS TEORIAS CONSPIRATÓRIAS³⁸³

Júlia Farias V. Caminha³⁸⁴

Águida Cristina Santos Almeida³⁸⁵

No dia 2 de novembro de 2021, centenas de estadunidenses apoiadores do movimento “QAnon” foram às ruas de Dallas, localizada no Texas, para aguardar o ressurgimento de John Kennedy Jr, morto em um acidente aéreo em 1999³⁸⁶. Creio não ser surpresa à maioria da população que ele não apareceu.

Desde o seu surgimento, é assombroso a capacidade que tais movimentos auto proclamadores da verdade absoluta, baseados simplesmente nos delírios que mentes estreitas e iludidas possuem de criar narrativas fabulosas tão absurdas e irreais, ao mesmo tempo em que o número de seus apoiadores só cresce. O grupo do QAnon surgiu em 2017 e no centro ideológico de extrema-direita, defende-se a ideia de que o mundo é, na verdade, controlado por uma seita de pedófilos traficantes de crianças e satanistas que comandam a política global através do *deep state*³⁸⁷. Desse modo, não é de admirar que esse tipo pensamento e movimento preocupe tanto o cenário da política mundial. No nosso país, por exemplo, esses movimentos já ganharam notoriedade com o “jeitinho brasileiro” de fazer as coisas³⁸⁸.

Partindo do pressuposto que, no Brasil, o grande vilão dessa narrativa reciclada se concentra na imagem do Lula e no ódio aos partidos e ideologias de esquerda, a substância do QAnon tupiniquim é o combate à corrupção dos comunistas, somado ao descrédito das urnas eletrônicas, Kit Gay e outras aberrações que vêm sendo construídas e alimentadas desde as eleições de 2018. Portanto, quem representa fielmente esses discursos, se tornando o herói salvador da pátria que irá recuperar os dias de glória da ditadura militar de 1964 é, segundo seus apoiadores, o atual presidente Jair Messias Bolsonaro. Todavia, não é somente no Brasil e nos Estados Unidos que essas teorias conspiratórias

³⁸³Artigo escrito em dezembro de 2021.

³⁸⁴Graduanda do curso de Ciências Econômicas da UFCG, do Grupo de Acompanhamento e Análise da Conjuntura Econômica (GAACE) e do grupo PET-Economia (Programa de Educação Tutorial do curso de Ciências Econômicas). E-mail: juliafarias.uniufcg@gmail.com ;

³⁸⁵Professora da Unidade Acadêmica de Economia da UFCG, coordenadora do GAACE e revisora do presente artigo. E-mail: aguidasantosalmeida@gmail.com.

³⁸⁶ Matéria do G1: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/11/02/seguidores-do-movimento-conspiracionista-qanon-se-reunem-em-dallas-a-espera-do-reaparecimento-de-john-kennedy-jr-morto-em-1999.ghtml>

³⁸⁷ Matéria do EL PAÍS: <https://brasil.elpais.com/internacional/2021-01-12/teorias-conspiratorias-do-qanon-varrem-o-mundo-e-sao-mais-perigosa-do-que-parecem.html>

³⁸⁸ Matéria do EL PAÍS: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-02-13/qanon-brasileiro-segue-firme-nas-redes-e-se-mostra-alinhado-a-movimento-de-teorias-conspiratorias-dos-eua.html>

ganham força, na Europa essas ideologias também já começaram a fazer estardalhaço³⁸⁹, revelando o caráter de alta propagação de grupos alinhados com ideologias da extrema direita.

Infelizmente, foi com o pânico sobre a crise da pandemia do Covid-19 que essas teorias ganharam cada vez mais visibilidade, ajudando a popularizar uma política xenofóbica, classista e anticientífica. Desse modo, durante esse período, diversas teorias e notícias falsas surgiram e ganharam espaço na visão de mundo de muitas pessoas. Desse modo, viu-se notícias, por exemplo, especulando que o próprio governo chinês poderia ter criado o vírus e o espalhado pelo mundo, ou que, na verdade não existe pandemia, mas sim um teatro midiático feito para controlar as pessoas (tipo de crença que faria sentido em 1904, com a Revolta da Vacina); informações não científicas sobre a inutilidade de máscaras e o movimento antivacina, desacreditando e criando narrativas falsas sobre as vacinas³⁹⁰ – que abrange diversas teorias que a compõem: chip de espionagem chinesa, ineficácia, liberdade individual, imunidade de rebanho - entre outras³⁹¹.

Portanto, a grande questão e preocupação primordial a qual estamos todos expostos não é sobre necessidade de proteger o indivíduo de ser enganado e acreditar em simples mentiras da internet, o que é realmente essencial é proteger a democracia, é impedir que os fatos e a história sejam deturpados e como consequência fragilizem tanto as instituições, quanto os pilares sociais democráticos que a compõem. O importante é evitar que, no Brasil, 600 mil pessoas morram por causa de desinformação, é evitar que as populações de países pobres e os pobres de países ricos sejam negligenciados por políticas racistas que se escondem por trás de uma retórica pseudo econômica de que a “economia não pode parar ou a culpa é sua”. Assim sendo, precisamos tratar o crescimento desses movimentos conspiratórios com absoluta seriedade, a fim de compreender de forma clara como combatê-los e aniquilar sua ascensão, protegendo os próprios porta vozes desses movimentos das consequências nefastas de suas ideias.

³⁸⁹ Matéria do ESTADO DE MINAS:

https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2020/09/14/interna_internacional,1185149/movimento-conspiratorio-qanon-abre-caminho-na-europa-com-crise-da-covi.shtml

³⁹⁰ Matéria do tecmundo: <https://www.tecmundo.com.br/ciencia/229094-teorias-conspiracao-tem-ver-o-movimento-antivacina.htm>

³⁹¹ Matéria do BBC NEWS: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-54787746>

DE FATO, O BRASIL NÃO É PARA AMADORES³⁹²

Jonathas Nathan Ferreira Alves³⁹³

Ágida Cristina Santos Almeida³⁹⁴

A expressão popular “o Brasil não é para amadores” resume a trajetória tomada pelo país em 2021. Infelizmente, não a reconheço no sentido “bom” da frase, mas sim pelas inúmeras dificuldades e angústias vividas pelo povo brasileiro no corrente ano. De um lado, presenciamos gradativamente a piora das condições econômicas e sociais do país, do outro, vimos líderes do poder público insistirem em falácias como “o país está decolando”³⁹⁵ num contexto completamente desvinculado com a nossa realidade. Agora, no fim do ano, o mesmo discurso político está persistindo e inflando os pulmões dessas pessoas que dizem que o país “está bem”. Entretanto, os últimos dados divulgados e as projeções para o ano mostram o contrário e evidenciam que, na verdade, este voo nem sequer fez decolagem.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil caiu 0,1% no 3º trimestre de 2021, confirmando a entrada do país em uma nova recessão técnica que já havia sido presenciada em 2020³⁹⁶. Outrossim, a retração de alguns setores da economia nos últimos meses do ano já sinaliza que o resultado do PIB do quarto trimestre também será negativo³⁹⁷. Dessa forma, mesmo o PIB sendo um indicador meramente quantitativo – desconsidera outras formas de mensuração como, por exemplo, distribuição de renda, condições da população em termos de lazer, saúde, etc. – seu resultado ainda será baixo e pouco expressivo, mantendo o padrão da economia brasileira desde 2015, que quando não registra retrações do PIB, registra taxas irrisórias de crescimento, indicando que não há motivos para dizer que o país está, de fato, se recuperando.

Outro fator econômico que tomou bastante força em 2021 e alvo de muitas discussões foi a inflação. Segundo os dados divulgados pelo IBGE em novembro, o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) – índice oficial da inflação do país – foi de 9,26% no ano e 10,74% no acumulado de 12 meses³⁹⁸. Isso configura um patamar acima do teto da meta (5,25%) estabelecida pelo Banco Central e é

³⁹² Artigo escrito em dezembro de 2021.

³⁹³ Graduando em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), integrante do Grupo de Acompanhamento e Análise da Conjuntura Econômica (GAACE) e do Programa de Educação Tutorial em Economia (PET – Economia). E-mail: jonathasnathan15@gmail.com

³⁹⁴ Professora da Unidade Acadêmica de Economia da UFCG e Coordenadora do Grupo de Acompanhamento e Análise da Conjuntura Econômica – GAACE. No presente artigo foi revisora. E-mail: aguidasantosalmeida@gmail.com.

³⁹⁵ <https://economia.uol.com.br/noticias/estadao-conteudo/2021/08/20/guedes-brasil-esta-decolando-neste-momento.htm>

³⁹⁶ <https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/12/02/pib-cai-01percent-no-3o-trimestre.ghtml>

³⁹⁷ <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/12/projecao-de-pib-negativo-no-quarto-trimestre-de-2021-ganha-forca-apos-queda-de-servicos.shtml>

³⁹⁸ <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2021-12/inflacao-oficial-e-de-095-em-novembro>

atribuída, principalmente, pelo aumento no preço dos combustíveis, energia elétrica e alguns produtos alimentícios³⁹⁹. Como a inflação é um fenômeno generalizado e que não “escolhe” vítima, os mais afetados com esta alta de preços são as pessoas em situação de vulnerabilidade econômica que agora precisam dispor mais de sua renda para arcar com seus mantimentos essenciais, ao mesmo tempo que não dispõem de mecanismos para proteger a renda dos aumentos de preços, o que incorre em permanente queda do poder de compra.

Se a situação para os indivíduos que possuem algum rendimento já é preocupante, imagine o contexto vivido por aqueles que estão às margens do mercado do trabalho. É, no mínimo, desesperador. Dados divulgados recentemente pela Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede Penssan) revelaram que há 19 milhões de pessoas passando fome, além disso 55% das famílias brasileiras estão em situação de insegurança alimentar. É preciso destacar que tal emergência social tem ajudado a ressaltar uma ferida histórica da sociedade brasileira: a desigualdade racial⁴⁰⁰.

Ressalto que os problemas do país não se resumem aos citados anteriormente, este artigo não seria suficiente para englobar todas as temáticas sobre o assunto. Contudo, é indispensável uma análise sobre o fim de uns dos programas sociais mais importantes na história do país e de reconhecimento mundial: o Bolsa Família. No contexto em que há um agravamento das condições sociais, aumento das pessoas voltando ao mapa da fome, piora das condições do mercado de trabalho e desemprego, necessidade de recursos ao enfrentamento das consequências de uma pandemia que tende a se perpetuar nos próximos anos, o governo do atual presidente Jair Bolsonaro decidiu acabar com o Programa Bolsa Família e substituí-lo por um novo programa intitulado Auxílio Brasil.

Numa jogada política para levantar popularidade em seu governo, o atual presidente aprovou o novo benefício de R\$ 400,00 para as famílias em situação de vulnerabilidade econômica. Mas, se o valor desse benefício é maior do que o valor do Bolsa Família, por que ele se apresenta como um problema? Primeiro, o novo auxílio possui um caráter individual, de acordo com o qual o cidadão precisa fazer uma solicitação do benefício através de meios digitais, contrariamente ao Bolsa Família que dispunha de serviços da assistência social para fazer tal solicitação. Indaga-se: será que todos possuem a mesma capacidade e meios para fazer este processo? Se o pedido for negado por falta de informações, como proceder haja vista que se trata de processo individual?

Em segundo lugar, o Auxílio Brasil possui caráter regressivo entre seus beneficiados, pois uma família com um número maior de integrantes receberá o mesmo valor que uma família com poucos

³⁹⁹<https://exame.com/economia/etanol-uber-cafe-veja-os-itens-que-mais-subiram-de-preco-no-brasil/>

⁴⁰⁰<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/11/fome-e-desemprego-no-brasil-tem-cor-apontam-pesquisas.shtml>

membros, diferentemente do Bolsa Família que aumentava o valor conforme o número de integrantes da família. Em terceiro lugar, não há garantias de que o novo auxílio perdure pelos próximos anos, dado a falta de clareza e compromisso em sua elaboração, contrariamente ao Bolsa Família que nas últimas duas décadas tirou milhões de pessoas da extrema pobreza e do mapa da fome, diminuiu a desigualdade, gerou emprego, aumentou a escolarização, intensificou o controle das carteiras de vacinação das crianças, entre outros benefícios⁴⁰¹. É indiscutível que o Bolsa Família foi um programa verdadeiramente completo, ao mesmo tempo que custava pouco aos cofres públicos, e atendia demandas centrais da sociedade brasileira.

Dado todas as colocações feitas anteriormente, reitero minha afirmação novamente: de fato, o Brasil não é para amadores. Vivemos mais um ano bastante difícil em diversos aspectos, no qual alguns problemas tendem a se perpetuar para os próximos anos. Todavia, em 2022, há uma luz no fim do túnel com as eleições presidenciais no país que poderá mudar o rumo da nossa nação. Não será um ano fácil e nem esperemos que a situação melhore do dia para a noite. Infelizmente, possuímos uma elite nacional que dificilmente se dará por vencida, a depender das eleições presidenciais, mas há uma esperança, mesmo que mínima, que no médio prazo as coisas se resolvam e que haja um governo que governe, de fato, para o seu povo e não apenas em benefício próprio e da minoria abastada.

⁴⁰¹<https://brasil.elpais.com/brasil/2021-11-05/requiem-pelo-bolsa-familia-o-programa-eficaz-e-barato-contr-a-pobreza-se-despede-do-brasil.html#:~:text=Impressiona%20rever%20o%20que%20se, reduziu%20a%20gravidez%20na%20adolesc%C3%Aancia%2C>